



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

**SOZINHA EU ANDO BEM, MAS COM VOCÊ ANDO MELHOR: AS PRÁTICAS
INFORMACIONAIS DE BIBLIOTECÁRIAS E MEDIADORAS DE LEITURA DA
REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS (RNBC)**

RECIFE
2023

YASMIN WINK FINGER

**SOZINHA EU ANDO BEM, MAS COM VOCÊ ANDO MELHOR: AS PRÁTICAS
INFORMACIONAIS DE BIBLIOTECÁRIAS E MEDIADORAS DE LEITURA DA
REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS (RNBC)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação

Área de concentração: Informação, Memória e Tecnologia.

Orientadora: Profa. Dra. Edilene Maria Silva

Co-orientadora: Profa. Dra. Anna Elizabeth Galvão Coutinho Correia

RECIFE

2023

Catálogo na fonte
Bibliotecária Lillian Lima de Siqueira Melo – CRB-4/1425

F497s Finger, Yasmin Wink
Sozinha eu ando bem, mas com você ando melhor: as práticas
informacionais de bibliotecárias e mediadoras de leitura da
Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC) / Yasmin Wink
Finger. – Recife, 2023.
141f.: il.

Sob orientação de Edilene Maria Silva.
Sob coorientação de Anna Elizabeth Galvão Coutinho Correia.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro
de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Ciência da
Informação, 2023.

Inclui referências e apêndices.

1. Bibliotecas comunitárias. 2. Práticas informacionais- Bibliotecárias. 3.
Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias. I. Silva, Edilene Maria
(Orientação). II. Correia, Anna Elizabeth Galvão Coutinho (Coorientação)
Título.

020 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2023-149)

YASMIN WINK FINGER

**SOZINHA EU ANDO BEM, MAS COM VOCÊ ANDO MELHOR: AS PRÁTICAS
INFORMACIONAIS DE BIBLIOTECÁRIAS E MEDIADORAS DE LEITURA DA
REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS (RNBC)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação. Área de concentração: Informação, Memória e Tecnologia.

Aprovada em: 24/05/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Edilene Maria da Silva (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Hélio Márcio Pajeú (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a Dr^a Májory Karoline Fernandes de Oliveira Miranda (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco
Prof^a Dr^a Elisa Campos Machado (Examinador Externo)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

Dedico esta dissertação à minha mãe e minha avó, que construíram bases sólidas para que eu crescesse e escolhesse trabalhar em algo que, acima de tudo, me fizesse feliz. Tenho a lembrança viva de quando eu passei no vestibular e fui correndo para casa abraçá-las. Mãe, em vários momentos dessa escrita e de todas as outras que já fiz, lembro do seu empenho em garantir uma educação de qualidade. Vó, você nunca saiu do meu lado, e está comigo em todas as memórias que se tornaram motivos para me tornar bibliotecária. Eu amo vocês.

Minha dedicatória vai também para todas as pessoas que trabalharam comigo nas bibliotecas comunitárias, desde 2015 até 2022. Foram 7 anos de muitos encontros, que se tornaram amizades, e até um amor. Com este trabalho eu conheci um país e um novo lar, o estado de Pernambuco. Obrigada RNBC, por me fazer encontrar um lugar no mundo. E cito o nome de algumas pessoas fundamentais nesta trajetória: Priscila, Camila, Viviane e Eduardo, do Rio Grande do Sul, a equipe inteira da Releitura-PE, Sthefano, Tarcísio, Fábio, Cicera, Flávia, Rafaela, Isamar, Selma, Fabiana, Willams, Betânia, Rafael, Marli, Rogério, Daniel, Patricia, Vania e Ilma, mas também todas as bibliotecárias que atuaram na RNBC e que possibilitaram trocas fundamentais, Cida, Thais, Naide, Meibe, Dani, Isa, Zenita, Vilma e outras que passaram por nós.

Todas essas pessoas estão nessas páginas abaixo, e construíram esses saberes comigo, ou construíram com outras pessoas e eu li e utilizei no meu trabalho. Em especial, três pessoas que não estão ali em cima, Hugo Maciel, meu companheiro de vida e de educação, você faz meu olhar pra tudo isso ficar mais bonito e poético, obrigada pelo amor. Juliana Albuquerque, que me convidou para o mestrado, em uma ligação despreocupada em uma terça-feira, obrigada Ju, por acreditar e confiar em mim. Wérleson Santos, amigo que fiz no mestrado e que levo comigo para todos os caminhos desde então, você foi um presente lindo, obrigada pelas trocas. Eu amo vocês.

Agradeço também à Prof. Edilene, orientadora, que foi de um acolhimento, diálogos, gargalhadas e trocas incríveis. Você é uma professora inspiradora, e uma orientadora acolhedora e justa. À Prof. Anna Elizabeth, co-orientadora, pelas trocas sinceras e importantíssimas. À Prof. Majory Miranda pela injeção de motivação, esperança e inspiração na academia. Vocês fazem diferença na academia. Obrigada a todos.

RESUMO

O presente trabalho tem como tema as práticas informacionais e atuação das bibliotecárias em bibliotecas comunitárias. A problemática questiona: como são as práticas informacionais de bibliotecárias e mediadoras de leitura da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC)? Apresenta como objetivo geral compreender as práticas informacionais de bibliotecárias e mediadoras de leitura da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias e como objetivos específicos: caracterizar o trabalho das bibliotecárias e mediadoras de leitura da RNBC; identificar as práticas informacionais das bibliotecárias da RNBC; identificar as práticas informacionais das mediadoras de leitura da RNBC e, por último, entender as relações entre as práticas informacionais de bibliotecárias e mediadoras de leitura. Como metodologia é uma pesquisa explicativa, enquanto meios de investigação utiliza a pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo a partir da técnica de entrevistas com seis bibliotecárias e seis mediadoras de leitura. A análise dos dados foi realizada utilizando a análise de conteúdo e o uso do modelo bidimensional de práticas informacionais, a versão estendida de Yeoman (2010). Concluiu-se que as práticas informacionais das profissionais estudadas empreendem a elas não somente serem sujeitos como fontes de informação, mas também produtoras de conhecimentos. Percebeu-se também que utilizam-se de uma variedade de fontes de informação, mas que as pessoais são as mais valorizadas. Considera-se que é fundamental que tenha-se mais bibliotecárias atuando em bibliotecas comunitárias e que isso é responsabilidade das políticas públicas.

Palavras-chave: bibliotecas comunitárias; práticas informacionais; bibliotecárias.

ABSTRACT

The present work has as its theme the informational practices and the role of librarians in community libraries. A problematic question: how are the informational practices of librarians and reading mediators of the National Network of Community Libraries? It presents as a general objective to understand the informational practices of librarians and reading mediators of the National Network of Community Libraries and as specific objectives: to characterize the work of librarians and reading mediators of the RNBC; identify the informational practices of RNBC librarians; identify the informational practices of the RNBC reading mediators and, finally, understand the relationships between the informational practices of librarians and reading mediators. As a methodology, it is an explanatory research, as a means of investigation, it uses bibliographic research and field research based on the technique of interviews with six librarians and six reading mediators. Data analysis was performed through content analysis and the use of the two-dimensional model of informational practices, the pulled version of Yeoman (2010). It was concluded that the informational practices of trained professionals undertake them not only as subjects as sources of information, but also producers of knowledge. It was also noticed that they use a variety of sources of information, but that people are the most valued. Consider that it is essential that more librarians occur in community libraries and that this is the responsibility of public policies.

Keywords: community libraries; information practices; librarians.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Everyday life por Savolainen (1995).....	21
Figura 2 - Modelo bidimensional de McKenzie (2003).....	24
Figura 3 - Modelo de Yeoman (2010).....	25
Figura 4 - Síntese do Modelo de Harlan realizada por Rocha, Duarte Paula.....	26
Figura 5 - Modelo de Harlan traduzido	27
Figura 6 - Atividades das bibliotecas.....	64
Figura 7 - Etapas da Análise de Conteúdo	72
Figura 8 - Categorias de análise apresentadas de acordo com o modelo de Yeoman (2010) do grupo de bibliotecárias.....	107
Figura 9 - Categorias de análise apresentadas de acordo com a versão estendida do modelo de Yeoman do grupo de Mediadoras de Leitura.....	109

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil profissional das bibliotecárias 1.....	77
Quadro 2 - Perfil de interesses das bibliotecárias e a conexão com a RNBC.....	78
Quadro 3 - Perfil profissional das mediadoras de leitura.....	83
Quadro 4 - Perfil de interesses das bibliotecárias e a conexão com a RNBC.....	84

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BC	Biblioteca Comunitária
CI	Ciência da Informação
ELIS	Everyday information seeking
PI	Prática Informacional
RNBC	Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias

SUMÁRIO

1	JUNTANDO MÃO COM MÃO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	12
2	PRÁTICAS INFORMACIONAIS: O OLHAR CONTEMPORÂNEO SOBRE UMA PRÁTICA COTIDIANA.....	15
3	BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: MEDIADORAS DE LEITURA E BIBLIOTECÁRIAS ANDANDO JUNTAS NA CONSTRUÇÃO DE UM PAÍS DE LEITORES.....	29
4	MEDIAR A INFORMAÇÃO, A LITERATURA E A CULTURA NAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS.....	58
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	66
5.1	DESENHO DA PESQUISA (TIPO DE ESTUDO).....	66
5.2	LOCAL DA PESQUISA.....	67
5.3	AMOSTRA DE PARTICIPANTES	67
5.4	CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO.....	69
5.5	ABORDAGEM DOS PARTICIPANTES	69
5.6	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	70
5.7	PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS	71
5.8	PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS...	72
5.9	CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	75
6	FORMANDO UMA RODA, CANTANDO UMA CANÇÃO: RESULTADOS E ANÁLISES.....	76
6.1	CONTEXTOS E PERFIS DAS BIBLIOTECÁRIAS E MEDIADORAS DE LEITURA.....	76
6.2	BUSCA ATIVA.....	87
6.3	VARREDURA ATIVA.....	90
6.4	MONITORAMENTO NÃO-DIRECIONADO.....	92
6.5	POR PROCURAÇÃO.....	94
6.6	SUJEITOS COMO FONTE DE INFORMAÇÃO.....	98
6.7	USO DA INFORMAÇÃO.....	101

6.8	PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO.....	102
6.9	CATEGORIAS DE ANÁLISE A PARTIR DO MODELO DE YEOMAN (2010).....	107
7	MINHA CIRANDA NÃO É MINHA SÓ, ELA É DE TODOS NÓS: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
	REFERÊNCIAS.....	121
	APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS - BIBLIOTECÁRIAS.....	133
	APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTAS - MEDIADORAS DE LEITURA.....	135
	APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - COLETA DE DADOS VIRTUAL PARA BIBLIOTECÁRIAS.....	137
	APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - COLETA DE DADOS VIRTUAL - MEDIADORAS DE LEITURA.....	139
	APÊNDICE E - CONTATO COM ENTREVISTADAS.....	141

1 JUNTANDO MÃO COM MÃO: considerações iniciais

Se, de vez em quando, tiver a necessidade de fechar os olhos para sentir os cheiros e os sabores, faça-o e embarque conosco. Respire fundo e imagine. Sinta-se segura, pois te levaremos a territórios úmidos, cobertos com muita matéria orgânica, onde pessoas se organizam em movimentos, grupos e coletivos para ocupar, resistir e criar (SOUZA; DAMASCENA; SOUSA, 2018, p. 38).

Este trabalho não poderia ser escrito sem poesia, pois sem ela não há bibliotecas comunitárias. Talvez falte um pouco disso a nós pesquisadores, um tanto de leveza na organização, produção, disseminação e uso da informação e do conhecimento. Este “pedaço de papel” é uma pesquisa científica, mas também uma cartografia de meu trabalho, o qual desenvolvo há sete anos com bibliotecas comunitárias.

Ao longo dos últimos anos, as bibliotecas comunitárias vêm se fortalecendo, seja através de políticas públicas, como também da ação coletiva de diversas bibliotecas que se organizam e hoje formam a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC). A partir de 2014, essas bibliotecas passaram a contar com o trabalho de bibliotecárias, as quais, fugindo dos caminhos tradicionais que normalmente são traçados, são responsáveis tecnicamente por mais de quatro bibliotecas, chegando a dezesseis em algumas regiões.

As bibliotecas comunitárias são iniciativas das comunidades, majoritariamente nas periferias das cidades do Brasil, chefiadas por mediadoras e mediadores de leituras, sendo que 79% destes profissionais são mulheres. Essas pessoas são leitores e leitoras das bibliotecas, moradores das comunidades, militantes de movimentos sociais, familiares de leitores, educadores, etc. A dedicação com o espaço leva-os a se tornarem leitores vorazes, escritores, contadores de histórias, cursam faculdades e se formam como educadores (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2018).

Levando em consideração que hoje a RNBC conta com mais de 120 bibliotecas comunitárias, em quatro regiões do Brasil e nove estados, é fato dizermos que este movimento social pelo direito humano à literatura tem força e representatividade para pesquisarmos suas expansões e organizações internas, trazendo reflexões para a Ciência da Informação (CI), tanto nos aspectos gerenciais, administrativos, técnicos, culturais e educativos.

A atuação das bibliotecárias da RNBC inaugura uma atuação que envolve o assessoramento junto a mediadoras de leitura, e, portanto, por ser inovador, deve ser

analisada a partir das abordagens da Ciência da Informação. Ao atuar em rede, a bibliotecária se encontra não mais com uma biblioteca específica para gerenciar, a qual acompanha a rotina diariamente, e sim com um número de bibliotecas maior, necessitando de ferramentas específicas para gestão desses espaços. Desta forma, foi escolhida a abordagem social dos estudos de usuários - as práticas informacionais - por oferecer um campo que compreende todos os sujeitos como mobilizadores de informação, os quais possuem um contexto histórico, social, cultural e político que é motivador.

Assim, indaga-se enquanto problema de pesquisa: Como são as práticas informacionais de bibliotecárias e mediadoras de leitura da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias?

Assim, o objetivo deste estudo é compreender as práticas informacionais de bibliotecárias e mediadoras de leitura da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias. Os objetivos específicos são:

1. Estudar as práticas informacionais a partir das diferentes correntes históricas e sociais;
2. Caracterizar o trabalho das bibliotecárias e mediadoras de leitura da RNBC;
3. Identificar as práticas informacionais das bibliotecárias e das mediadoras de leitura da RNBC;
4. Apontar como as práticas informacionais contribuem para os sujeitos nas bibliotecas comunitárias.

Os estudos nas áreas de bibliotecas comunitárias ainda são poucos. Através de pesquisa realizada na base de dados Brapci, utilizando a palavra-chave “biblioteca comunitária” foram encontrados 72 resultados. Como afirmaram Alves (2018) e, anteriormente, Machado (2008) as pesquisas ainda são incipientes em relação a área de bibliotecas comunitárias, apesar do aumento gradativo de experiências como essa. Se em 2008, Machado identificou 350 iniciativas, hoje a RNBC acredita existirem muito mais, porém sem embasamento científico sobre o assunto.

Esta pesquisa justifica-se por propor um olhar sobre as práticas informacionais de uma tipologia de biblioteca ainda pouco estudada: as comunitárias, sobretudo a atividade de bibliotecárias que atuam como assessoras junto de mediadoras de leitura. Estudar as bibliotecas comunitárias é lançar uma lupa sobre seus desafios e glórias, colhendo-os para que sirvam de saberes importantes para a Ciência da Informação.

Há, portanto, dois aspectos primordiais que justificam esta pesquisa: pôr a luz sobre um trabalho que vem sendo desenvolvido há anos e foi pouco estudado cientificamente (bibliotecas comunitárias), e o embarque no trem que vem estudando práticas informacionais no Brasil e que nos últimos anos obteve descobertas importantes, mas ainda não olhou para as bibliotecas comunitárias. Estes dois pontos se entrelaçam e evidenciam uma Biblioteconomia e Ciência da Informação recortadas por posições políticas que valorizam os saberes em suas diversas formas, reconhecem o impacto dos profissionais da informação na sociedade e compreendem que os sujeitos têm lugares de fala histórico, social, cultural e político.

Destarte, há neste trabalho uma posição de pesquisadora trabalhadora, que atua diretamente no campo a ser estudado há mais de sete anos. Assevera-se nesta pesquisa o impacto de conhecer os saberes não só através das palavras e da observação, mas também na prática cotidiana, prática esta que motivou a realização desta dissertação. Dessa maneira, a pesquisa é uma indagação que é individual, mas também coletiva, pois se dá em um trabalho que é realizado em rede e com muitas mãos, e que gera frutos tanto para a academia quanto para o chão das bibliotecas.

Nesta condução, a pesquisadora se encontra em posição também de trabalhadora, e foi a partir desta prática, que houve a mobilização para a realização desta pesquisa. No dia a dia, desafios foram sendo encontrados e compreender as práticas informacionais tornou-se uma estratégia, sob a ótica das ferramentas e teorias da Ciência da Informação, possíveis de analisar a relação entre bibliotecárias e mediadoras de leitura.

Portanto, há neste trabalho um caráter científico, por obviedade, e prático, o que garante à pesquisa a compreensão de alguns conceitos das bibliotecas comunitárias. Entretanto, sabe-se que o leitor não é, necessariamente, um conhecedor nato desta área, e por isso, teceremos sobre o assunto das bibliotecas comunitárias e práticas informacionais.

Nos próximos capítulos o leitor encontrará o aparato teórico da dissertação, com a primeira parte destinada às práticas informacionais, a segunda parte, às bibliotecas comunitárias e a terceira parte destinada à mediação de informação, leitura e cultura. Em seguida, os procedimentos metodológicos são apresentados e, por fim, os resultados e considerações finais desta pesquisa.

Destacamos que todos os capítulos desta dissertação contém um trecho da obra “Minha Ciranda” da cirandeira pernambucana Lia de Itamaracá, você perceberá no final da leitura os motivos desta escolha. Boa leitura.

2 PRÁTICAS INFORMACIONAIS: o olhar contemporâneo sobre uma prática cotidiana

O estudo em práticas informacionais (PIs) surge, a partir dos anos 90, dos desdobramentos dos estudos de usuários e embebido por diversos movimentos intelectuais. Seu precursor é o cientista Reijo Savolainen, todavia, alguns autores já vinham trazendo a necessidade dos pesquisadores analisarem a informação para além das dinâmicas acadêmicas. No Brasil, o Professor Doutor Carlos Alberto Ávila Araújo e os pesquisadores do grupo de estudos da UFMG movimentam os estudos na área. Teceremos ao longo desta subseção, inicialmente, um aporte histórico e social dos estudos de usuários, comportamento informacional e de práticas informacionais, três abordagens que se interligam ao longo da história da Ciência Informação. Em seguida, abordaremos a conceituação do termo práticas informacionais, os modelos utilizados e, por fim, os recentes estudos sobre o tema.

Para abordarmos as práticas informacionais precisamos nos remeter aos estudos de usuários. Abarcado pelo paradigma físico da Ciência da Informação e o modelo positivista de ciência, no qual as ciências naturais e sociais são estudadas a partir dos mesmos métodos, os estudos de usuários tiveram dois pontos de partida pré definidos: os estudos sobre o uso de bibliotecas, realizadas na Universidade de Chicago, nos anos 1930, tendo como enfoque o objeto documento, realizando análises sobre a utilização dos sistemas das bibliotecas, procurando saber quais seriam os documentos mais solicitados, ou seja, de forma geral estudando uso dos recursos informacionais. O segundo precursor eram os estudos do perfil dos usuários destes recursos, a partir das informações sociodemográficas, como profissão, escolaridade e idade (ARAÚJO, 2017; FIGUEIREDO, 1994).

Os instrumentos de coleta de dados resumiam-se a questionários com a intenção de tabular os comportamentos e quantificar os resultados, tendo como objetivo principal o aprimoramento dos recursos informacionais, além da ampliação do conhecimento sobre o público da instituição. De caráter puramente administrativo, estes estudos ignoravam consequentemente os aspectos do homem enquanto ser psíquico e social. A informação era vista como algo quantificável, palpável, um retrato da época (ARAÚJO, 2017; FIGUEIREDO, 1994).

Já nos anos 1970, os estudos de usuários mudam o foco dos documentos para os usuários deles, se embebedam do paradigma cognitivo, e os estudos do comportamento informacional tomam força, colocando o cognitivo humano como ponto fundamental da

apreensão da informação. Entre a necessidade da informação e a formalização do pedido ao profissional da informação, percebeu-se que existia uma gama de outras atividades, como seleção e coleta, além de aspectos emocionais, cognitivos e ambientais. Tom Wilson foi pioneiro ao apresentar o primeiro modelo de comportamento informacional, que se segue em outros modelos ao longo das pesquisas (BAPTISTA, CUNHA, 2007; ARAÚJO, 2017; FIGUEIREDO, 1994; WILSON, 1981).

Os métodos utilizados ampliaram-se para a observação dos usuários e de documentos, além de abordagens sociológicas adentradas nos estudos de usuários. A informação especializada e a facilidade do acesso eram pontos importantes nesta época. Os estudos focavam na forma como o usuário buscava a informação. Ignorava, portanto, o meio social em que o indivíduo estava presente (ARAÚJO, 2017; FIGUEIREDO, 1994). De acordo com Savolainen (1995), os estudos com abordagem cognitiva não capturam a riqueza de informação que é construída de pessoa para pessoa a partir de seu contexto.

Outros movimentos intelectuais para além do positivismo também abarcavam os estudos de usuários ao longo dos anos, como o funcionalismo e o behaviorismo, como infere Lima (1994, p. 40-41), o primeiro a partir da ideia que um estímulo sempre dará uma resposta, um exemplo disso seria a ideia que toda coleção de uma biblioteca se adequa às necessidades de um usuário, basta ser estimulado. No que concerne ao behaviorismo, ele apresenta que todo comportamento é passível de explicação, comportamento que podemos exemplificar como a escolha ou não de um livro no acervo, deste modo é passível de ser controlado (LIMA, 1994). De acordo com Araújo:

[...] o usuário continua sendo compreendido numa lógica mecanicista, um ser que sofre os efeitos de forças externas que atuam sobre ele. Ou, então, é apenas um ser cognoscente, isto é, um ser que acumula dados sobre a realidade externa e que, de tempos em tempos, conforme sente uma “lacuna” nesses dados, recorre a sistemas de informação para resolver a “anomalia” (ARAÚJO, 2017, p. 228).

Todavia, a partir dos anos 90, com as críticas ao modelo cognitivo e o embalo do paradigma social, os estudos passam a questionar a ideia de que apenas o objeto em si ou o cognitivo em si são suficientes para estudar a forma como os usuários se comportam, ou praticam a informação. E assim, em 1995, Reijo Savolainen, introduz a discussão sobre “everyday life information seeking”.

Entre os movimentos intelectuais que levam à noção de práticas, o modelo social de política e economia da informação estuda a "abordagem dialética dos vários fatores envolvidos na desigualdade de produção e acesso à informação" (ARAÚJO, 2010, p. 103). Para além da importância da forma como o ser humano se apropria da informação, este modelo também observa que ela é uma construção conjunta, sendo assim intersubjetiva, não sendo produto apenas de uma mente única, isolada a partir das suas próprias conexões, mas sim, "construído pela intervenção dos vários sujeitos e pelo campo de interações resultante de suas diversas práticas" (ARAÚJO, 2010, p. 103).

Portanto, os estudos de práticas informacionais não são necessariamente um contraponto aos estudos de usuários ou de comportamento informacional. Estas três vertentes são caminhos diversos a serem percorridos, dependendo de diferentes fatores, como tipologia da biblioteca, objetivos da pesquisa, metodologia, entre outros. As práticas informacionais, tessitura deste trabalho, localizam-se dentro da grande área dos estudos de usuários, e dão ênfase à importância do contexto social e histórico que influenciam as tomadas de decisão do sujeito informacional.

O termo "práticas", de acordo com Araújo (2017) surge do conceito de "praxiologia" de Bourdieu sobre a construção do conhecimento científico sobre a vida cotidiana, ela seria como um movimento em que o sujeito age no mundo e o transforma ao mesmo tempo. Este conceito é abordado também por Paulo Freire (1987), ao afirmar que ela é reflexão e ação e sem ela é impossível superar a relação de opressores e oprimidos. A afirmação de práxis vai ao encontro do subjetivismo dos homens e sua consciência que seria autônoma sobre tudo, ao contrário do objetivismo que vê os momentos como máquinas inconscientes a serviço da sociedade (ARAÚJO, 2017).

Há, portanto, a marca de que o ato de praticar, ou de práxis, é um processo de reflexão e ação conscientes, mas não só de suas ações, como também dos seus limites. O ser humano não pode tudo de forma individual e autoritária, assim como, não devem achar que não podem transformar nada. Consequentemente, Araújo (2017, p. 221) afirma que "estudar as práticas informacionais constitui-se num movimento constante de capturar as disposições sociais, coletivas e também as elaborações e perspectivas individuais de como se relacionar com a informação".

O estudo das práticas informacionais possui algumas correntes históricas e sociais que precisam ser discutidas anteriormente à definição de seus conceitos. Araújo (2017)

defende três movimentos intelectuais que consolidam essa perspectiva: a objetividade dos documentos e seu valor dado a partir da práxis dos sujeitos defendido por Heller (1992); as táticas inventadas pelo ser humano em seu cotidiano apresentado por Certeau (1994) e por fim o conceito de identidade de Stuart Hall (2000), em que ela não é postada em si, e sim uma constante construção.

Outro aporte teórico defendido por Araújo é de adquirir conhecimentos, posto por Piaget (1975) e a importância do sujeito no processo de assimilação e apropriação deste conhecimento, sendo um processo dialético. Neste sentido, o processo de conscientização de Paulo Freire é citado por Araújo (2017) ao falar sobre a dialética do conhecimento como um movimento intelectual fundante das práticas informacionais.

Portanto, percebe-se que os movimentos que impactam as PIs envolvem o sujeito como ator ativo de seu processo de apropriação de informação e conhecimentos. O mundo se constrói pelo homem e o homem se constrói pelo mundo. Assim como, podemos dizer que a informação é construída pelo homem e o homem é construído a partir das informações que se relaciona.

A informação vista na perspectiva desta dissertação é evidenciada pela ideia de inserir o sujeito informacional como ativo de seu processo, e portanto, a informação não seria como uma folha de papel em branco voando pelo céu azul, e sim, um processo que possui contexto cultural, social, político e histórico no qual o indivíduo que a prática está inserido. Conforme sentenciam Nunes e Carneiro (2018, p.154) “de substantivo a informação passa a verbo –ou seja, de “coisa” passa a processo”.

Nascimento (2006) afirma que este olhar para a informação vem desde Sheera, o qual citava os impactos sociais na construção dos sentidos dos sujeitos, mas toma forma com Hjørland, quando o autor faz uso da análise de domínio, como um contraponto aos paradigmas físico e cognitivo, propondo uma abordagem sócio cognitivista. O autor analisa as comunidades discursivas e o quanto elas próprias têm informações que estão concatenadas umas às outras, uma pedra num campo representa um tipo de informação para o geólogo e um outro para o arqueólogo (CAPURRO, HJORLAND, 2007). Para os autores, a informação como um conceito subjetivo depende de interpretação e produz significado a partir do olhar para a comunidade, tornando-a também social. Como diz Marteleto (1995):

A informação diz respeito não apenas ao modo de relação dos sujeitos com a realidade, mas também aos artefatos criados pelas relações e práticas sociais. Fenômeno de complexa configuração ou previsão, seja ela entendida como processo ou produto, é sempre uma “probabilidade de sentido”(MARTELETO, 1995, p. 2).

Para a autora, a informação é uma prática social, o que corrobora com Savolainen (2007), que todo processo de busca de informação é uma prática social. Assim, nos debruçaremos agora na conceituação das práticas informacionais. Como vimos, as PIs envolvem não tão somente os processos de busca, compartilhamento e uso da informação, mas também os significados que este processo é atribuído pelos sujeitos informacionais dentro de seus territórios informacionais.

Foi nos anos 90, que Savolainen (1995, p.259) apresenta o conceito de “everyday information seeking” abreviado de ELIS, que de acordo com o autor já havia sendo estudado nos Estados Unidos desde os anos 70, entretanto, as pesquisas foram se esvaindo, chegando a conclusões desafiadoras para os profissionais da informação, como a preferência por buscar a informação em fontes informacionais, do que bibliotecas públicas, por exemplo. (SAVOLAINEN, 1995).

Ao ler Savolainen, chamamos atenção para um ponto que ele traz a partir de Dervin (1986, p. 167-168), que ele “afirmou que as conclusões desses estudos são bastante triviais, reiterando, por exemplo, o fato de que quanto mais educado o cidadão, maior a probabilidade de ele fazer uso frequente da biblioteca”. Este tópico nos é importante, pois tem-se a ideia na sociedade de hoje ainda de que as pessoas com mais estudo procuram mais bibliotecas, todavia, vemos o crescente número de bibliotecas comunitárias e espaços informacionais de cultura e educação no país. Veremos mais a frente sobre isso.

O contexto é considerado como um elemento constitutivo das ações dos sujeitos e, Savolainen (2006) identificou que os fatores de espaço influenciam a busca de informação, principalmente nas etapas de seleção e uso. Conforme aponta Courtright (2007), existem quatro formas de se analisar o contexto: como um contêiner (algo físico e estático, relação com o paradigma físico), como um significado construído (prática como um produto individual da pessoa, podemos relacionar com o paradigma cognitivo), o contexto como socialmente construído pelo ator social (foco na relação entre os sujeitos e a análise de discurso) e por fim, o contexto relacional, que é dinâmico e complexo, as interações sociais

são analisadas, assim como as variáveis políticas, econômicas e sociais. “Sugere-se um conceito de mudança em que os atores não são apenas formados pelo contexto, mas fazem parte dele” (ALVES, 2018, p. 35). Compreende-se a mudança como fator fundamental do contexto relacional, ele não é estático, ele muda sendo modelado pelo ator social e modelando-o.

No que concerne este estudo compreendemos o contexto enquanto relacional, visto que abrange todas as características definidas de uma biblioteca comunitária, compreendendo não só o ator social, como também as variáveis externas, como o bairro periférico, as escolas do entorno, o caráter de livre circulação, entre outros fatores.

Analisaremos o conceito de práticas informacionais através do olhar para os modelos já desenvolvidos. Modelos são, de acordo com Rocha, Duarte e Paula (2017, p. 38) “representações simplificadas, por meio das quais determinados aspectos da realidade são vislumbrados e melhor entendidos”. Todavia, os modelos não se referem à algo estático, mas sim,

[...] caminhos teórico-metodológicos desenvolvidos por lastros sólidos epistemológicos, porém, ao mesmo tempo, flexíveis ao seu uso ou replicação até a sua evolução, como condutores de experiências exitosas em seus campos e aplicações. (COSTA; RAMALHO, 2019, p. 149).

O conceito de práticas é abarcado pela concepção de habitus de Bourdieu, como visto acima, pois de acordo com Savolainen, o habitus é base para a ideia de que a informação é um componente natural das práticas do dia a dia, tendo em vista ser um sistema de pensamento, percepção e avaliação, internalizado pelo indivíduo (SAVOLAINEN, 1995). Na Figura 1 descrevemos o modelo de ELIS, a partir do autor:

1995).

Essas duas áreas do modelo, modo de vida e domínio de vida, estão mergulhadas ainda pelos aspectos: os valores, as atitudes, o capital material, o capital social, o capital cognitivo e cultural e as situações de vida atual (como saúde). Esses tópicos afetam o modo e domínio de vida que determinam um ao outro. Como conclusões do texto, Savolainen (1995, p. 288) identificou que “o modo de vida e o domínio da vida com base na classe social afetam indiscutivelmente as práticas de busca de informações”. Contudo, o modo e o domínio de vida não definem como e o que o indivíduo irá realizar na busca da informação.

Araújo (2021) conclui que, em relação ao trabalho inicial de Savolainen, a informação foi vista não somente como influenciável pelos modelos sociais, mas também como elemento que influencia essa realidade, propondo uma perspectiva que seja mobilizadora e não apenas isolada e passiva. Pinto e Araújo (2019) criticam o modelo proposto por Savolainen, ao afirmar que ele apenas identificou o sujeito contextual, ignorando os demais aspectos como história social, classe social, entre outros aspectos “que permeiam as relações sociais (entre as classes) e as relações privadas que também sofrem influências do arranjo da sociedade capitalista de produção” (PINTO; ARAÚJO, 2019, p. 25).

Nos anos posteriores, em 1999, a pesquisadora Elfreda Chatman, ao analisar mulheres em situação de privação de liberdade, buscou compreender como se dava as tentativas individuais dessas mulheres pela sobrevivência e busca por segurança, relacionando-as com as práticas de informação. Um ponto relevante que Chatman identificou foi de que as presas davam maior valor à informação que obtinham de dentro da prisão, do que informações externas.

O modelo de práticas informacionais de Pamela McKenzie (2003), partiu dos estudos da autora sobre as práticas de mulheres grávidas de gêmeos. É ela que apresenta Patrick Wilson (1977 apud MCKENZIE, 2003), como o pesquisador que deu o pontapé no entendimento de que as pessoas descobrem a informação no dia a dia enquanto observam o mundo.

Se eu regularmente visito alguns amigos pelo prazer da companhia destes, ainda assim eles constituirão uma fonte de informação regular com relação a uma variedade de assuntos [...]. A busca de informação é proposital e adaptativa; informação é em parte adquirida porque é deliberadamente procurada. Se essa busca não obtém resultados satisfatórios quantitativa e qualitativamente, a tendência é que a busca seja realizada em outros locais (WILSON, 1977, p. 36 apud

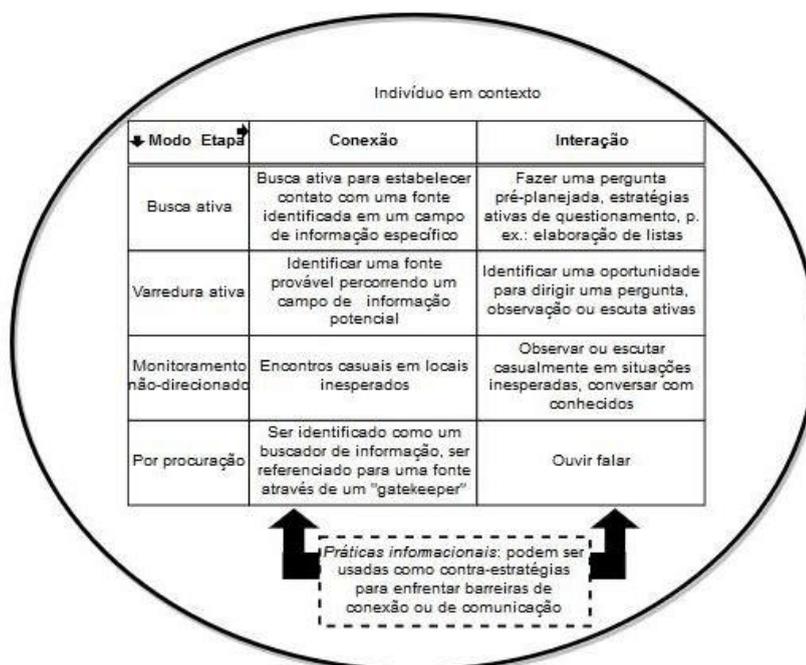
MCKENZIE, 2003).

McKenzie realizou entrevistas com as mulheres grávidas perguntando sobre necessidades informacionais, comportamento accidental de busca de informação, as fontes de informação que utilizavam, entre outros pontos. A autora defende a análise do discurso para a compreensão das práticas informacionais, assim como defenderam Tuominen e Savolainen (1997). Os autores enfatizaram que a realidade é construída coletivamente, assim como os discursos e assim, a informação.

O ponto principal de McKenzie recai sobre a ideia do acaso - do acidente - de se deparar com a informação. O modelo bidimensional da autora apresenta quatro fases e cada uma delas divide-se na busca através de conexão e interação: 1) a busca ativa, que é a forma mais direta de buscar informação, através de conexão a busca é direta com a fonte, e por meio da interação com informações pré-planejadas de questionamentos; 2) a varredura ativa é uma atividade semi-direta em locais apropriados, como livrarias, consultórios médicos, através de conexão pela identificação de uma fonte provável, e de interação a identificação de uma oportunidade de realizar uma pergunta ou pela observação; 3) o monitoramento não dirigido envolve encontrar acidentalmente e reconhecer como uma fonte em um lugar improvável.

O comportamento accidental é explicado a partir do conceito de “serendipity” (acaso em inglês). A partir da conexão dá-se pelos encontros casuais, já pela interação a observação e escuta casual e as conversas com conhecidos. A última fase é a busca por procuração, que ocorre a partir da iniciativa de um outro agente, o qual pode estar utilizando das outras três fases. Nesta fase a prática pode ocorrer, por conexão, pela identificação de um “buscador de informação” e pela interação a partir da escuta, conforme segue representado na Figura 2:

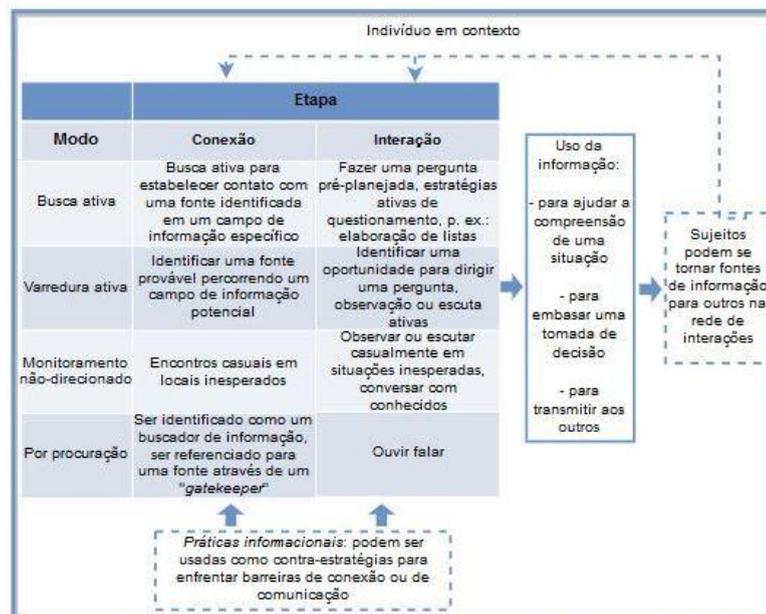
Figura 2 - Modelo bidimensional de McKenzie (2003)



Fonte: Rocha, Duarte e Paula (2017)

Com o objetivo de reformular o modelo de McKenzie, Yeoman (2010) buscou aplicar o modelo da autora em outro contexto, o de mulheres na menopausa e identificou que, o modelo de McKenzie por melhor que fosse, não apresentava a dimensão das pessoas enquanto fontes de informação, portanto, Yeoman acrescentou esta dimensão do uso da informação. Junto disso, Yeoman percebeu que nem todas as etapas de necessidade de informação são vencidas, seja por dificuldades na busca ou por falta de informação científica válida na sociedade, conforme representado na Figura 3:

Figura 3 - Modelo de Yeoman (2010)



Fonte: Rocha, Duarte e Paula (2017)

Os modelos de Mckenzie (2003) e Yeoman (2010) são importantes para a compreensão teórica das práticas informacionais numa perspectiva prática. Contudo, Pinto e Araújo (2019) alertaram que as autoras:

[...] se limitaram à construção de modelos de práticas informacionais desconsiderando também os aspectos que permeiam as relações sociais (entre as classes) e as relações privadas que também sofrem influências do arranjo da sociedade capitalista de produção (PINTO; ARAUJO, 2019, p. 11).

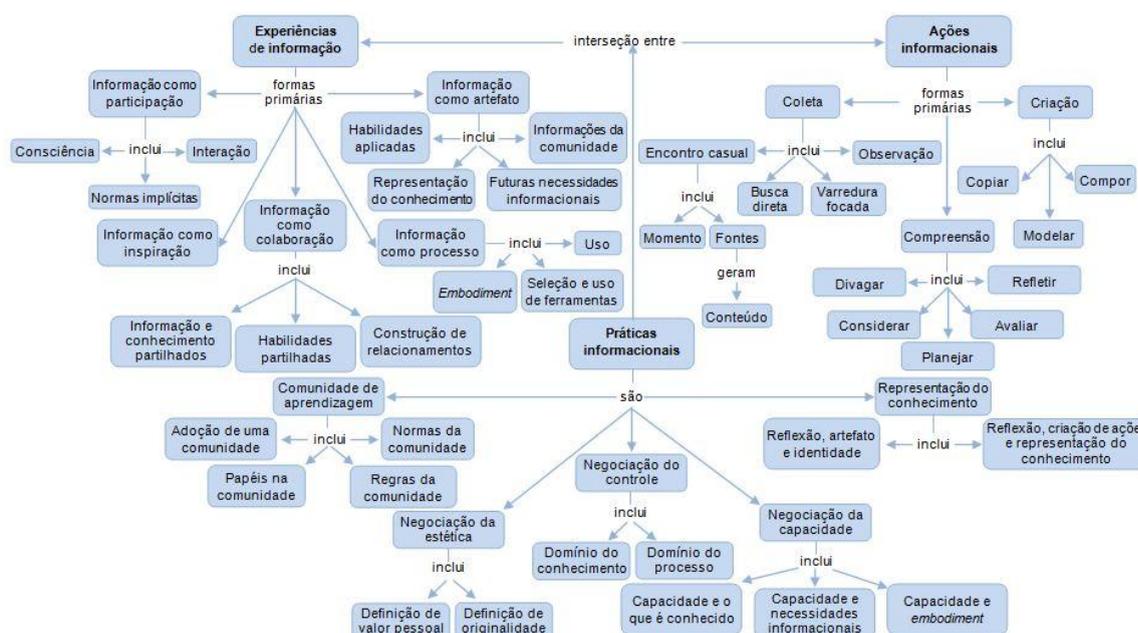
O modelo de Kalms (2008), parte de um estudo sobre as famílias no ambiente doméstico e analisa as estratégias de negociação que envolvem as práticas informacionais. O último modelo apresentado é o de Harlan (2012), a partir do estudo das práticas informacionais de adolescentes norte-americanos criadores de conteúdo na internet. Harlan (2012) elabora uma teoria a partir de uma comunidade de prática, onde ocorrem experiências de informação (participação, colaboração, processo e artefato) e ações de informação (encontrar, pensar e criar).

A experiência de informação é a relação do sujeito com a informação. Ações informacionais são atividades realizadas durante a interação com a informação. Essas duas categorias (experiências e ações informacionais) possuem categorias e subcategorias, além disso há intersecções entre as categorias. O contexto aqui é trazido por Harlan como um

espaço onde as práticas informacionais estão situadas, e por isso, elas são moldadas pelas estruturas sociais e pelas ferramentas que essa sociedade usa (HARLAN, 2012; ROCHA, DUARTE, PAULA, 2017).

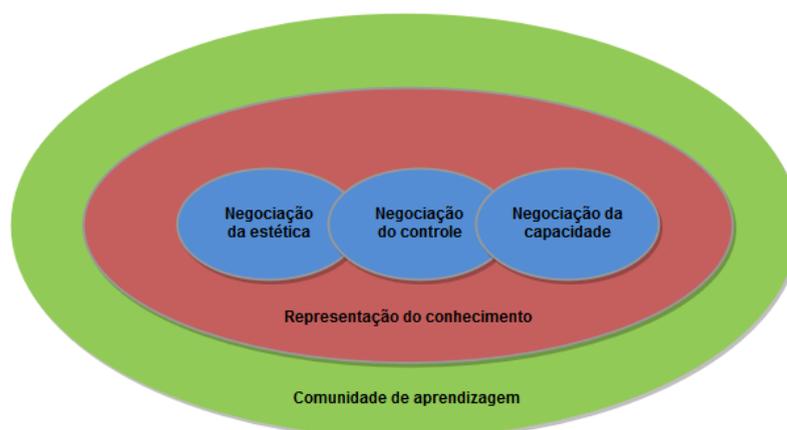
Rocha, Duarte e Paula (2017) elaboraram um esquema para apresentar o modelo de Harlan, conforme segue na Figura 4:

Figura 4 - Síntese do Modelo de Harlan realizada por Rocha, Duarte e Paula



Fonte: Rocha, Duarte e Paula (2017)

Assim, Harlan (2012) identificou cinco tipos de práticas informacionais: a aprendizagem coletiva, a negociação estética, a negociação do controle, a negociação das capacidades e a representação do conhecimento, os quais são representados na Figura 5:

Figura 5 - Modelo de Harlan traduzido

Fonte: Rocha, Duarte e Paula (2017)

A comunidade de aprendizagem, de acordo com Harlan (2012) é a base principal, visto ser o primeiro contato para que as demais ações sejam realizadas. A representação do conhecimento é a base das três formas de práticas: a negociação estética, em que o sujeito define valor do recurso informacional, por meio da negociação do controle, o sujeito realiza a construção do conhecimento a partir da interação, e por fim, a negociação de capacidade é quando o sujeito constrói novas informações com as que possui. Por fim, Araújo (2021) analisa a pesquisa de Harlan e afirma que o mérito do mesmo foi ter trazido as dinâmicas individuais e coletivas.

Por fim, compreendemos que os modelos apresentados auxiliam na compreensão da teoria, como afirma Harlan,

Existem componentes comuns à pesquisa da prática da informação: a posição epistemológica sociocultural, a descrição das ações que são estruturadas e têm significado dentro do contexto, o reconhecimento da informação como subjetiva, o entendimento de que as práticas são corporificadas e as estruturas da comunidade moldam as ações (HARLAN, 2012, p. 192).

Contudo, é importante ter em mente que os modelos são limitadores, e que ao estudar as práticas informacionais precisamos considerar o contexto social e histórico do sujeito informacional. No Brasil, o Grupo de Pesquisa Estudos em Práticas Informacionais e Cultura (EPIC) da UFMG, liderado pelo Professor Doutor Carlos Alberto Ávila Araújo, vem sendo o porta-voz dos estudos sobre as práticas informacionais. Sejam as práticas informacionais de pesquisadores, de donas de casa, de prostitutas, o estudo das PIs abarca todas essas

dimensões, conforme explicitam Isah (2009) e Harlan (2012), os quatro eixos dos estudos são: ambiente de trabalho (workplace), são incluídas organizações como hospitais, empresas, etc.

No ambiente acadêmico (academic), são considerados laboratórios de pesquisa, universidades e escolas. A aprendizagem no local de trabalho (workplace learning) inclui hospitais universitários, por exemplo. E, é claro, a vida cotidiana (everyday life) a qual abrange usuários de redes sociais, donos de casa, imigrantes e outros.

A pesquisa ora desenvolvida apresenta uma prática que envolve tanto o ambiente de trabalho (a biblioteca), como a vida cotidiana (pessoas que não tem conhecimentos científicos), e por este motivo, na próxima seção abordaremos historicamente, socialmente e politicamente o contexto das Bibliotecas Comunitárias.

3 BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: mediadoras de leitura e bibliotecárias andando juntas na construção de um país de leitores

Vá até os centros de cultura e cidadania, que são as bibliotecas comunitárias das periferias. Você será recebido como Amiga, Querido, Companheiro, Parceiro e tudo que é nome convidativo. Vão te mostrar atmosferas, cores, sotaques, vão te abrir portas e você vai querer saber: como faço para ir lá e conhecer uma biblioteca dessas? (HONORATO...[et. al], 2018).

É um tanto difícil demarcar onde se inicia um movimento social como as bibliotecas comunitárias (BCs). É preciso levantar alguns aspectos importantes como a situação social, econômica e cultural do Brasil e suas diferenças com outros países. Se não o fizermos, estaremos inserindo as BCs num vazio, o que é completamente ao contrário do que elas são. As experiências populares (ou comunitárias) de bibliotecas estão presentes em todos os lugares do mundo, mas destacamos aqui as experiências na Europa, América do Norte e América Latina. Essas três regiões do mundo possuem experiências diversas, mas que se complementam no entendimento deste fenômeno. O que as entrelaça é a relação sempre presente entre a biblioteca pública e as experiências populares e comunitárias.

As experiências americana e europeia apresentam uma biblioteca popular sob a ótica de uma concepção de biblioteca como um espaço de acesso a todos e todas, um local de cultura e educação, uma qualificação da biblioteca pública (MACHADO, 2009). Essa perspectiva é carregada pela ideia liberal do Século XIX, na Europa, em oposição ao absolutismo e a concepção de uma biblioteca para as elites (PASSOS, 2011).

A educação era fundamental para o progresso industrial e a ascensão do capitalismo, com vistas às classes populares ascenderem socialmente, num objetivo paternalista e assistencialista, nunca emancipatório. Ora, os liberais vêem a importância das classes populares consumindo mais, e assim os lucros para as classes dominantes aumentarem (OLIVEIRA, 2021).

De acordo com Castillo Atienza (2012, p. 30, tradução nossa), foi “Domingo Faustino Sarmiento em suas viagens aos Estados Unidos entre 1847 e 1865, que tomou a ideia de Bibliotecas por associação e traduziu primeiro para o Chile e depois para a Argentina, de onde as bibliotecas receberam o nome de Biblioteca Popular”. Todavia, apesar da mesma concepção de biblioteca, as diferenças culturais, de acordo com Castillo Atienza

(2012), tornaram a biblioteca popular dos Estados Unidos e da Europa, instituições com vínculo direto com o estado, ou seja, sendo administradas pelas instituições públicas e não pelas comunidades. A única experiência diferente disso é apresentada por Petit (2012, p. 76), a partir das bibliotecas anglo-saxãs, em que a comunidade administrava o espaço.

Em solo latinoamericano, as bibliotecas em bairros populares se tornaram locais administrados essencialmente pelas comunidades, sem vínculos diretos com os espaços. Criadas também por volta do Século XIX, muitas bibliotecas populares de países como Argentina, Chile e Uruguai surgiram em um clima de inquietação pelos direitos da população mais pobre (OLIVEIRA, 2021).

Apesar do apelo popular nas bibliotecas latinoamericanas, elas também possuem relações público-privadas, como na Argentina, a CONABIP, a Comissão Nacional de Bibliotecas Populares:

[...] é o organismo dependente da Secretaria de Cultura da Nação que fomenta o fortalecimento de bibliotecas populares como organizações da sociedade civil e impulsiona sua valorização pública como espaços físicos e sociais relevantes para o desenvolvimento comunitário e a construção da cidadania (INSTITUCIONAL, 2022, p.1).

Já na Colômbia existe a Rede Nacional de Bibliotecas Públicas formada por mais de 1.540 bibliotecas públicas estaduais, agrupadas em redes departamentais e distritais. Essas bibliotecas podem ser departamentais, distritais, municipais, rurais, de conselhos comunitários e de reservas indígenas (COLOMBIA, 2022, p. 1). Essas experiências latinoamericanas de participação do Estado na administração das bibliotecas, dá-se ao fato da incidência em políticas públicas da área do livro, leitura e literatura.

Conforme apresenta Castillo Atienza (2012) acerca das experiências argentinas: as pessoas criam, financiam e administram bibliotecas populares, sem os moradores das comunidades, elas não existiriam, e portanto, com seu trabalho tornam-se importante espaço no Sistema de Leitura Pública do país. Essas são as experiências vizinhas ao Brasil.

Falaremos agora sobre nós. Se nos Estados Unidos, na Europa e nos demais países da América Latina, as bibliotecas são chamadas de “populares”, no Brasil, o termo mais utilizado e apropriado pelas comunidades é o “bibliotecas comunitárias”. Poderia ser uma mera formalidade, mas a definição de um conceito é fundamental para compreender a forma como as pessoas se apropriam desses espaços. Há alguns territórios que não se identificam

como bibliotecas, simplesmente por serem locais em que há bagunça, barulho, cultura, arte, oficinas e atividades que os moradores daquela comunidade não relacionam com bibliotecas, sempre vistas como lugares silenciosos e excludentes.

A literatura da área aproxima teoricamente os conceitos de popular e comunitária. O nome definido pela comunidade para a biblioteca é o que muitas vezes determina também o termo utilizado pelo pesquisador. De acordo com Machado (2009, p. 90), o conceito de bibliotecas comunitárias não:

[...] carrega apenas significados e sentimentos, carrega também ideologias. O mesmo ocorre com “popular”, também um termo qualificador para a biblioteca e usado para afirmar o desejo de trabalhar, ou seja, oferecer serviços, para várias camadas da população. Porém, em função do tempo, espaço e das ideologias, os grupos tendem a utilizar um ou outro termo qualificador (MACHADO, 2009, p. 90).

O que percebemos ao longo das leituras, como de Almeida Júnior (1997), Rabello (1987), Badke (1984), Verri (1996) entre outros autores que publicaram no Século XX, é que o termo biblioteca popular era muito mais utilizado do que comunitária. Contudo, Almeida Júnior apresenta a relação da biblioteca popular com a pública. Para ele, “a ideia de biblioteca popular parece representar tão somente uma troca de termos.” (ALMEIDA JÚNIOR, 1997, p. 92). Podemos inferir que, por conta do uso do termo “comunitária” de parte de editais públicos e privados no início dos anos 2000, as instituições se apropriaram deste termo ao longo dos anos.

Em pesquisa realizada na BRAPCI, utilizando o termo “biblioteca popular”, resgatamos 15 resultados, tendo apenas 2 artigos a partir dos anos 2000, em português, quanto a temática. Em contrapartida, o termo “biblioteca comunitária” retorna 71 resultados, como apresentados na introdução deste trabalho. Almeida Júnior (2015), em relação aos termos, acredita que:

Todas as bibliotecas servem a uma comunidade, logo, todas são bibliotecas comunitárias. Quando se utiliza “Biblioteca Comunitária” está se referindo a toda e qualquer biblioteca, esvaziando o termo de qualquer conotação política presente em “Biblioteca Popular” (ALMEIDA JUNIOR, 2015, p. 138).

Segundo ele, a inscrição do termo “biblioteca comunitária” teria sido realizada a partir de uma corrente conservadora. Contudo, as experiências analisadas dos artigos da BRAPCI, citados na introdução deste projeto, identificam que o uso do termo deriva muito

mais das próprias bibliotecas que já estão nos locais e servem de território de pesquisa, do que uma autoridade acadêmica para as mesmas.

Talvez para uma realidade meramente teórica o conceito de biblioteca popular pode se apresentar mais próximo de uma biblioteca que seja periférica, construída pela e para a sua comunidade e com vistas à emancipação social de todos e todas. Todavia, sabemos que a realidade das bibliotecas localizadas em periferias não é meramente teórica. Na prática, o que vemos é que as bibliotecas se reconhecem como comunitárias. As mesmas que realizam atividades de resistência, luta e empoderamento das pessoas periféricas.

É preciso lembrarmos do que nos diz Paulo Freire (2013) a respeito de práxis, “atividade prática, orientada pela teoria que se remete à ação transformadora da realidade”. Desta forma, é preciso compreender como as pessoas que construíram esses espaços se enxergam, e neste sentido, defendemos o uso do termo “biblioteca comunitária”, pois é o que faz sentido para essas pessoas, líderes de bibliotecas nas periferias.

Essa relação entre “comunitária” e “popular” encontra-se também na área da comunicação, portanto é necessário aprofundarmos nos termos “comunidade”, do qual deriva a biblioteca comunitária, e o termo “popular” do qual deriva a biblioteca popular. Não temos a intenção de nos aprofundarmos neste assunto, todavia, é importante delimitar as perspectivas da palavra comunidade, que justificam a utilização do termo neste trabalho.

Geralmente, o conceito de comunidade está atrelado a delimitação de um grupo que se relaciona de alguma forma a partir de contatos cotidianos (CHAUI, 1999; BAUMAN, 2003). Bourdieu (2005, p. 50) entrelaça os saberes de comunidade com o conceito de campo e espaços sociais. Para o autor,

[...] espaços sociais são campos de forças, cujas necessidade se impõe aos agentes que nele se encontram envolvidos, e como um campo de lutas, no interior do qual os agentes se enfrentam, como meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura do campo de forças, contribuindo assim para a conservação ou a transformação de sua estrutura (BOURDIEU, 2005, p. 50)

Bourdieu aborda os aspectos políticos de uma comunidade, visto que todo campo é um campo político, e por este motivo, existem conflitos, diálogo e engajamento. Machado (2008) conclui que o conceito de comunidade seria:

[...] formada por um número pequeno de indivíduos, os quais estão situadas num local comum, onde se percebem vinculados por suas histórias passadas, por suas expectativas futuras e por seus conhecimentos compartilhados. [...] em uma

comunidade os seus membros são pessoas livres, porém engajadas, ou melhor, comprometidas com um objetivo comum, e que tem responsabilidade sobre suas decisões (MACHADO, 2008, p. 32).

Percebemos que, de fato, a afirmação de Almeida Júnior acerca de uma comunidade poder ser qualquer uma, é um reflexo nos conceitos do termo “comunidade”. Há a necessidade de afirmação de que tipo de comunidade estamos falando. Todavia, o uso do termo não se relaciona com uma perspectiva conservadora, muito pelo contrário, demarca uma característica, utilizando-se de um qualificador, uma biblioteca que busca atender uma comunidade. Entendemos o impacto e a relevância do uso do termo “popular”, sobretudo no meio acadêmico, tendo sido utilizado por referências na educação como Paulo Freire, mas os caminhos traçados pelos conceitos dentro da área das bibliotecas nas periferias não se apresentam com impactos conservadores.

É necessário que os atores destes espaços delimitem a biblioteca comunitária em um território periférico, que é um lugar de ausência do poder público. De acordo com D’Andrea (2013), o sujeito periférico é uma posição que se vive representada pela ocupação de um espaço geográfico. O sujeito só será periférico ao se sentir periférico, em um processo subjetivo de troca de experiências, que podem significar orgulho ou estigma.

A construção deste sujeito periférico apresenta dezenas de narrativas, sejam elas midiáticas ou no convívio social. Um exemplo disso é a ideia que muitas pessoas têm de que as periferias são lugares com poucas manifestações culturais, lugares feios e bagunçados, caos. A periferia como um lugar de saída para se alcançar os sonhos, é esta, uma parte da memória coletiva que se constrói. Como afirma a leitora de uma biblioteca comunitária na zona sul de São Paulo: “Porque eu fui uma menina que sempre voltou pra zona oeste, sempre achando que as coisas bonitas estavam lá. O mundo dizia pra mim que tinha um lugar de beleza e aqui era o lugar de feiura” (FERNANDEZ; FINGER, 2019, p. 9). Foi a experiência com a biblioteca comunitária que fez com que esta leitora modificasse seu olhar em relação ao espaço em que vivia.

Mas como surgiram as bibliotecas comunitárias no Brasil? Cabe abriremos dois caminhos a serem seguidos neste ponto da escrita. O primeiro volta-se para o surgimento dos territórios bibliotecas, o segundo para o surgimento do conceito na literatura. Portanto, nos debruçamos agora sobre o primeiro. De acordo com Fernandez, Machado e Rosa (2019) as iniciativas comunitárias surgem por três questões principais: o descaso dos governos em

manter as bibliotecas públicas; atitudes dominantes do mundo bibliotecário e das políticas públicas de cultura e o desejo das comunidades em ter um espaço de cultura e informação tão negado a elas.

O surgimento das bibliotecas comunitárias é muito diverso, levando em conta regionalidade, cultura e temporalidade. Almeida Júnior (1997) manifesta que a ideia da biblioteca comunitária se iniciou a partir de um carro-biblioteca, ação constante das bibliotecas públicas para atender bairros periféricos com o intuito de proporcionar o acesso à leitura para uma população desassistida.

Os estudos de Oliveira (2021) acerca de bibliotecas populares, muitas vezes sinônimos de bibliotecas comunitárias, apresentam experiências desde o Século XVIII de bibliotecas populares no Brasil. Todas elas, criadas e administradas pelo poder público para as periferias, em uma perspectiva de cima para baixo, com o objetivo de ensinar ao povo que “não sabe”. O público alvo eram agricultores, operários e professores. Contudo, outras bibliotecas tinham caráter genuinamente popular, construído pelas comunidades. Como aponta Oliveira (1994, p. 23), elas eram “[...] criadas por grupos sociais de interesses comuns, que se organizavam em sociedades [...] representavam uma forma de apropriação de determinados valores da elite do país”.

De acordo com a autora, as bibliotecas populares representavam 16,7% do total de bibliotecas que existiam entre 1890 e 1930. Oliveira (1994) afirma que as bibliotecas populares representavam status e distinção social e buscavam solucionar necessidades informacionais não preenchidas pelas bibliotecas públicas, incorporando novos leitores ao universo já tradicional das bibliotecas.

A partir desses dados identificamos que a história de bibliotecas em periferias não é novidade neste país. A partir da leitura de Oliveira (2021) vamos percebendo que, ao longo dos anos, diversas instâncias governamentais foram criando e fechando bibliotecas populares. De acordo com Lemos (2012, p. 68) a primeira experiência entre biblioteca e periferia data de 1920, foi quando:

Eurico Góes escreveu um projeto em que pretendia criar bibliotecas populares, segundo o modelo inglês, que visava ao desenvolvimento cultural do operariado movido pelo sentimento humanitário: almejava -se “elevar o espírito” dos desfavorecidos. Contudo, foi apenas depois da criação de um Departamento de Cultura, gerido por expoentes do movimento modernista, que se propõe a difusão da cultura através da biblioteca pública para todas as camadas da população; dessa vez, o que estava em jogo não era o sentimento humanitário, mas a democratização cultural (LEMOS, 2012, p. 68).

Este processo foi até 1940, quando se deu início o fortalecimento da biblioteca pública, a partir de um modelo norte-americano de biblioteca moderna, com um público alvo universal. Gilda Verri, em seu livro, *Templários da ausência em bibliotecas populares*, apresenta a criação de dezenas de bibliotecas populares na cidade do Recife, todas elas criadas por iniciativa governamental, a partir de um “[...] projeto político da elite brasileira, mormente no período de 1930, projeto este que consubstancia o Estado Novo e o próprio momento da redemocratização, a partir de 1945, prolongando-se até 1964” (VERRI, 1996, p. 9).

Autores como Almeida Júnior (1997) e Rabello (1987) vão apresentar o histórico de outras bibliotecas populares, o primeiro apresentando os centros de educação popular e a construção de bibliotecas populares nesses espaços. O segundo, relacionado com as bibliotecas públicas. Como este tipo de biblioteca não é foco deste artigo, iremos retomar o histórico a partir do que dizem em relação às bibliotecas comunitárias.

No livro *O Brasil que Lê (OBQL)*, de Fernandez, Machado e Rosa (2019), no qual a autora desta dissertação participou como pesquisadora, as autoras identificam que:

Das 143 bibliotecas que participaram dessa pesquisa 14% foram criadas antes do ano 2000, sendo que a biblioteca mais antiga identificada nesse conjunto, MG07, foi criada no ano de 1974, na cidade de Betim (MG)” (FERNANDEZ; MACHADO, ROSA, p. 25, 2018).

Essa biblioteca de Minas Gerais foi criada com apoio de uma instituição religiosa, algo recorrente nos anos 70, como apontam as autoras, que com seu trabalho voltavam-se a apoiar os movimentos populares. A maioria das bibliotecas que participaram da pesquisa *O Brasil que Lê (OBQL)* foram criadas a partir de 2006, sendo 52,4% o número exato. Mas também entre 2001 a 2006, foram criadas 31,5% das bibliotecas pesquisadas, e neste período o número de bibliotecas comunitárias no Brasil dobrou, mas a que deve isso? De acordo com Fernandez, Machado e Rosa (2019), podemos dar créditos aos programas governamentais das áreas do livro, leitura, literatura e bibliotecas, “a exemplo do Programa Fome de Livro, de 2005; do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), em 2006; e do Programa Mais Cultura, de 2007, por meio do Concurso Pontos de Leitura 2008 – Edição Machado de Assis” (FERNANDEZ; MACHADO, ROSA; 2019). Foi a primeira vez que o governo federal reconheceu as bibliotecas comunitárias.

O cenário dos anos 2000 foi promissor para o campo da leitura e literatura. Por um

lado, o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), o Viva Leitura, como afirmou Marques Neto (2017, p. 43), o sentimento era de:

[...] retomar a esperança em ver implantadas algumas das políticas emancipatórias de leitura, como já preconizava Mario de Andrade, na cultura, e os reformadores da escola nova, desde os anos 1930. Igualmente recordávamos as utopias e programas fomentados por Darcy Ribeiro nos anos 1960 e toda a luta acumulada pelos que lutaram por um Brasil leitor no século XX. Aqueles primeiros anos de 2005 e 2006 reacenderam grandes esperanças, e alguns de nós nos perguntávamos se realmente estaríamos chegando às conquistas das luzes da revolução liberal francesa (MARQUES NETO, 2017, p. 43)

Com as políticas públicas, os editais ganharam força, em particular o de Pontos de Leitura e Bibliotecas Comunitárias. Eles garantiram que muitas bibliotecas surgissem e garantisse o pagamento de mediadores de leitura para que as bibliotecas tivessem programação cultural e abertura ao público diariamente (FERNANDEZ; MACHADO, ROSA; 2019; MARQUES NETO, 2017).

Em conjunto a este cenário de políticas públicas, os editais privados ganharam força, principalmente o financiamento do Instituto C&A, com o Programa Prazer em Ler. O programa teve início em 2006 e foi motor de muitas bibliotecas comunitárias, não só pelo apoio financeiro, mas também por conta da assessoria pedagógica. As bibliotecas contempladas (organizadas em redes locais) participaram de formações e aprendizados que geraram a análise a seguir de Fernandez, Machado e Rosa:

O programa de fato fez diferença entre todas as bibliotecas que tiveram apoio, nesse período [...] São as bibliotecas do PPL, atualmente reunidas na RNBC, que possuem, por exemplo, maior compreensão da importância e qualidade do seu acervo e da sua relação com a comunidade, assim como detêm informações mais precisas acerca das pessoas que as frequentam)” (FERNANDEZ; MACHADO, ROSA; p. 74, 2018)

No decorrer do programa, começava a surgir a articulação das bibliotecas comunitárias em redes, e a partir de 2010, os editais do Programa Prazer em Ler (PPL) começaram a provocar a organização de pequenas redes locais, com pelo menos 5 bibliotecas comunitárias articuladas. Essas bibliotecas se organizavam visando à otimização de recursos e um maior impacto social no território, o próprio programa reconhecia a estratégia e passava a fortalecê-la a partir de seus editais.

Em 2015, as 11 redes locais apoiadas pelo PPL se uniram e formaram a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC) que está localizada em 4 regiões brasileiras

(norte, nordeste, sudeste e sul) e tem mais de 100 bibliotecas comunitárias espalhadas pelas comunidades de periferia de nove estados brasileiros. Com o fortalecimento das ações de incentivo à leitura oriundas do investimento financeiro, técnico e sistemático proporcionado pelo programa e pela demanda de organização e dinamização das bibliotecas comunitárias, viu-se a importância de ter um bibliotecário como assessor técnico atuando dentro das redes locais que compõem a RNBC. Desde 2019, o Programa Prazer em Ler integra a Fundação Itaú Social e vem sofrendo cortes de recursos, o que afeta diretamente as bibliotecas comunitárias, que veem seus recursos ficarem cada vez mais escassos. Portanto, tem-se hoje um cenário de escassez de recursos tanto públicos quanto privados, o que reflete diretamente na diminuição de bibliotecas comunitárias no país.

Diante deste histórico, as bibliotecas comunitárias apresentam-se no Brasil por conta de uma necessidade das periferias de um espaço que envolva cultura, educação, arte e que entrelace todos esses saberes, um local de dialogicidade e aprendizados. Espaço esse que não é a realidade da biblioteca pública brasileira que, além de não ter capilaridade nos bairros periféricos das cidades, não busca (e não pode) construir uma relação de horizontalidade com seu público.

Essa perspectiva do “construir juntos” é uma das razões de existências das bibliotecas comunitárias no Brasil. Um território que mobiliza pessoas de forma orgânica e que pode gerar frutos a longo prazo para sua comunidade. Esse processo de pertencimento não ocorre nas bibliotecas públicas, e talvez nem poderia, devido à sua institucionalização, a necessidade de uma hierarquia e o cuidado com o patrimônio. São territórios diferentes: a pública e a comunitária. E, talvez, seria injusto dizer que num futuro ideal teríamos bibliotecas públicas nas periferias, sendo que a grande questão é o fato de as bibliotecas comunitárias serem construídas coletivamente, como afirma Bastos *et al.* (2011, p. 92).

Diante da problemática ausência de instituições públicas, as bibliotecas comunitárias emergem de modo transversal ao discurso estabilizado pelos órgãos públicos, abrindo espaço para o dizer de sujeitos que estão à margem e que passam a se organizar em prol de si mesmos, de sua comunidade e das demandas não assistidas pelo Estado.

As bibliotecas comunitárias rompem com o modelo de biblioteca que a sociedade possui, e podemos também levar essa concepção para outras áreas, pensando na construção de territórios construídos pelos próprios sujeitos do espaço, a partir de uma gestão que seja compartilhada e que escute os leitores através da horizontalidade. É uma retomada da

história e da cultura para povos que foram subalternizados.

A perspectiva histórica que vimos relaciona-se aos espaços físicos. São eles que surgem primeiro. Analisemos agora a construção do conceito na academia. O termo biblioteca comunitária foi utilizado pela primeira vez no Brasil por Carminda Nogueira de Castro Ferreira, em 1978, no texto “Biblioteca Pública é Biblioteca Escolar?”, no qual a autora chega à conclusão, após análise de uma experiência norte-americana, de que “em condições especiais, aceita-se a fusão das duas bibliotecas numa só: a Biblioteca Comunitária.” (FERREIRA, 1978).

Entretanto, o uso do termo no Século XX ainda era bastante reduzido, sendo que o uso de “biblioteca popular” era muito mais comum. Nos anos 80 foram encontrados oito artigos que citam as BCs, mas apenas dois tem como tema principal esta tipologia. O artigo de Todeska Badker apresenta as experiências da Biblioteca de Laranjeiras, que foi fundada em 1981 e é uma das mais antigas do Brasil que se tem história. A biblioteca funciona até hoje e atende cerca de 200 pessoas por dia. Badke apresenta a primeira definição de biblioteca comunitária, que seria “o que é feito pelo povo e para o povo, compreendendo por isso sua efetiva participação” (BADKE, 1984, p. 18). Utiliza-se ainda do uso do termo biblioteca popular e apresenta uma definição como:

A biblioteca popular se caracteriza por surgir da vontade, necessidade e trabalho de uma comunidade; ela emerge do esforço de pessoas que lutam juntas, tendo como principal objetivo realizar um trabalho baseado na proposta de transformar a realidade vigente. (BADKE, 1984, p.18).

Apesar de utilizar-se do conceito de biblioteca popular, sabemos que a autora citava uma biblioteca compreendida como comunitária. Ainda no mesmo ano, em relação à mesma biblioteca, foi lançado o artigo “PROJETOS DE IMPLANTAÇÃO DE PONTOS DE LEITURA (Bibliotecas públicas e comunitárias)” escrito por Rosa Maria Sarti, Imalda Guiraldeli e Luiz Atilio Vicentini. Concluiu-se que:

Embora ações aleatórias, iniciativas comunitárias vêm colocar em cheque o tradicional conceito. Mesmo sem bases científicas, ou despidas de qualquer procedimento mais técnico, a Biblioteca de Laranjeiras cumpre um papel renovador. Tal fato se apoia na tentativa de desenvolvimento de uma concepção de Biblioteca e de uma prática inovadora, em torno dela, resultante de um processo de participação. A força do empreendimento está diretamente ligada aos interesses dos moradores, através da interação permanente junto a lideranças, de forma a assegurar uma permanente avaliação de anseios e expectativas. Isso coloca por terra o tradicional conceito, cuja fundamentação se baseia apenas na pura e simples criação de ofertas,

sem buscar a interação a uma demanda que nem sempre se identifica com os acervos colocados à disposição (SARTI; GUIRALDELI; VICENTINI, 1984, p. 56).

No texto não é apresentada uma conceituação de biblioteca, ou referencial teórico sobre o tema, apenas abordam a experiência. Já nos anos 90, os artigos relacionados sobre BCs diminuíram categoricamente. Um exemplo disso é a pesquisa realizada na BRAPCI que não recupera nenhuma obra do período de 1990 a 2000.

O que podemos citar como relevantes são os trabalhos de Almeida Júnior sobre bibliotecas populares e bibliotecas alternativas, o qual referencia a biblioteca comunitária. Como citamos em páginas anteriores, Almeida Júnior afirma que as bibliotecas comunitárias são uma nova roupagem das bibliotecas populares (com o objetivo de diminuir seu potencial de transformação) e que também não deveria ser caracterizada como uma nova tipologia de biblioteca, pois têm as mesmas características da biblioteca pública. Ao mesmo tempo, Almeida Júnior abordou este conceito sobre bibliotecas comunitárias:

Com relação à definição de biblioteca comunitária entendemos como um projeto social, autônomo e independente, liderado por pessoas que têm o objetivo de ampliar o acesso à informação, à leitura e ao livro, sempre visando o bem-estar e a ampliação do horizonte do maior número de pessoas. Assim, a biblioteca comunitária passaria para a sociedade, por uma nova entidade, não carregando preconceitos e ideias preconcebidas que prejudicam sua atuação (ALMEIDA JÚNIOR, 1997, p. 107)

As ideias de Almeida Júnior se embaralham sobre bibliotecas comunitárias na época, fato que ao longo dos anos se desenrola em uma perspectiva de disputa entre os termos comunitária e popular, como afirma:

As bibliotecas comunitárias são, em verdade, uma forma de designar as bibliotecas populares, mas esvaziando os significados mais contundentes que deixavam claras as bases que lhe davam sustentação e determinavam quais os usuários que as tinham como objeto, e como suas ações, fazeres e serviços poderiam e podem alcançar seus objetivos (SANTOS NETO; ALMEIDA JÚNIOR; BORTOLIN, 2020).

Almeida Júnior segue refutando o uso do termo biblioteca comunitária, mesmo sendo utilizado pela maioria das bibliotecas - mobilizadas por moradores das periferias. Nos anos 2000, a concepção de biblioteca comunitária foi mais aprofundada na academia. Surgiram não só trabalhos de conclusão de curso, mas também artigos e trabalhos de mestrado e doutorado.

Em evidência, a tese de doutorado de Elisa Machado é pioneira na área. A partir desta obra, foi possível compreender a biblioteca comunitária enquanto território de ação educativa e política, além de um espaço que vinha trazendo inúmeros frutos para a situação de leitura no Brasil. A obra intitulada “Bibliotecas Comunitárias como prática social no Brasil” identificou 350 bibliotecas comunitárias no Brasil, traçou características, definiu conceitos, comparou tipologias de bibliotecas. Ainda hoje, mais de 14 anos depois, é a principal obra acadêmica sobre bibliotecas comunitárias no país. Segundo Machado (2008):

Recentemente percebemos que a universidade vem estimulando a produção de trabalhos de conclusão de curso sobre o assunto, o que demonstra uma crescente curiosidade por parte de jovens alunos de cursos de Biblioteconomia em entender qual o papel das bibliotecas comunitárias na democratização da informação, nos processos de desenvolvimento local e de transformação social. (MACHADO, 2008, p.55).

Machado domina os estudos sobre a temática, e já em 2008 propôs um conceito que foi reconhecido pela Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias, como sendo:

[...] um projeto social autônomo que tem por objetivo estabelecer-se como entidade autônoma, sem vínculo direto com instituições governamentais, articuladas com as instâncias públicas e privadas locais, lideradas por um grupo organizado de pessoas, com o objetivo comum de ampliar o acesso da comunidade à informação, à leitura e ao livro com vistas a sua emancipação social. (MACHADO, 2008, p.64).

Elisa amplia o olhar sobre as BCs e com seu conceito diferencia explicitamente as bibliotecas públicas e escolares. Contudo, algumas instituições com vínculo direto governamental, e que não são autônomas, ou que ainda não colocam a comunidade na gestão, acabam por se denominar comunitárias, como é o caso da Biblioteca da UFSCar, localizada na Universidade Federal de São Carlos, entre outras bibliotecas chamadas de “biblioteca escolar comunitária”.

É importante ressaltar que não se questiona aqui o papel e a relevância destas bibliotecas, mas que há a necessidade de estabelecer limites entre conceitos, para que as tipologias sejam compreendidas, estudadas e inclusive disputadas politicamente com correta efetividade.

Em relação ao trabalho de Machado, ressalta-se também algumas características apresentadas, tais como: “[...] um caráter educacional e cultural [...]”, mas não pedagógico, “muito mais ligada à ação cultural do que aos serviços de organização e tratamento da

informação (MACHADO, 2008), assim como algumas divisões importantes, tais como:

1. a forma de constituição: são bibliotecas criadas efetivamente pela e não para a comunidade, como resultado de uma ação cultural; 2. a perspectiva comum do grupo em torno do combate à exclusão informacional como forma de luta pela igualdade e justiça social; 3. o processo participativo gerando articulação local e forte vínculo com a comunidade; 4. a referência espacial: estão, em geral, localizadas em regiões periféricas; 5. o fato de não serem instituições governamentais, ou com vinculação direta aos Municípios, Estados ou Federação (MACHADO, 2008, p. 60-61).

Em diálogo interno, a RNBC buscou acolher as indicações de Machado, em uma perspectiva de práxis (junto a experiência prática das bibliotecas com a experiência teórica da autora) e aprofundaram alguns pontos em relação ao conceito, definido como:

Bibliotecas Comunitárias são espaços de incentivo à leitura que entrelaçam saberes da educação e da cultura, surgem por iniciativa das comunidades e são gerenciadas por elas ou, ainda que, embora não tenham sido iniciativas das próprias comunidades se voltam para atendê-las e as incluem nos processos de planejamento, gestão, monitoramento e avaliação (INFORMAÇÕES, 2022, p. 1)

É visto a necessidade do coletivo em definir aspectos que são de fato percebidos no cotidiano do trabalho, como o entrelaçamento de saberes de educação e cultura. Os pontos sobre planejamento, gestão, monitoramento e avaliação revelam a importância dada para o registro das ações e a seriedade em que as instituições levam seus trabalhos. Percebemos que faltam estudos na área sobre os aspectos técnicos da biblioteconomia e gestão da informação em bibliotecas comunitárias, pontos estes muito debatidos internamente, como vimos na definição proposta por eles.

Adentrando nos anos 10 do Século XXI, vemos cada vez o avanço sobre os estudos em bibliotecas comunitárias. Todavia, ainda é visível que alguns autores não citam a RNBC e outros autores que atuam nestes territórios. De toda forma, as políticas públicas do livro também referenciam as bibliotecas comunitárias para delimitação de endereçamento de editais, como o Plano Municipal do Livro e Leitura de Porto Alegre, que diz que,

Uma biblioteca comunitária deve assegurar à sua comunidade atendimento diário, com horários pré estabelecidos e divulgados. No que se refere ao atendimento, a biblioteca/espço de leitura deve ter, além do empréstimo de livros e consulta local, programação com atividades e eventos de incentivo à leitura, ao livro e a produção literária, como: seminários, rodas de leitura, concursos literários, mediações de leitura, saraus, encontros com escritor, entre outras formas de integração cultural, revelando-se como um centro de referência cultural da comunidade. (PORTO ALEGRE, 2012, p.1).

As características citadas são fundamentais para que se discuta as bibliotecas comunitárias como territórios que devem receber dinheiro público para sua manutenção, como vimos nos exemplos europeus e latino americanos, mas sem deixar de lado sua autonomia e responsabilidade social. Quando há a definição de fronteiras sobre as tipologias, as políticas públicas sobre bibliotecas ficam mais consolidadas, e não se corre o risco de uma biblioteca que é universitária, receber dinheiro público que poderia ir para uma biblioteca localizada na periferia e gerenciada pela comunidade.

Novamente as definições apresentam o caráter de efervescência cultural das bibliotecas comunitárias, como pontua Massola ao analisar uma:

[...] no caso desta biblioteca, em particular, as pessoas que frequentam não buscam apenas leituras de textos verbais, como também espaços de encontro com outras pessoas da mesma comunidade, momentos de aprendizagem de certas artes – tal como o grafite, a tapeçaria, a pintura. Elas buscam também informação: não é raro ver alguns senhores dirigindo-se à biblioteca para ler os jornais diários, ou senhoras pesquisando receitas culinárias, ou ainda estudantes buscando suporte para suas pesquisas escolares e temas de casa. Elas encontram neste ambiente um lugar seguro para deixar os seus filhos enquanto saem para realizar algum trabalho. (MASSOLA, 2011, P. 131)

Os conceitos trazidos por Massola nos remetem à perspectiva de biblioteca/centro cultural de Milanesi (1986; 2003), em que ele aposta na junção destas duas instituições (bibliotecas e centros culturais) pois um não poderia existir sem o outro na contemporaneidade, visto que a biblioteca não é mais apenas uma instituição que oferece uma coleção de livros e o centro de cultura não pode existir sem informações disponíveis.

Os espaços culturais quase sempre estão localizados nos centros das cidades. No entanto, o homem periférico não é atraído por ele. Frequenta a praça, uma vez que ela não sendo de ninguém, é de todos. A cultura tem sono. É mais um templo para iniciados do que um espaço acolhedor e estimulante. Na praça, não há discriminação. O indivíduo pode carregar toda sua miséria sem chamar atenção ou ser expulso. (MILANESI, 1997, p. 164).

Neste ponto, nos perguntamos se é possível, na sociedade que vivemos, construir instituições públicas que acolham esta - miséria - chamada por Milanesi. O que vemos são instituições carregadas por seguranças nas portas, detectores de metais, porta volumes...os documentos são mais valorizados do que as pessoas e suas necessidades informacionais. Chega! As bibliotecas comunitárias vieram mostrar que este é um retrato de um Brasil

conservador, que valoriza a propriedade privada acima das vidas dos mais pobres. Milanesi também revela a biblioteca como território de preservação do patrimônio, da memória e da cultura dos povos.

Se desaparecessem todos os acervos reais ou virtuais os homens não teriam como transferir para a geração subsequente tudo que as gerações anteriores acumularam. Por isso, a biblioteca, real ou virtual, enquanto concentração de esforços de ordenamento da produção intelectual do homem, permanece como fator essencial do desenvolvimento (MILANESI, 2003, p. 12).

Como afirmam os mediadores da RNBC no livro *Expedição Leituras*, “O livro é a memória do mundo” (HONORATO...[et. al], 2018). E assim sendo, as bibliotecas são “instituição de memória e de interação de práticas de aprendizagens e de mudanças sociais” (PRADO, 2009, p. 1). São formas de organização social, criadas para a produção, e troca e registro de conhecimentos locais, gerando, a partir disso, uma memória social (PRADO, 2009; PRADO; MACHADO, 2008).

Contar histórias é uma prática cotidiana das bibliotecas comunitárias, e como afirma Ailton Krenak, em sua obra prima, *Ideias para adiar o fim do mundo*,

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, decantar. A minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim (KRENAK, 2020, p. 26-27).

Essas histórias que vivem não só nos livros, mas na memória dos anciãos das comunidades que deve ser contada, em uma pulsão emancipatória, como afirma Finger (2018), ao analisar ações de formação de leitores e o conceito de Emancipação:

Biblioteca comunitária como produtora de ecologias dos saberes, transformando ausência em presença, pelos próprios autores desses saberes. É este território do encontro entre leitores e conhecimentos que deve ser valorizada e vista como centro cultural que está em luta por uma sociedade anti racista, anti machista e anti capitalista (FINGER, 2018, p. 92).

Por este motivo, as bibliotecas comunitárias são centros de cultura, centros de memória e também territórios de emancipação. A informação e a literatura como um direito, pois “Quem não sabe a si não se transforma e não transforma a fôrma”. Quem não se vê e não se relaciona dentro de um contexto não vai alterá-lo” (MILANESI, 1986, p. 193).

Percebe-se que as bibliotecas comunitárias detêm uma diversidade de características. Não são uma tipologia simples e fácil de ser compreendida. Entretanto, são territórios fundamentais para a Biblioteconomia expandir seu olhar custodial e pós custodial sobre as bibliotecas e os acervos. Ela mostra que os leitores estão em primeiro lugar, assim como a equipe que integra este espaço.

A presença da bibliotecária na biblioteca comunitária já foi tema de algumas publicações na área. A perspectiva é da ausência do profissional, o que não é totalmente errado, visto que são poucas as bibliotecas no país que tem um bibliotecário diariamente em seu espaço.

Contudo, a presença do profissional é compreendida como fundamental, "Foi nos dito mais de uma vez que a BEM¹¹ não só sente a necessidade, mas agora vê o trabalho do bibliotecário como indispensável" (GOMES; ROSA, 2019, p. 589). Como afirmam Bastos, Galli, Romão (2013, p. 12) “destacamos que as bibliotecas comunitárias permitem novas incursões e sentidos sobre o bibliotecário”.

Silva (2011) analisou a ética de líderes de bibliotecas comunitárias em Santa Catarina e discorreu sobre a ausência das bibliotecárias nestes locais. Além disso, concluiu que os líderes não esperam por um profissional formal, “o discurso da ética bibliotecária de tratar com igualdade todos os usuários é desmistificado, quando um dos entrevistados menciona que a biblioteca pública é da alta sociedade” (SILVA, 2011, p. 158).

A equipe multidisciplinar das bibliotecas comunitárias é citada por Laudino e Lourenço:

[...] que os atuantes multidisciplinares das bibliotecas comunitárias sirvam de inspiração aos profissionais bibliotecários, para que se adquira a consciência que a técnica é importante, mas o papel social é primordial ao atuar nessa profissão, pois o importante é garantir o acesso para produzir conhecimento (LAUDINO; LOURENÇO, 2018, p. 20)

Para muitos pesquisadores, apesar do profissional não estar presente, elas funcionam de maneira eficaz. Outros, acreditam que as bibliotecas comunitárias não são organizadas por não terem a presença do bibliotecário. Neste ponto, é preciso ter em vista a perspectiva de cada pesquisador sobre a eficácia de uma biblioteca, como aponta Silva (2011, p. 161):

¹ Biblioteca Comunitária do Engenho do Mato em Niterói - Rio de Janeiro

Apesar da ausência de pessoas com esse perfil nas bibliotecas comunitárias, muitas dessas iniciativas parecem funcionar de maneira mais eficaz. Eficácia que não se encontra materializada nos procedimentos técnicos e formalização organizacional, mas na presença dos usuários e na demonstração de ser este um espaço necessário à comunidade.

Sendo assim, percebemos que as bibliotecas comunitárias são vistas dentro da Ciência da Informação como um lugar de eficiência no sentido de efervescência cultural, valorização da literatura e leitura, participação social, mediação da informação, educativo, de coletividade, inclusão social, preservação da memória local, atuação a partir de projetos de extensão universitários, a defesa dos direitos humanos e enraizamento comunitário (ALVES; CORREA; SALCEDO, 2018; BASTOS; ALMEIDA; ROMÃO, 2011; BLANK; SARMENTO, 2010; CAVALCANTE; SILVA, 2018; COELHO; BORTOLIN, 2018; ELIAS JÚNIOR; KLEIN, 2018; HORTA, 2017; MACHADO, 2009; OLIVEIRA; COSTA, 2010; MORAES; FURTADO; MORAES, 2013; MARQUES; PEREIRA, 2014; SOUSA, 2017; PRADO, 2010; PRADO; PRADO, 2018; SILVA; CAVALCANTE; COSTA, 2018; SILVA SOBRINHO, 2019; TARGINO, 2020).

Este foi o olhar da academia sobre as bibliotecas comunitárias hoje em dia. Mas o que dizem os atuantes nestes territórios? São poucos os trabalhos desenvolvidos por bibliotecárias que atuam diariamente nas bibliotecas comunitárias. Isso é um reflexo de poucas oportunidades de emprego nesses espaços. “Em 2012 a inclusão de bibliotecários nas equipes das redes locais começa a ser uma prática e, no final de 2017, as redes locais vinculadas à RNBC já contavam com 6 profissionais contratadas para oferecer assessoria” (TRESSINO *et al.*, 2019). Hoje em dia, na RNBC todas as redes locais (redes de bibliotecas comunitárias com mais de 3 bibliotecas) possuem ao menos uma bibliotecária.

Efetivamente, a atuação profissional da bibliotecária nas bibliotecas comunitárias é tema de dois artigos (a qual a pesquisadora desta dissertação integra). E porque efetivamente? Porque há outros artigos que buscam compreender o papel do profissional ou a ética de lideranças (sem a presença do trabalho), mas há apenas dois que apresentam aspectos relevantes sobre o profissional neste território.

Segundo Macedo *et al.* (2020), e Tressino *et al.* (2019), há algumas particularidades de como trabalhar nas bibliotecas comunitárias, principalmente as que integram a RNBC. Elas apontam:

- a) A relação entre os saberes teóricos da academia e práticos do cotidiano de

quem mobiliza uma biblioteca e não é da área “É preciso um olhar social crítico, o entendimento que não há saber menor ou maior, mas saberes diferentes (FREIRE, 1996)”.

- b) O trabalho em rede: o que reflete em uma atuação por assessoria, ou seja, que é voltada para o compartilhamento de saberes e construção coletiva e não da realização efetiva do trabalho sozinha. Algumas bibliotecárias acompanham de 10 a 15 bibliotecas, o que reflete em uma visita na biblioteca a cada dois meses. Cada visita promovida pela bibliotecária é o encontro da teoria com a prática, o olhar gestor da profissional da informação, junto do olhar do cotidiano do território da mediadora de leitura.

É como cuidar de um pé de manga; se eu cuido apenas de um isoladamente eu vou olhar para ele todos os dias, provavelmente mais facilmente vou enxergar problemas nas folhagens, falta de água entre outros problemas. Já se eu passar a cuidar de um pomar de mangas eu preciso sistematizar as informações para que possa estar atenta a todas elas igualmente, entendendo cada particularidade. Desta forma, a bibliotecária que atua em rede necessita realizar um estudo maior das realidades de cada biblioteca, pois o solo que ela está pisando não é o dela (MACEDO, et. al, 2020. p. 474).

- c) Valorização dos saberes culturais e educacionais em detrimento dos saberes técnicos: as profissionais bibliotecárias buscam compartilhar seus saberes técnicos e teóricos junto às mediadoras de leitura, e por este motivo, possuem um perfil muito mais voltado à educação. Junto disso, atuam em demandas de mediação de leitura e enraizamento comunitário, necessitando conhecimento nas áreas. “As bibliotecárias têm empreendido esforços para expansão de sua formação, afastando-se de uma educação de caráter tecnicista e buscando uma que tenha bases fincadas na sociologia, filosofia, política, educação popular e literatura” (TRESSINO *et al.*, 2019, p. 4).
- d) Multifuncionalidade: a bibliotecária atua em diferentes frentes de trabalho, como comunicação, gestão compartilhada, mobilização de recursos, incidência política e ação cultural. Estes eixos entrelaçam saberes de educação, cultura, administração, gestão, políticas públicas, comunicação social e captação de recursos. Áreas que não são empreendidas no curso de graduação em Biblioteconomia, “vai na contramão dos estigmas sociais e

estereótipos de gênero atribuídos às bibliotecárias ao longo da história: uma postura apolítica e pouco dinâmica” (MACEDO, et. al., 2020, p. 491).

Esses aspectos apontados pelas profissionais que atuam nas BCs pode ser encontrado também em outras obras, como o livro *A Arte de Ler*, de Michele Petit, quando a ela relata sobre a presença de bibliotecários em bibliotecas em lugares periféricos:

Ao ouvi-los, compreendíamos que o que é precioso não é apenas a aptidão técnica do bibliotecário para se orientar no mundo da documentação. É que ele acolhe a criança, o adolescente. E assim eles vão fazer uso dessa disponibilidade, que raramente encontram nos adultos, apoiar-se neles para a sua busca, mas também para elaborar esse lugar que lhes é oferecido, para dar novamente um movimento aos seus pensamentos, aos seus desejos, seus sonhos, suas vidas; e para ir mais longe (PETIT, 2012, p. 26).

Em relação ao contexto social e político das periferias, território em que as bibliotecas comunitárias surgem, Petit fala sobre uma experiência na Comuna 13, na Colômbia, “precisamos conhecer bem o contexto, [...] nos questionar e investigar permanentemente o que é requisitado pela população e a proposta mais adequada para uma sociedade complexa em permanente mudança”. (PETIT, 2012, p. 27). O olhar da bibliotecária para as bibliotecas foi sintetizado pela mediadora de leitura da RNBC, Cleide Moura,

Não era alguém para tomar conta das bibliotecas. A bibliotecária precisaria vir com um novo olhar. Com um olhar específico para bibliotecas comunitárias. Essas profissionais não poderiam ter resistência em descartar alguns livros e perceberem que mais importante do que tomar livros é facilitar o acesso; que a classificação dos gêneros literários está relacionada à forma de organização dos mesmos nas estantes; que era preciso ter disponibilidade para cortar e colar fitas de cetim e escrever nas lombadas dos livros etc. Os valorosos saberes dessas profissionais foram extremamente relevantes para que pudéssemos avançar na organização do acervo a facilitar os empréstimos de livros para crianças, adolescentes, jovens e adultos das comunidades. (MOURA, 2018, p. 50).

Como vimos acima, as frentes de trabalho das bibliotecárias nas bibliotecas comunitárias é um ponto estruturante da atuação. Abordaremos cada um destes eixos e o impacto junto à bibliotecária. Vamos analisar a partir de duas publicações protagonizadas pelos mediadores da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias: *Expedição Leituras* (HONORATO...[et.al], 2018) e *O Brasil que Lê (OBQL)* (FERNANDEZ, MACHADO;

ROSA, 2019).

De acordo com Honorato *et al.* (2018), os eixos do Programa Prazer em Ler formaram as equipes das bibliotecas comunitárias nos eixos – espaço, acervo, mediação de leitura, enraizamento comunitário, gestão compartilhada, comunicação, articulação, incidência política e mobilização de recursos. Olharemos cada um deles abaixo:

a) Espaço

O espaço de uma biblioteca comunitária muitas vezes busca empreender elementos culturais da própria comunidade em que se localiza. As dificuldades relacionadas à recursos financeiros fazem com que muitas bibliotecas vivam de aluguel, em locais com pouca ventilação, infiltração, entre outras intempéries nem pensadas em uma perspectiva custodial. “As bibliotecas estão sediadas em salas da instituição à qual estão vinculadas em pequenas casas, espaços comerciais, antigos mercados, garagens, galpões, igrejas, terreiros e até em cemitérios” (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2019). De acordo com a pesquisa O Brasil que Lê (OBQL), 38,5% das BCs estão localizadas em espaços de até 40m², 52,4% possuem apenas 1 espaço para realização das atividades e 77,6% possuem computador com internet.

Todavia, as equipes buscam construir espaços que sejam “como um abraço, “aconchegantes e acolhedoras”, como afirmam na pesquisa O Brasil Quê Lê “A biblioteca tem aspectos de casa de vó, é acolhedora e decorada em diálogo com livros. É possível ouvir muitos passarinhos, nem parece São Paulo (SP05)”. “Biblioteca distante do centro da cidade, instalada num galpão em um amplo terreno, no fundo com mata [...] onde só se ouve o cantar dos pássaros e das crianças (RS05)” (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2019).

[...] essas bibliotecas não partem de condições ideais como requisito para sua instalação e funcionamento. O espaço é uma conquista, que se dá por vezes num intervalo longo de tempo, assim como todos os outros aspectos relativos à implantação e manutenção das mesmas. Novamente podemos afirmar que é a resistência daqueles que fazem a biblioteca que assegura que elas se mantenham em funcionamento, oferecendo de forma qualificada sua ação comunitária, mesmo quando suas condições infra estruturais são adversas e desfavoráveis (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2019).

Como poetisa o rapper Don L (2021) “A nossa terra fértil foi vencendo o concreto. O nosso reflorestamento erguendo-se em fé e eu. Eu que sou donde a miséria seca as estações.

Vi a primavera. Florescendo entre os canhões”. As bibliotecas são primaveras brotando em lugares que o Estado não gostaria de encontrar: cultura, arte e educação. E o pior de tudo: resistência.

Segundo Souza, Damascena e Sousa (2018), o espaço da biblioteca deve ter “a cara da comunidade” e precisa de um mobiliário adequado e acessível para o público atendido. É importante também que tenham os equipamentos necessários, como um computador, infraestrutura que garanta circulação de ar e iluminação adequadas, ambientação que coloque o livro como protagonista, dinamização da programação cultural e visibilidade com uma placa na entrada da biblioteca.

Segundo Macedo [et. al] (2020, p. 476) “A bibliotecária [...] traz inspirações e realiza perguntas: quais os aspectos culturais importantes da comunidade? Há moradores da comunidade que produzem artesanato regional? A comunidade tem registros fotográficos importantes para a sua história?”.

b) Acervo

Apesar das bibliotecas não contarem com uma bibliotecária por instituição, a pesquisa OBQL identificou que 81% das bibliotecas realizam catalogação, 64,3% possuem catálogos, 87,4% realizam a classificação por cores dos livros, a partir do Sistema de Classificação por Cores de Cida Fernandez, 82,5% possuem critérios de seleção de acervos, e 49% aceitam apenas livros de literatura, 81,1% praticam o descarte de materiais, 35% possuem entre 1 mil e 3 mil livros, 71,3% realizam a compra de livros, não vivem apenas de doações e o mais interessante, 53,8% das bibliotecas apontaram que envolvem mais de uma pessoa na etapa de organização e desenvolvimento do acervo, integrando gestores, mediadores e bibliotecárias.

Esses dados nos revelam uma preocupação com o desenvolvimento do acervo, um certo contraponto com o que as pesquisas que não estão com os pés fincados nas comunidades não identificam. Apesar das bibliotecas não se organizarem utilizando os clássicos sistemas da biblioteconomia como Classificação Decimal de Dewey (CDD) e Classificação Decimal Universal (CDU), há beleza na diversa forma de se organizar estes espaços. O que falta é o acolhimento do bibliotecário. Acolhimento necessário para os profissionais que atuam nestes espaços.

Nosso papel, enquanto bibliotecárias, é buscar constantemente um acervo diverso e que as mediadoras estejam atentas às demandas dos leitores, seja com uma caixa de sugestões, seja no diálogo com os pequenos leitores (e grandes!). Isso tudo são pontos facilitadores que favorecem não apenas a leitura das palavras, mas é sobre enxergar, viver e estar no mundo (MACEDO *et al.*, 2020, p. 477).

A atuação da bibliotecária que atua junto às mediadoras necessita ser desvelada de vaidades, pois o foco não é deste profissional, e sim da relação entre esses saberes teóricos e técnicos e práticos trazidos pelas mediadoras. A bibliotecária atua em uma postura de autoridade freireana, mostrada na “segurança que se expressa na firmeza com que atua, com que decide, com que respeita as liberdades, com que discute suas próprias posições, com que aceita rever-se” (FREIRE, 1996, p. 114). Macedo *et. al* (2020) apontam que:

[...] não basta decidir o sistema de classificação e a automação, é preciso apresentá-los para que a equipe da biblioteca escolha. Ao tomá-las é preciso que todos e todas estejam empoderados destes sistemas e possam andar com as próprias pernas com a assessoria da bibliotecária. Desta forma, as mediadoras em suas rotinas de trabalho realizam a classificação e catalogação inicial, em nossas visitas de assessoria fazemos as correções e finalização do livro. O aprendizado é mútuo e o trabalho pode se tornar mais demorado, mas o conhecimento é difundido (MACEDO *et al*, 2020, p. 479).

Simbolicamente, os livros nas BCs são um tapete construído com os mesmos tecidos daqueles que constroem os tapetes das comunidades. Deve ser uma extensão dela, e a comunidade uma extensão da biblioteca.

c) Mediação de leitura

A mediação de leitura é o fio condutor de todo trabalho das bibliotecas comunitárias. Envolve prazer, deleite, diversão, entretenimento, conhecimento e tantos outros aspectos que não só favorecem a construção das identidades individuais destes profissionais, mas também na construção de um trabalho coletivo, humanizador e político. Como nos lembram Rosa, Fernandez e Machado (2019), de que “ainda não chegou o tempo de anunciar a morte dos livros e da leitura, nos modos como ela se realiza em bibliotecas, e particularmente em bibliotecas que instituem, através de suas práticas, novas sociabilidades mediadas pela leitura” (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2019).

É importante salientar que 57% dos mediadores e mediadoras das BCs que

participaram da pesquisa OBQL são moradores dos bairros em que as bibliotecas estão localizadas, o que caracteriza um vínculo direto com o local. Muitas vezes, os mediadores foram leitores das bibliotecas e encontraram neste território uma profissão.

Além disso, 90,2% das BCs realizam mediação de leitura com o livro em mãos, junto de práticas de planejamento, rotinas e formações que aperfeiçoam este trabalho. Macedo *et al.* 2020, p. 480) apontam que “a bibliotecária oferece apoio para que estas atividades sejam desenvolvidas, além de realizar planejamento coletivo e outros processos organizacionais e informacionais que irão facilitar o trabalho da mediadora”. As autoras afirmam que a profissional de biblioteconomia precisa ser leitora, visto que mais de 80% dos acervos constituem-se de literatura.

A relação dos mediadores de leitura vem de um processo muito parecido com o que Conceição Evaristo chama de *escrevivências*. Envolve escrever sua própria trajetória, calçando seus próprios sapatos. É a “inclusão de grupos sociais cuja trajetória com a leitura está, muitas vezes, marcada pela frustração, pela falta de acesso e pelo sentimento de não pertencimento se dá, na BC, através de diversas estratégias que visam aproximar as pessoas – crianças, jovens, adultos e idosos – de livros (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2019).

d) Enraizamento comunitário

Um dos pontos de grande diferenciação entre as bibliotecas comunitárias e as bibliotecas públicas é o forte enraizamento comunitário.

Envolve integrar a comunidade, as famílias, os moradores, as escolas e outros espaços nos processos de tomada de decisões, construção de programações e trabalho voluntário na biblioteca, como sendo um conselho comunitário. É importante ocupar a comunidade e os eventos dela com ações da biblioteca, é preciso estar conectado com os desejos e as necessidades do entorno (CAVALCANTE *et al.*, 2018).

A pesquisa OBQL aponta que 81% das bibliotecas têm parcerias com outras organizações do bairro e 73,4% realizam atividades de mediação de leitura em outros espaços da comunidade. Ou seja, o enraizamento não é uma ação isolada da biblioteca, mas estruturante e envolve todas as demais ações. As bibliotecárias buscam auxiliar na organização das ações em conjunto com as mediadoras, pensando na sistematização das ideias e no monitoramento dos dados de empréstimo, leitura local, público, entre outros registros.

“Se o empréstimo está baixo, mas a leitura dentro da biblioteca é grande, o que acontece para o leitor não levar o livro para casa? Se o público da biblioteca está baixo como enraizar em outras esferas da comunidade?” (MACEDO et al., 2020).

No sentido da palavra, enraizamento relaciona-se com as raízes das plantas, e:

revela uma trama de relações que se retroalimentam, fortalecem e se expandem a partir de elementos em comum, [...] engloba [...] sentimentos de pertencimento ao mesmo tempo em que envolvem a mobilização para participar de ações que contribuam para afirmar a existência e para manter ou fortalecer certa coletividade (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2019, p. 103).

O enraizamento comunitário promove a construção de uma identidade política e de ressignificação dos territórios,

E isso nos leva a pensar no enraizamento comunitário e político que é ter os pés no mundo e a mente enraizada no lugar de afeto. Isso é o mesmo que ter esse lugar entranhado no corpo-livro enquanto território que se amplia em possibilidade real de formação de leitores de todas as idades, comprometida com a transformação da comunidade, cada vez mais leitora. Aqui, o boca a boca, a comunicação estratégica visibilizando as ações da leitura enquanto direito de todas/os também diz respeito à certeza de que o acervo-vida contém histórias capazes de nos aproximar de gente como a gente, com tramas que aproximam a literatura às experiências e demandas sociais dos moradores dos mais diversos territórios, sem que nos esqueçamos dos encantamentos e prazeres que só um livro e uma boa leitura são capazes de nos proporcionar (OLIVEIRA, 2018, p. 134).

A autora neste trecho fala sobre esse enraizar não só enquanto habilidade física, mas também psíquica, individual, social e coletiva, permeado o tempo todo pela literatura enquanto um direito humano que mobiliza esse enraizar.

e) Gestão compartilhada

A gestão compartilhada é um aspecto estruturante de formação das bibliotecas comunitárias, pois diferentemente de instituições públicas e privadas (com fins lucrativos), as BCs são mobilizações sociais e desde sua fundação prezam pela organização coletiva. Na pesquisa OBQL, 81,1% afirmam adotar mecanismos de gestão participativa. Isso sinaliza os esforços para que a comunidade esteja presente efetivamente nas decisões das bibliotecas (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2019).

Dentre os mecanismos descritos destacam-se os documentos como carta de

princípios, manual de procedimentos, relatórios, regimentos internos, etc, a importância dada à comunicação interna e externa, sendo ela o máximo transparente possível e por fim, o relacionamento interpessoal, “em meio à diversidade de pessoas, culturas e experiências, podemos dizer que uma equipe bem-sucedida é aquela que constrói laços de afetividade, acolhimento e respeito mútuo” (GUARILHA, 2018, p. 104).

De acordo com Fernandez, Machado e Rosa (2019, p. 109), a gestão compartilhada “fomenta um sentido de responsabilidade compartilhada que envolve também as crianças e jovens que interagem com aqueles espaços. Esse processo de gestão não existe apenas nas quatro paredes das bibliotecas, mas avança pelas ruas das comunidades e entra na porta das famílias, convidando-as a participarem das decisões.

Porque, ainda que ela feche, existem mentes, muitas crianças que temos aqui, que com certeza elas vão buscar um mecanismo para reabrir a biblioteca. Para continuar o trabalho que vocês não iam deixar tudo que foi construído durante tantos anos. Se fechar, é deixar pra trás e perder um trabalho. Ele não ia se perder, não. Ao contrário, ia ser um incentivo para continuar mais na frente. E, não deixar que o edifício que foi construído, seja derrubado (GF02) (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2019, p. 109).

As bibliotecárias, enquanto profissionais inseridas neste coletivo autogestionado, precisam seguir com o mesmo alinhamento na rotina de suas atividades. As vozes das decisões não são hierárquicas, e muito menos devem se sobressair àquelas com os saberes teóricos, muito pelo contrário. O conceito de autoridade em Paulo Freire apoia este trabalho quando empreende que a profissional deve exercer sua posição de saber enquanto sujeito político, sempre aberta aos movimentos de transformação e revisão de certezas, pois:

compreendem a gestão compartilhada como um modelo de trabalho que preconiza a busca pelo (re)conhecimento e aprendizado coletivo de forma dinâmica, orgânica, contínua e recíproca, com as ações sendo fruto da troca de ideias e planejamento colaborativo (GUARRILHA *et al.* 2018, p. 87).

Macedo *et al* (2020, p. 485) afirmam que “o planejamento da profissional é realizado diversas vezes ao ano e compartilhado com todas as bibliotecas, além da utilização do Drive para envio de todos os documentos, registros e planejamentos. A gestão do trabalho da bibliotecária sendo vista por todo o coletivo.

f) Comunicação

A comunicação e a biblioteconomia são duas áreas que geralmente andam juntas. A biblioteca precisa que haja comunicação de suas ações, tanto internas, quanto externas. E a comunicação precisa de informações:

Comece pela comunicação interna: a) olhe no olho com cumplicidade, confiança e muita conversa entre os integrantes da biblioteca; b) seja transparente no diálogo e no compartilhamento das informações que circulam; c) planeje as estratégias de comunicação; d) produza os materiais e as atividades que serão compartilhadas. Comunicação externa: a) comece pelos vizinhos da sua biblioteca; b) crie placas, cartazes, faixas que identifiquem a biblioteca; c) crie uma agenda das atividades e divulgue-as; d) pergunte-se! O que? Para quem? Como eu vou divulgar?; d) utilize informações com linguagem acessível; e) seja criativo! Use e abuse de ideias; f) converse com quem está ao seu redor: escolas, creches, postos de saúde, associação de moradores, comércios; quebre seus muros, crie páginas em redes sociais, blogs, sites, fotografias, vídeos, jornais (ANDRADE; SOUZA; ROCHA, 2018, p. 102).

É assim que as bibliotecas comunitárias sistematizam suas ações de comunicação. É visível o impacto do planejamento, sistematização e organização da informação, e aí que a profissional de biblioteconomia entra. Segundo Macedo *et al.* (2020, p. 486) “buscamos as ações de comunicação para além do mundo digital e das redes sociais. Bicicletas sonoras, lambes espalhados pelas paredes das comunidades, diálogo com parceiros importantes da comunidade e boca a boca com os moradores”.

Na pesquisa OBQL foi identificado que 91,6% das bibliotecas usam as redes sociais digitais para divulgação, 85,3% utilizam as escolas e 67,1% materiais impressos. É pontuado também que “as dificuldades com espaço, recursos financeiros e pessoal fazem com que algumas bibliotecas não façam divulgação, já que não possuem estrutura e condições para atender um número maior de pessoas” (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2019, p. 51). Algumas bibliotecas comunitárias contam com equipes de comunicação para registros fotográficos, publicação nas redes sociais e planejamento de ações nas comunidades. A comunicação é vista como uma forma de captação de recursos, incidência política e articulação com parcerias. É a visibilidade das bibliotecas como estratégia de re(existir).

g) Incidência política

“Incidir é influenciar! E o papel das bibliotecas é influenciar a política pública para garantir o direito humano à leitura” (SILVA *et al.*, 2018, p. 165). A atuação em bibliotecas comunitárias é, sobretudo, política. De acordo com a pesquisa OBQL, 74,1% das bibliotecas

comunitárias incidem politicamente, seja na participação em fóruns municipais, estaduais ou nacionais (46,2%), conselhos de educação (11,9%), conselho de cultura (36,4%) ou Plano Municipal do Livro, Leitura e Biblioteca (45,5%).

Macedo *et al.* (2020, p. 487) afirmam que “a partir de seus conhecimentos, a profissional pode contribuir para que as ações de incidência política sejam realizadas”. Entretanto, não é tarefa fácil, essa é uma das áreas mais desafiadoras, tendo em vista a ausência destas discussões na universidade.

h) Mobilização de recursos

A sustentabilidade das bibliotecas comunitárias é outro ponto transversal que a diferencia das outras tipologias de bibliotecas. Por não obter vínculos governamentais, nem fins lucrativos, as BCs se localizam às margens da sociedade na obtenção de geração de recursos. É preciso ter em mente que uma biblioteca não tem vistas comerciais, assim como outros projetos educacionais, e por isso possuem dificuldades em se manter financeiramente.

A maior fonte de renda das bibliotecas comunitárias é a iniciativa privada, principalmente o apoio do Programa Prazer em Ler, inicialmente encabeçado pelo Instituto C&A e hoje em dia pelo Itaú Social. Foi a articulação em rede, promovida pelo programa, que fez com que centenas de bibliotecas comunitárias pudessem não só abrir as portas, mas organizar, planejar, e evidenciar para o Brasil o impacto das BCs (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2019).

[...] são essas mesmas parcerias que geram sustentabilidade para a biblioteca e, em alguns casos, para os jovens e adultos que atuam nas bibliotecas, pois abrem oportunidades para desenvolverem trabalhos como oficineiros, mediadores e até mesmo produtores culturais em outros projetos e ações, com remuneração para tal trabalho. Trata -se de um processo de fomento à geração de renda local (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2019, p. 111).

Todavia, sabemos que a sustentabilidade efetiva de espaços educacionais só vem com recursos públicos. Como citado no tópico anterior, as bibliotecas da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias empreendem esforços para que haja recursos financeiros para a garantia desses espaços. As experiências européias e latino-americanas evidenciam que somente com apoio governamental esses territórios, com autonomia, podem realizar seu trabalho com tranquilidade e efetividade, sem medo de fechar as portas a cada ano que passa.

Um saber desenvolvido pela RNBC foi de que as parcerias geram frutos e mobilizam recursos (financeiros, humanos e sociais). A rede acredita que as “[...] relações que as organizações sem fins lucrativos estabelecem com os outros atores sociais de seu entorno é fator de grande importância para a gestão no campo social, uma vez que a sobrevivência de tais organizações depende fundamentalmente das interações que estabelecem” (THIBES; NETTO, 2011, p. 135).

De acordo com Macedo *et al.* (2020), o papel da profissional de biblioteconomia é apoiar nos âmbitos organizacionais e informacionais, ou seja, buscar utilizar a informação como um valor social na hora de captar recursos, seja através do levantamento dos dados das bibliotecas (público, mediação, consulta local, empréstimos), seja na organização das informações para escrita de editais e reuniões de parceria com iniciativa privada (MACEDO, *et al.*, 2020).

i) Articulação

O conceito de articulação é entendido pelas bibliotecas comunitárias da RNBC como a “capacidade de prospectar e construir parcerias, de formar e liderar grupos de interesse, de propor e elaborar ações comuns” (SILVA *et al.*, 2018). A pesquisa OBQL identificou que 81,1% das BCs contam com algum tipo de parceria e que 81% têm parcerias com outras organizações locais (associação de moradores, de mulheres, grupos de jovens, coletivos culturais etc.) (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2019).

Na leitura dos livros de referência é visto que as bibliotecas comunitárias articulam parcerias com diversas instituições da comunidade, mas que a escola é o ponto estruturante das parcerias. Em seguida, as instituições da comunidade como associação de moradores e coletivos de cultura. Como afirma um mediador de leitura, “o patrocinador é aquele que não quer se envolver. [...] o parceiro é diferente. O parceiro constrói com você algo (PEREIRA, 2017, p. 38).

Macedo *et al.* (2020) pontuam que a bibliotecária deve buscar fazer contatos. Como um polvo, a bibliotecária é um dos braços de articulação da biblioteca comunitária e deve dialogar com diversas instâncias como universidade, conselho de biblioteconomia, pauta do livro no conselho de cultura, etc.

É complexo delimitar uma pesquisa e, por mais que não tenhamos tantos materiais sobre bibliotecas comunitárias na academia, os livros Expedição Leituras e O Brasil que Lê

são um oceano infinito de descobertas sobre estes territórios, em suas diversas dimensões.

Cada eixo analisado foi fundamental para compreendermos as frentes das bibliotecas comunitárias, e termos em mente que as bibliotecas com maior apoio financeiro (àquelas apoiadas pelo Programa Prazer em Ler) puderam ao longo do tempo ampliar seus olhares e potenciais. Os eixos ajudam a entender como funcionam as bibliotecas comunitárias e suas diferenças entre outras tipologias de bibliotecas, conforme simbolizam no livro *Expedição leituras*:

O espaço da biblioteca transformou-se na terra-solo da floresta. O acervo de livros transformou-se nas sementes das árvores. Os mediadores de leitura e os leitores transformaram-se nas próprias árvores. A mediação de leitura transformou-se na fotossíntese. O enraizamento comunitário transformou-se nas raízes que sustentam as árvores e o solo da floresta. A gestão compartilhada passou a ser a água que nutre a vida na floresta. A comunicação virou o vento que semeia e espalha as sementes. A articulação virou a polinização feita pelas abelhas. A incidência política virou a fogueira que renova a vida. A mobilização de recursos virou a colheita dos frutos. (HONORATO *et al.*, 2018, p. 29).

E nesta floresta encontram-se as bibliotecárias que, a partir de Macedo et al. (2020) e Tressino (2019), nos levaram a entender a forma de trabalho nestes territórios. O papel da bibliotecária enquanto gestora da informação - seja ela política, para sustentabilidade, para organização do espaço, para comunicação, para organização interna do coletivo, para as formações - é um traço estruturante deste trabalho. As autoras finalizam “como a biblioteconomia vem acompanhando o trabalho da bibliotecária no mundo atual?” (MACEDO et al., 2020, p. 491) e por este motivo, reencontramos nosso problema de pesquisa, em buscar compreender essas práticas informacionais entre mediadoras de leitura e bibliotecárias, atores mobilizadoras de bibliotecas comunitárias que usam a informação em prol dessas bibliotecas. Buscaremos descobrir ao longo desta pesquisa.

No próximo capítulo abordaremos sobre a mediação da informação e os processos que podem acontecer em bibliotecas comunitárias e os que já acontecem a partir do olhar aos textos escritos pelos profissionais que atuam em bibliotecas comunitárias.

4 MEDIAR A INFORMAÇÃO, A LITERATURA E A CULTURA NAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS

A palavra mediação foi citada inúmeras vezes neste trabalho, e não é pra menos. Mediar se tornou um verbo quase inerente para as bibliotecas comunitárias. Não existem BCs sem a valorização da literatura, é por isso que elas são criadas, como vimos, pelo desejo de ter um espaço de literatura nas comunidades periféricas, tão excluídas. Mediar a literatura é tornar possível este trabalho dentro das quatro paredes do território histórico e político que se chama biblioteca comunitária. Mas e a mediação da informação e da cultura, onde se encontram?

Relembramos o que Machado (2008) aborda como o conceito de biblioteca comunitária, “com o objetivo comum de ampliar o acesso da comunidade à informação, à leitura e ao livro com vistas a sua emancipação social” (MACHADO, 2008, p.64). Como as BCs estão ampliando o acesso à informação é uma pergunta para outra dissertação de mestrado (ou tese), todavia, cabe aqui identificarmos as relações que as práticas e as mediações têm em comum e que podem ou não reverberar em nosso objetivo, pois há três lugares de mediação que identificamos nas bibliotecas comunitárias, a partir das leituras realizadas: mediador > leitor; bibliotecária > mediador e mediador > bibliotecária. Buscamos neste capítulo compreender os conceitos de mediação da informação, da literatura e da cultura, a partir dos conceitos da área, mesclando com o que dizem os atores das bibliotecas comunitárias em bibliografia.

Vimos acima que as práticas informacionais são um conceito que abrange tanto a busca, o uso e o compartilhamento de informações a partir de um contexto social, político, econômico. Vejamos cada uma dessas etapas - busca, uso, compartilhamento - cada uma delas pode se desenvolver através da mediação. Eu busco informação a partir da mediação - tanto da informação, da literatura quanto da cultura - eu uso a informação a partir da mediação, eu compartilho a informação a partir da mediação. Mas não é somente neste sentido, a mediação é todo esse processo também (busca, uso e compartilhamento). Alves (2018) afirma, a partir de Guaraldo (2012) que:

[...] o conceito de práticas de informação também compreende as ações de mediação da informação e apropriação da informação, as quais pressupõem um movimento de partilha por meio da leitura que promove a interação e a negociação entre sujeitos,

de forma que eles se apropriem de informação e produzam conhecimento (GUARALDO, 2012; ALVES, 2018, p. 37-38).

Portanto, podemos empreender que a mediação é, dentro disso tudo, uma estratégia de buscar, usar e compartilhar informação. Mediar é agir, a partir de si, sobre o outro, e recebendo ou não em retorno. Não é uma via de mão única.

A mediação está presente, de maneira não explicitada, na seleção, na escolha dos materiais que farão parte do acervo da biblioteca, em todo o trabalho de processamento técnico, nas atividades de desenvolvimento de coleções e, também, no serviço de referência e informação. Presente em todas essas ações, a mediação faz parte do próprio objeto da área de informação. Especificamente, em relação à área de Ciência da Informação, o seu objeto passaria a ser mais a mediação do que a informação (ALMEIDA JÚNIOR; BORTOLIN, 2008, p. 6-7).

A mediação então torna-se uma ação coletiva entre os sujeitos envolvidos, e para que ocorra, é necessário reconhecimento das partes. Não é sobre transferência, é sobre formação, que se transforma em ressignificação. Como já dizia Paulo Freire, “[...] o ato de conhecer envolve um movimento dialético que vai da ação à reflexão sobre ela e desta a uma nova ação” (FREIRE, 1979, p. 80). E essa ação, é analisada em diferentes aspectos dentro da Ciência da Informação, mais especificamente em três vieses: informação, leitura e cultura. Falaremos um pouco de cada.

No capítulo sobre práticas informacionais, falamos sobre o conceito de informação, mas cabe retomar. A informação aqui é vista como um processo, uma prática social, dentro do contexto de cada sujeito, que vai se relacionar com ela e compreendê-la de diversas maneiras. Portanto, mediação da informação é:

[...] o processo que vai desde a comunicação via suporte até a transformação do conhecimento do sujeito. O que não se refere apenas ao sujeito estritamente em sua estrutura individual, mas tendo como dependente e co-construtor também o coletivo (aspectos históricos, sociais, interação com outros sujeitos) (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, 2007).

Partimos então do pressuposto de que a mediação não é necessariamente uma ponte entre um sujeito que sabe e um sujeito que não sabe determinada informação, mas sim, todo um processo complexo, de comunicação, transformação, coletivo e principalmente de co-construção entre os dois ou mais sujeitos.

A mediação da informação permite e exige concepção de informação que desloque o usuário da categoria de mero receptor, colocando-o como ator central do processo de apropriação. Dessa forma, defendemos que o usuário é quem determina a existência ou não da informação. A informação existe apenas no intervalo entre o contato da pessoa com o suporte e a apropriação da informação. Como premissa, entendemos a informação a partir da modificação, da mudança, da reorganização, da reestruturação, enfim, da transformação do conhecimento. Assim entendida, ela, informação, não existe antecipadamente, mas apenas na relação da pessoa com o conteúdo presente nos suportes informacionais. Estes são concretos, mas não podem prescindir dos referenciais, do acervo de experiências e do conhecimento de cada pessoa. Em última instância, quem determina a existência da informação é o usuário, aquele que faz uso dos conteúdos dos suportes informacionais (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 97).

Conceitualmente, o autor determina mediação da informação como sendo:

Toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais -, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais. (ALMEIDA JÚNIOR, 2015, p. 25).

Ou seja, gerando novas necessidades informacionais e novas práticas informacionais. Por vezes, podemos cair na velha ideia de que informação é algo material, concreto, científico, específico, mas quando pensamos na informação de forma dialética, contextualizada e definida pelo sujeito, percebemos que as relações entre informação, leitura e cultura aqui pensadas de maneira ainda muito incipiente, são difíceis de se delimitar nas bibliotecas comunitárias. Mas continuaremos a tentar.

Se a mediação de informação é o que vimos, a mediação de leitura é, sobretudo, a leitura literária. Se o termo mediação da informação não aparece nem uma vez nas obras “O Brasil que Lê” e “Expedição Leituras”, o termo mediação da leitura apresenta, na primeira, 34 resultados, já na segunda, 35 vezes. No Livro O Brasil que Lê, foi identificado que 61,5% das BCs diziam disponibilizar material de apoio a tarefas e pesquisas escolares, e ainda colheram depoimentos como o que segue:

Li muitos livros também. O meu foco, hoje, está sendo livros científicos. Profissionalmente por causa da minha área. Li também Um Defeito de Cor, que fala sobre as questões raciais também e eu também me empolgo muito com isso. É, eu gosto de ler também um pouco de tudo, mas no momento, eu estou mais no

científico mesmo, profissional (GF10) (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2018, p. 85-86).

Há, portanto, acervo científico nas bibliotecas e mediação de uma informação que seja deste caráter. No entanto, as autoras ressaltam desafios nesta área:

Neste campo, entendemos que as restrições no acesso à rede mundial de computadores e o direcionamento das coleções para livros de literatura, conforme tratado no capítulo anterior, faz com que a BC tenha limites para cumprir uma função de sala de recursos que ofereça textos informativos atualizados. A formação profissional dos mediadores também limita seu potencial enquanto espaço que amplie as oportunidades de estudo e de conhecimentos requeridos para o processo de escolarização (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2018, p. 86).

O ponto chave é o reconhecimento da BC como um espaço limitado para as pesquisas escolares devido a ausência de profissionais capacitados, o limitado recurso de computadores e o direcionamento para a coleção de literatura. Porém, nem só de informação escolar e científica se vive o conceito de informação. Há também outros aspectos como reforçados por Massola (2011):

[...] no caso desta biblioteca, em particular, as pessoas que frequentam não buscam apenas leituras de textos verbais, como também espaços de encontro com outras pessoas da mesma comunidade, momentos de aprendizagem de certas artes – tal como o grafite, a tapeçaria, a pintura. Elas buscam também informação: não é raro ver alguns senhores dirigindo-se à biblioteca para ler os jornais diários, ou senhoras pesquisando receitas culinárias, ou ainda estudantes buscando suporte para suas pesquisas escolares e temas de casa. Elas encontram neste ambiente um lugar seguro para deixar os seus filhos enquanto saem para realizar algum trabalho. (MASSOLA, 2011, P. 131)

Massola, que realizou sua pesquisa a partir do olhar para uma biblioteca comunitária porto-alegrense, aborda a mediação da informação rica em diferentes formatos: a informação científica, a pesquisa escolar, os jornais, as receitas culinárias, a arte, e as informações do cotidiano. Outro aspecto da mediação da informação se dá na relação bibliotecárias - mediadoras de leitura, através das formações.

É mesmo, mas existem muito mais ações e atividades envolvidas nesse processo. Para colocar em prática essa metodologia, os integrantes das redes precisaram de formação e acompanhamento específico para entender a lógica da classificação e suas contribuições para a formação leitora (ROCHA; HONORATO; CAVALCANTE, 2018, 54).

Nas nossas primeiras conversas logo falaram sobre o papel das formações sistemáticas que tiveram, ao longo desses doze anos de trabalho, nas quais abordaram temas como: a importância da leitura, da literatura e sua diversidade, as diferentes concepções de bibliotecas e a necessidade de luta pela garantia do direito humano ao livro, à leitura e à literatura. Esse talvez seja um dos aspectos mais relevantes para N° 61 o desenvolvimento das ações de mediação de leitura nas bibliotecas comunitárias brasileiras: criar espaços específicos de formação de mediadores de leitura. Até porque ninguém nasce mediador, como ninguém nasce leitor, não é mesmo? São práticas sociais que exigem tempo e dedicação (HONORATO; CAVALCANTE; DAMASCENA, 2018, 60-61).

Nestes dois trechos, vemos o impacto da informação nas formações e as ressignificações no trabalho cotidiano. No primeiro, a partir do trabalho técnico de biblioteconomia junto às formações em classificação. No segundo, nas formações em mediação de leitura. Percebemos que a mediação da informação e da leitura andando bastante conectadas nas bibliotecas comunitárias. “A leitura é o elemento primordial para que se estabeleça na favela um diferencial de informação e conhecimento, por isso, bibliotecas comunitárias devem, antes de tudo, engendrar ações para tentar formar leitores” (PINTO, 2013, p. 33). Pelo que percebe-se, a literatura é vista como uma forma de mediar a informação.

Aprendemos que “a mediação de leitura é uma ação voltada ao diálogo e que precisa acontecer a partir da exposição de ideias. Isso é algo que, muitas vezes, pode envolver conflito de opiniões, mas que garante a multiplicidade de visões sobre o que é lido. A mediação deve também abrir espaço para que o vivido internamente pelo leitor seja confrontado com o contexto da literatura e do mundo. Mediação implica necessariamente em relação, em respeito pelo outro, pois não se pode medir apenas como se fosse tornar acessível algo que não é conhecido, e sim, fazendo com que esse ‘algo’ ganhe sentido na vida de cada um”. O pessoal de Porto Alegre nos contou que “toda atividade de mediação tem uma intencionalidade clara e, por esse motivo, é fundamental que sejam construídos os planejamentos” (HONORATO; CAVALCANTE; DAMASCENA, 2018, 64).

Pensando que o planejamento, a intencionalidade clara e o debate estão presentes, é claro que há informação ali, pois há reflexão, há mediação e há, sobretudo, sujeitos em dialogicidade. Porque a literatura permite “o prazer, o incômodo, a alegria, a incerteza, a raiva, a mansidão, a dúvida, a afirmação, os questionamentos. Tudo aquilo que a literatura nos proporciona e nos move por dentro, um universo infinito de possibilidades” (HONORATO; CAVALCANTE; DAMASCENA, 2018, 65).

Penso que a leitura não é comparável a nenhum outro meio de aprendizado e de comunicação, porque ela tem um ritmo próprio, que é governado pela vontade do

leitor; a leitura abre espaços de interrogação, de meditação e de exame crítico, enfim, de liberdade; a leitura é uma relação com nós mesmos e não apenas com o livro: com o nosso mundo interior, através do mundo que o livros nos abre. Talvez o tempo que poderia ser destinado à leitura seja cada vez mais ocupado por outras coisas, isto já é verdade hoje, mas talvez fosse ainda mais verdade no passado, para a maior parte dos seres humanos. Seja como for, quem tem necessidade de ler, quem tem prazer de ler (e ler é certamente uma necessidade-prazer), vai continuar recorrendo aos livros, aos do passado e aos do futuro (CALVINO, 2002, p. 127-128).

Se pensarmos a partir da fala de Calvino (2002), a mediação de leitura é, portanto, uma forma de mediar informação e de mediar cultura, porque literatura também é informação e é cultura, é o mais alto grau de conhecimento e de comunicação.

O trabalho de mediação de leitura nos lembrou muito o processo da fotossíntese. Pela mediação, as bibliotecas agem para transformar a realidade das comunidades e das pessoas a partir da formação de leitores críticos, sensíveis e criadores. É um ato político de emancipação e empoderamento, de resistência e de promoção da cidadania! Mas, como nos ensinou nosso amado Paulo Freire, também “é preciso que a leitura seja um ato de amor” E põe amor nisso! Sentimos de perto quanto os mediadores de leitura são amantes de seus fazeres cotidianos (CAVALCANTE...*et al.*, 2018, 65).

É claro que a delimitação dos conceitos é fundamental para compreensão dos fenômenos, sobretudo na área acadêmica. Entretanto, nas bibliotecas comunitárias, é ingênuo pensar que é possível desmembrar isso tudo. Ora, as bibliotecas comunitárias não estão localizadas em centros educacionais, elas não têm o objetivo educativo de apresentar um texto científico e técnico, mas mesmo assim, muitas vezes o fazem, utilizando-se da mediação da literatura para abordar assuntos técnicos.

Falemos, portanto, da mediação cultural. Não é a intenção nesta dissertação discorrer sobre o conceito de cultura. Sabe-se da complexidade e contextualidade da cultura. Se a literatura pode ser promovida através da mediação, ela é uma forma de cultura, portanto, quando falamos sobre mediação cultural, engloba-se diversas outras formas de fazê-la, como a música, o cinema, as artes plásticas, etc (LIMA; PERROTI, 2016).

Retomando à ação cultural, uma biblioteca comunitária encravada numa favela deve propor ações que busquem a emancipação do seu lugar e dos seus moradores. A ação básica ou primeira, como vimos, é a formação de leitores, que é uma prática social que procura estabelecer uma rede de cidadãos críticos e reflexivos. Além de formar leitores, uma ação cultural deve, em todas as suas instâncias, esgotar as possibilidades de mediação. Quando dizemos mediação, isso significa que atentamos para uma mediação cultural, que engloba a música, a literatura, o cinema, as artes, etc., e por isso se justifica a existência de um acervo,

para que haja múltiplas possibilidades de conhecimentos de mundos. (PINTO, 2013, p. 27)

Nas bibliotecas comunitárias da RNBC são vistas dezenas de expressões culturais, tais quais as citadas acima. Na pesquisa que gerou o livro *O Brasil que Lê*, os pesquisadores identificaram que as BCs realizam as seguintes atividades, conforme segue na Figura 6:

Figura 6 - Atividades das bibliotecas

Atividade	%
Brincadeiras e jogos	69,9
Contação de histórias com livro	90,9
Contação de histórias sem livro	67,1
Desenho e pintura	67,1
Empréstimo de livros	90,2
Leitura fora da biblioteca	73,4
Oficinas temáticas	71,3
Pesquisa escolar	61,5
Recital e saraus poéticos	60,8
Rodas de leitura	70,6

Fonte: FERNANDEZ, C.; MACHADO, E.; ROSA, E. *O Brasil que lê: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores*. Olinda: CCLF, Brasil: RNBC, 2019.

A mediação cultural é vista dentro de diversas perspectivas, seja na apropriação (MARTINS, 2010), em forma de processo (TEIXEIRA COELHO, 1999), em forma de representação (Lamizet, 1999 apud DAVALLON, 2003), assim como ver a mediação como uma ação cultural (DAVALLON, 2003). Apropriação, processo, representação ou ação, a mediação cultural “surge também criando condições para que os sujeitos possam entrar em contato com sua própria cultura e se sintam parte dela, servindo como mecanismo de reabilitação e resgate sociocultural” (PAJEÚ; SANTOS, 2021). Partindo disso, nada como uma biblioteca nas comunidades periféricas brasileiras que realizam mediação cultural.

Um primeiro olhar desatento e acadêmico pode dizer que não há mediação de informação em bibliotecas comunitárias, pois não há bibliotecários. O que vimos até então a partir dos textos, é de que mediação da cultura engloba a mediação da informação e da literatura e, portanto, quando as bibliotecas comunitárias realizam diariamente mediações de leitura com planejamento e temas a serem abordados, realizam encontro com escritor,

possuem acervo tanto literário quanto científico, e também, quando as mediadoras de leitura recebem formações das bibliotecárias, e as bibliotecárias recebem formações das mediadoras, quando as formações são organizadas coletivamente abrangendo temas em geral como racismo, pautas lgbs, literatura negra, entre outros, frisamos que há mediação da informação, mediação de leitura e mediação cultural.

Fez-se necessário compreender os aspectos da mediação para organizar o olhar para as práticas informacionais, visto que essas englobam aspectos literários e culturais. A informação precisa ser vista aqui a partir da experiência do sujeito, e do que ele entende por informação. Pode ser um livro, um poema, uma música, um artigo científico, pode ser uma parede, uma fotografia, uma conversa, um sorriso. Sigamos olhando para isso com olhares poéticos e atentos.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Descreveremos nesta seção os procedimentos metodológicos que envolvem esta pesquisa. Este é um momento estruturante de qualquer pesquisa científica, em especial, as pesquisas de práticas informacionais, pois a forma como os dados são coletados impactam nos resultados alcançados e na forma como as práticas deste grupo de pessoas é visto e estudado.

Os conhecimentos existentes no mundo: científico, filosófico, religioso e popular utilizam de métodos para identificar e alcançar seus objetivos. Em qualquer pesquisa, a definição dos processos metodológicos vai interferir diretamente nos resultados alcançados. Por este motivo, não há metodologia melhor ou pior, mas apresentam uma utilidade que é maior ou menor para o referente estudo.

5.1 Desenho da Pesquisa (tipo de estudo)

Por ser um conhecimento científico, este trabalho refere-se à uma pesquisa básica com a intenção de gerar novos conhecimentos úteis para a área e a ciência em geral (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Quanto aos fins, a pesquisa é explicativa, visto que explora, descreve e explica um fenômeno, buscando explicar o porquê ocorre, “visa aprofundar o conhecimento da realidade para além das aparências dos fenômenos” (SANTOS, 1999).

Trata-se também de uma pesquisa qualitativa, pois busca “aprofundar a complexidade de fenômenos, fatos e processos particulares e específicos de grupos mais ou menos delimitados em extensão e capazes de serem abrangidos intensamente” (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 247).

No que se refere aos meios de investigação foram utilizadas: a pesquisa bibliográfica, com vistas a estender os conceitos apresentados acerca de bibliotecas comunitárias e práticas informacionais; além da pesquisa de campo a partir da técnica de entrevistas com mediadoras de leitura e bibliotecárias que atuam na RNBC; e pesquisa documental.

A pesquisa bibliográfica foi realizada nas plataformas da Ciência da Informação: BRAPCI, Repositórios em Rede, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), Portal

do IBICT, e o Portal da CAPES. Utilizou-se fontes de nacionais e internacionais nas mídias de livros, revistas, artigos, dissertações e teses, textos e documentos.

Os conteúdos voltados para as bibliotecas comunitárias, além da pesquisa nas bases de dados foram tomadas como fontes, os documentos de referência para a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias, localizados no site da mesma (www.rnbc.com.br). Estes documentos são publicações dos próprios mediadores, mediadoras, bibliotecárias e pessoas que atuam no movimento e constam como fonte riquíssima de informação.

Gonçalves (2001) afirma que a pesquisa de campo busca a informação diretamente com a população da pesquisa, em que o pesquisador infere sobre essas pessoas perguntas para compreender os fenômenos. A pesquisa de campo aconteceu junto à Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC), uma rede de bibliotecas que se organizou politicamente em 2015, mas já vinha atuando de forma orgânica há mais de 10 anos.

A RNBC é um coletivo com 11 redes locais espalhadas por quatro regiões do país. Cada rede possui um número de bibliotecas, pois se organiza organicamente através da incidência política e articulação social. Todas as redes da RNBC têm uma ou duas bibliotecárias, e cada biblioteca tem sua equipe de trabalho de mediadores de leitura, voluntários, gestores, pedagogos, etc.

5.2 Local da pesquisa

A pesquisa foi realizada com as bibliotecárias e mediadoras de leitura da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC). As bibliotecárias e mediadoras de leitura atuam em diversas cidades do país. Foram selecionadas as bibliotecárias (e conseqüentemente as mediadoras de leitura) que atuam nos seguintes estados que a RNBC atua: Pará, Maranhão, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Os critérios para seleção foram descritos abaixo. Por conta da diversidade de regiões do país, o formato das entrevistas foi online.

5.3 Amostra de Participantes

A população da pesquisa se caracteriza por doze bibliotecárias da RNBC e em torno de mais de 300 mediadores e mediadoras de leitura, de acordo com Fernandez, Machado e Rosa (2018). Para os fins desta pesquisa, foi escolhida uma amostra de seis bibliotecárias da

RNBC.

Não há nenhum estudo de caracterização das bibliotecárias da RNBC, por este motivo, deixaremos este processo para a análise de dados. Já as mediadoras de leitura da RNBC foram identificadas no feminino ao longo do texto pelo fato de 79% serem mulheres (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2019, p. 69). Foi selecionada uma amostra de seis mediadoras de leitura. Elas são caracterizadas por serem leitoras, muitas vezes escritoras, e 57% delas, da própria comunidade em que a biblioteca está localizada. Em relação à faixa etária, 45% têm até 30 anos, e 21,5% de 31 a 40 anos. Em relação à escolaridade, 90% têm ensino médio, graduação ou pós-graduação completos.

Tendo em vista este cenário, tomou-se como decisão que a escolha das mediadoras de leitura para participação na pesquisa seria realizada pelas próprias bibliotecárias participantes. Desta forma, promovemos o engajamento e protagonismo dos sujeitos na pesquisa.

As seis bibliotecárias e as seis mediadoras de leitura selecionadas para a pesquisa foram recrutadas através de WhatsApp, no grupo Comissão de Bibliotecárias da RNBC, da qual esta pesquisadora que vos fala é integrante. Todos os processos foram enviados também via e-mail para formalidade da pesquisa. Há entre as voluntárias e a pesquisadora uma relação de amizade e trabalho, isto permite uma facilidade no diálogo com as voluntárias.

A preocupação com o tamanho da amostra não deve estar presente nesta pesquisa, pelo fato que afirma:

Se a informação é construída pelos indivíduos, em vez de buscar padrões de comportamento, devemos compreender a construção da informação na vida cotidiana desses indivíduos. Como nosso objetivo não é obter generalizações e estabelecer leis sobre as práticas informacionais [...], não nos preocupamos com o tamanho da amostra da pesquisa (SILVA, 2008, p. 116).

Sendo assim, a amostra da pesquisa foi estabelecida com vistas a atingir os objetivos geral e específicos, sem intenções de generalizações. A aplicação das entrevistas se deu após a realização de um pré-teste com uma bibliotecária e uma mediadora de leitura voluntárias, que se enquadram nos mesmos critérios. Integralizando assim o total seis bibliotecárias e seis mediadoras de leitura para a realização da pesquisa.

5.4 Critérios de Inclusão e Exclusão

Para as bibliotecárias foram definidos os seguintes critérios:

1. Critério de inclusão – atuar enquanto bibliotecária de uma rede local que integra a RNBC; o tempo de atuação na RNBC; possuir experiências com formação de mediadoras de leitura e o interesse em participar da pesquisa.
2. Critérios de exclusão – atuar há menos de três anos na RNBC.

Para as mediadoras de leitura foram definidos os seguintes critérios:

1. Critério de inclusão – atuar enquanto mediadora de leitura de uma rede local que integra a RNBC; o tempo de atuação na biblioteca comunitária; a participação ativa junto à bibliotecária; o interesse em participar da pesquisa.
2. Critérios de exclusão – atuar há menos de três anos na RNBC; não atuar junto da bibliotecária.

5.5 Abordagem dos Participantes

A abordagem dos participantes foi realizada através da rede social Whatsapp, a partir do grupo Comissão de Bibliotecárias da RNBC, o qual a pesquisadora deste projeto de dissertação integra. O primeiro diálogo ocorreu via rede social e o convite para as mediadoras foi feito através do contato com as bibliotecárias, também pela rede social Whatsapp.

Para formalização dos procedimentos foi enviado e-mails de confirmação junto da documentação. A abordagem foi de fácil acesso e aceite dos participantes. Apenas um grupo de bibliotecária e mediadora de leitura de uma rede local disseram não ter interesse em participar de pesquisas acadêmicas.

No Apêndice E apresenta-se o e-mail enviado às participantes para ingresso na pesquisa.

5.6 Instrumentos de Coleta de Dados

Para fins de compreender as práticas informacionais entre bibliotecárias e mediadoras de leitura, foi escolhido como instrumento de coleta de dados, a entrevista semiestruturada, com perguntas abertas e fechadas, possibilitando ao pesquisador discorrer sobre o tema de forma livre, permitindo que ele ou ela faça perguntas que não estavam no roteiro, mesmo seguindo um roteiro preestabelecido (BONI; QUARESMA, 2005).

De acordo com Poupart (2008), a entrevista semiestruturada permite que o pesquisador identifique o sentido que os entrevistados empreendem sobre os processos analisados e garante maior liberdade para o mesmo. Além disso, permite maior detalhamento e profundidade.

As entrevistas foram realizadas individualmente com cada bibliotecária e cada mediadora de leitura de forma online, pela plataforma ZOOM, pelo fato de cada profissional estar localizada em um estado diferente do país. Para a realização da entrevista, as voluntárias preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e foi solicitada autorização para gravação da entrevista (conforme Apêndice C e D).

As entrevistas realizadas de forma individual tiveram três blocos. O primeiro bloco de perguntas foi direcionado a caracterização dos sujeitos da pesquisa, buscando compreender seu local histórico, social e político na sociedade. Já o segundo bloco destina-se às perguntas sobre as práticas cotidianas dos sujeitos na biblioteca, buscando mergulhar nesta rotina. O terceiro bloco buscou focar nas práticas de busca, uso e compartilhamento de informação.

Os percalços ao longo das entrevistas ocorreram, como dificuldade de agenda de todos os lados, agilidade nas anotações, relaxamento e desenvoltura das participantes, como também a proximidade entre pesquisadora e algumas participantes, o que gerava uma necessidade de deslocamento entre amizade e pesquisa.

Ressaltamos que a pesquisa passou pelos procedimentos necessários ao Comitê de Ética da Universidade Federal de Pernambuco. O processo foi longo, burocrático e apresentou diversas dificuldades nos documentos norteadores e o entendimento das ciências humanas. Ao todo, a pesquisa ficou travada durante três meses na espera da aprovação do Comitê para realização das entrevistas.

5.7 Procedimentos para a coleta de dados

O passo a passo para a coleta dos dados da pesquisa ocorreu da seguinte forma: a) primeiramente foram convidadas as bibliotecárias para participar da pesquisa; b) foi solicitado que as bibliotecárias convidem cada, uma mediadora de leitura; c) com as bibliotecárias e as mediadoras de leitura selecionadas, a pesquisadora enviou toda a documentação da pesquisa para assinatura; d) os agendamentos das entrevistas foram realizados com o objetivo de agendar para o mesmo dia as entrevistas de bibliotecárias e mediadoras de leitura de cada rede local; e) as entrevistas foram realizadas e gravadas (a partir de autorização).

No Apêndice A e B constam as perguntas realizadas às entrevistadas. As entrevistas foram gravadas em nuvem através da plataforma Zoom. O registro das entrevistas era realizado no momento do encontro e, posteriormente, a transcrição. Inicialmente, havia a previsão de realização da entrevista com 12 pessoas, porém alguns imprevistos foram sendo encontrados no caminho, como a negativa de uma bibliotecária e, conseqüentemente, da mediadora de leitura e a impossibilidade de participação de outra profissional devido a um problema de saúde.

Por conta desse imprevisto, foi escolhido outro grupo de profissionais (bibliotecária e mediadora de leitura) do estado de Pernambuco. Devido ao prazo da coleta de dados ter finalizado, optou-se por não entrar em contato com outro grupo, pois demoraria mais tempo e comprometeria o tempo de finalização, análise e escrita da dissertação. Portanto, finalizou-se a pesquisa com 10 participantes, sendo 5 bibliotecárias e 5 mediadoras de leitura.

A entrevista piloto realizada tanto com a bibliotecária e com a mediadora foi incorporada à pesquisa devido a riqueza de saberes que foram apresentadas. Os aspectos éticos, riscos e benefícios enviados ao Comitê de Ética da UFPE estão descritos no Anexo C. A seguir descreveremos os resultados obtidos em campo e os diálogos realizados com a literatura.

5.8 Procedimentos para análise e interpretação dos dados

A análise dos dados da pesquisa foi realizada por meio da análise de conteúdo e o uso do modelo bidimensional de práticas informacionais versão estendida de Yeoman (2010). De acordo com Franco (2020) o ponto de partida da análise de conteúdo é a mensagem, seja ela de todas as formas possíveis. Pensar sobre o significado e o sentido dela, que não é visto como algo isolado.

Análise de conteúdo é um “conjunto de técnicas de análise das comunicações que objetivam obter indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens através de procedimentos sistemáticos e objetivos” (BARDIN, 2011).

A análise de conteúdo, de acordo com Bardin (2011, p. 95), tem três fases definidas. Descreveremos abaixo as fases, a partir da definição das etapas que fazem sentido para a análise deste projeto, representadas na Figura 7, abaixo:

Figura 7 - Etapas da Análise de Conteúdo



Fonte: Adaptado de Bardin (2011)

A seguir serão aprofundadas cada fase e cada etapa da análise de conteúdo. A fase de pré-análise tem como objetivo a organização e sistematização das ideias iniciais (BARDIN, 2011). É dividida em: leitura flutuante, em que o pesquisador se deixa mergulhar pelos

documentos disponíveis. Quanto mais o leitor aprofundar-se nas leituras, mais precisa a leitura flutuante vai se transformando. Essa etapa consiste na leitura das entrevistas já observando possíveis categorias. A etapa da preparação do material envolve a transcrição das entrevistas em documentos word e anexadas em pastas no Google Drive.

A fase de exploração do material, segunda fase, é a principal atividade da análise de conteúdo, após a organização realizada na primeira fase. Este momento, “[...] consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (BARDIN, 2011, p. 131).

A etapa de recorte é o momento em que se definem as unidades de registro e contexto, que são “segmentos de conteúdo considerados unidades de base, visando a categorização” (BARDIN, 2011, p. 134). Podem ser definidas unidades de registro por palavra ou tema. Utilizaremos por tema, pois tem o objetivo de descobrir os “núcleos de sentido” que compõem a comunicação, no caso das entrevistas foi analisado o corpus inteiro.

A etapa seguinte é a enumeração, em que há a escolha das regras de contagem das unidades de contexto. Foram selecionados dois tipos de enumeração: a presença (ou ausência) que determina em que grau a unidade de contexto é significativa, assim como a ausência de certas unidades pode também indicar algo, como uma vontade escondida. O segundo tipo é a medida frequencial simples, que parte do pressuposto que quanto mais uma unidade de registro se repetir, mais ela será significativa (BARDIN, 2011).

A terceira e última etapa é a classificação e agregação, é chegado o momento de categorização. De acordo com Bardin (2011, p. 147) é “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos”. Tem como primeiro objetivo empreender uma representação simplificada de dados que são brutos.

A organização das categorias pode ser semântica (termos), sintático (verbos, adjetivos), léxicos (sentido das palavras) e expressivos. O processo de categorização é dividido em: inventário (em que se isolam os elementos) e classificação (organizam-se os elementos). Bardin (2011) afirma que um conjunto de categorias deve possuir cinco características:

1. Exclusão mútua: cada unidade de registro não pode existir em mais de uma divisão;
2. Homogeneidade: toda a organização deve ser guiada por um único princípio de classificação;

3. Pertinência: cada categoria deve estar adaptada ao material de análise escolhido e pertencer ao quadro teórico estabelecido;
4. Objetividade e fidelidade: as categorias devem ser bem estabelecidas, de modo que a subjetividade dos codificadores e variação de juízos não acarretem distorções;
5. Produtividade: um conjunto de categorias é produtivo se resulta em índices de inferências, hipóteses novas e dados exatos.

Neste sentido, foram escolhidas as categorias a partir do Modelo Bidimensional de Práticas Informacionais, a versão estendida de Yeoman (2010). O modelo descrito anteriormente na sessão de práticas informacionais, tem quatro modos e duas fases, e as práticas identificadas serão inseridas nas categorias previstas. Não há intenção de categorizar, mas de auxiliar na compreensão das práticas informacionais a partir de um modelo.

As categorias são: busca ativa, varredura ativa, monitoramento não-direcionado, por procuração, sujeitos como fonte de informação e uso da informação. Cada uma dessas categorias tem uma etapa de conexão e outra de interação.

A escolha da combinação de análise de conteúdo e do modelo de práticas de Yeoman se deve ao fato de que Barros (2016), ao estudar famílias de crianças com alergias e utilizar-se do modelo descrito acima, identificou que:

No entanto, apesar desses resultados, foi possível concluir que os modelos adotados não são suficientes para abarcar a complexidade das práticas informacionais. Assim, questões relacionadas ao poder (financeiro e intelectual) e ao gênero, por exemplo, ficaram de fora das figuras apresentadas. Dessa forma, seria relevante para a área o desenvolvimento de uma nova forma de perceber as práticas informacionais, não necessariamente um modelo, que inclua questões que os atuais modelos deixaram de fora (BARROS, 2016, p. 129).

Portanto, buscou-se superar estes desafios combinando o procedimento metodológico com o modelo teórico-prático, objetivando dar conta dos desafios encontrados por Barros (2016).

5.9 Categorias de análise

As entrevistas foram transcritas em documento word, completando um total de mais de 80 páginas de material. Para a construção das categorias de análise utilizou-se o modelo de Yeoman (2010): busca ativa, varredura ativa, monitoramento não-direcionado, por procuração, uso da informação e sujeitos como fonte de informação.

Além das categorias acima, percebemos que as práticas informacionais estudadas alcançam um novo caminho no modelo de Yeoman (2010), que é quando um sujeito que é fonte de informação vira também um produtor de conteúdo, e por este motivo, inserimos esta categoria de análise.

A fim de alcançar os objetivos desta pesquisa, no capítulo de resultados, inicialmente apresentamos o quadro do modelo de Yeoman para as práticas informacionais de bibliotecárias e para as práticas informacionais de mediadoras de leitura, com as devidas pontuações. Em seguida, serão analisadas cada categoria para ampliação e correlação entre as entrevistas e a conceituação teórica.

6 FORMANDO UMA RODA, CANTANDO UMA CANÇÃO: resultados e análises

Neste capítulo iremos apresentar os resultados obtidos a partir das entrevistas realizadas com bibliotecárias e mediadoras de leitura da RNBC e, por conseguinte, as análises destes resultados, juntando as experiências de práticas informacionais e bibliotecas comunitárias com o referencial teórico apresentado anteriormente..

6.1 Contextos e perfis das bibliotecárias e mediadoras de leitura

O primeiro bloco da entrevista com as participantes teve como objetivo a caracterização do perfil delas, com vistas a compreender o contexto em que estavam inseridas. Não houve a intenção de traçar perfis, mas sim, de conhecer um pouco sobre essas profissionais e, portanto, empreender na análise com maior profundidade de contexto.

O contexto na análise de PIs é fundamental, pois auxilia olhar a questão com os olhos de quem vivencia eles na vida real, longe das páginas do computador. Para além de perguntas fechadas sobre idade e escolaridade, na etapa de perfil queremos entender como essas pessoas enxergam as bibliotecas, as mediações de leitura e suas atividades cotidianas, para então seguir para as práticas informacionais.

Os nomes das participantes foram excluídos, assim como sua localização. Foram construídos quadros com as informações dos perfis das profissionais com vistas a melhor observação. Apresentamos os quadros 1 e 2 com as informações das bibliotecárias:

Quadro 1 - Perfil profissional das bibliotecárias 1

Profissional	Escolaridade	Idade	Tempo de atuação na rede	Mora na periferia	Atua em outros lugares
1	Pós graduação incompleta	30	5 anos (3 como bibliotecária)	Não (mas vem da periferia)	Sim, biblioteca escolar e gestora de biblioteca comunitária
2	Mestrado incompleto	35	Atuou durante dois períodos - abril de 2014 a outubro de 2018 e de setembro de 2022 até agora (4 anos e 10 meses)	Não	Sim, gestão de projeto social
3	Ensino superior completo	67	7 anos	Não	É aposentada
4	Superior completo	45	9 anos	Não	Sim, em outros projetos culturais
5	Mestrado incompleto	43	3 anos	Sim	Não

Fonte: a autora

O que podemos inferir no sentido de contexto das bibliotecárias da RNBC é de que, as entrevistadas são mulheres com idades e formação profissional diversas. Uma parte delas tem apenas a graduação, já outra parte está na pós-graduação. Apesar de algumas bibliotecárias terem menos de cinco (5) anos de atuação, todas elas têm experiências que se somam a isso, tendo atuado como mediadoras ou extensionistas, o que aumenta o tempo de atuação em BCs, ou seja, percebemos que a participação das profissionais nas bibliotecas comunitárias empreende um período de tempo longo de atuação.

Apenas uma bibliotecária diz morar na periferia e outra ter nascido em um território periférico. Todavia, a história da chegada dessas profissionais é reflexo de atuações como voluntárias ou criadoras destes espaços. A participação da universidade na entrada das profissionais nas bibliotecas comunitárias também há de ser pontuado. A maioria das bibliotecárias entrevistadas diz trabalhar em outro espaço além da BC, o que revela uma necessidade de ampliação da renda.

Todos esses espaços têm relação com práticas que envolvem cultura e educação. Os interesses das profissionais revelam a valorização da literatura e da educação em suas vidas, pincelando também a cultura como pontos fortes de interesses de vivências. No Quadro 2, abaixo, segue o perfil de interesse das bibliotecárias:

Quadro 2 - Perfil de interesses das bibliotecárias e a conexão com a RNBC

Profissional	Outros interesses	História na rede
1	"Literaturas, principalmente literaturas afirmativas (indígena, negra, lgbt, periférica), políticas públicas, cultura em geral, museus... produção cultural e gestão de projetos, fotografia, gatos, música, dança, amizades, estar no coletivo. [...] Acho que tudo que tem essas trocas e partilhas eu tenho muito interesse, tanto pessoal como profissional."	"Tudo começou porque eu era moradora de um bairro periférico e eu já fazia parte de um grupo de moradores que mobilizava um centro cultural e depois pude atuar como bibliotecária"
2	"Encadernação"	"Eu fazia parte durante a graduação de um projeto de extensão chamado qualificação das bibliotecas comunitárias [...] esse projeto consistia em ir até as bibliotecas, ver o funcionamento, ver como contribuir, aquela coisa de juntar a teoria e a prática [...] nesse período conheci o Centro de Cultura Luiz Freire (CCLF) a partir de uma disciplina de fontes de informação e foi ali que conheci a rede. [...] Quando estava pra se formar, a rede fez o convite pra ser a bibliotecária da rede"
3	"Literatura, literatura infantil, trabalhou muitos anos em biblioteca infantil, classificação, quando se formou queria trabalhar com isso. gosta muito da área técnica"	"Conhecia a *** quando era coordenadora das bibliotecas públicas da cidade de São Paulo e foi convidada, em 2009, pra participar de um seminário e o ***, um leitor de uma biblioteca comunitária, perguntou como eles podiam trabalhar juntos. Em 2015 começou a trabalhar como voluntária na Biblioteca e depois fui chamada para ser responsável como bibliotecária da rede".
4	"Incidência política, fotografia, audiovisual, literatura lgbtqia+"	"No início de 2013, a diretora da biblioteca pública me chamou pra um projeto de biblioteca comunitária, foi assim então que me aproximei da rede. [...] Passei no processo seletivo e foi assim que comecei na rede"
5	"Aperfeiçoando o campo, tanto na CI, quanto na Biblioteconomia, e quem sabe no futuro próximo ingressar na docência, dar aula para futuros bibliotecários, na faculdade onde ingressei."	"Era voluntária inicialmente, mediadora de leitura, na biblioteca, passou a ser bibliotecária da rede"

Fonte: a autora

O que percebemos é que são profissionais com ampla experiências em práticas que vão além da formação acadêmica, e que envolvem cultura, educação, arte como um todo. Em relação às perspectivas culturais, as entrevistadas foram convidadas a pensar sobre a mediação de leitura e suas práticas de cultura nas bibliotecas. Foi identificado o quanto mediar é um ato intrinsecamente cultural e que envolve outros instrumentos de cultura como teatro, música, contação de histórias, entre outros.

Na fala das bibliotecárias ficou manifesto dois pontos: o trabalho da bibliotecária de bibliotecas comunitárias como produtora cultural e estas ações como estratégias de captação de recursos.

[...] Tudo começou porque eu era moradora de um bairro periférico e eu já fazia parte de um grupo de moradores que mobilizava um centro cultural e depois pude atuar como bibliotecária”. “Os mediadores pedem minha ajuda para elaborar projetos culturais para editais” (BIBLIOTECÁRIA 1).

Os eventos culturais são práticas presentes em diversas tipologias de bibliotecas. Nas BCs, esses eventos são formas de expandir o acesso a outras linguagens artísticas, de incidir ainda mais na forma de se ver a literatura a partir do diálogo com outras linguagens e da realização de oficinas culturais. Os encontros com escritores são muito presentes, como vimos nos textos da RNBC, e os próprios autores se transformam em agentes de mobilização desses territórios. As bibliotecárias auxiliam na realização destes eventos, “trabalhar em eventos é algo que dá prazer” disse a bibliotecária 1 em entrevista.

Por conta da experiência em organização de informação, as bibliotecárias também auxiliam na escrita de editais de projetos culturais, que se transformaram em uma forma de captação de recursos. O quantitativo de leitores, de mediações de leitura e toda a parte de instrumentos de monitoramento e avaliação são demandas que as bibliotecárias coordenam e que auxiliam nesta tarefa com os editais. Das cinco bibliotecárias entrevistadas, duas não falaram sobre ação cultural e mediação de leitura. Elas se ativeram mais às práticas técnicas e de gestão da biblioteconomia.

Nos textos citados no referencial teórico, percebemos que a formação das bibliotecárias que atuam em BCs acontece de forma intensa nas práticas nestes territórios. Há na prática do trabalho do bibliotecário, seja qualquer que for a tipologia de atuação, uma formação adicional ao atuar na prática.

Tressino (et al., 2019, p. 4) afirma que “as bibliotecárias têm empreendido esforços para expansão de sua formação, afastando-se de uma educação de caráter tecnicista e buscando uma que tenha bases firmadas na sociologia, filosofia, política, educação popular e literatura”. Essa fala fica visível quando analisamos o que disseram as entrevistadas bibliotecárias. Todas reforçaram a formação dentro das BCs, e não só no sentido da prática, mas no sentido da teoria também, pois é neste espaço que lêem autores e autoras que não liam na faculdade, como Michele Petit, Paulo Freire, Silvia Castrillon, os quais escrevem sobre educação, formação de leitores e leitura.

[...] Lembro uma vez que eu fui na biblioteca de Paraisópolis, e eu fui ver uma palestra numa biblioteca comunitária, e eu me perdi na comunidade, eu falei para aqui que eu vou perguntar no boteco, cê sabe onde fica a biblioteca comunitária e o senhor disse vai aqui, dobra aqui....eu sempre sonhava isso com bibliotecas públicas (BIBLIOTECÁRIA 5).

Das cinco bibliotecárias entrevistadas, duas são moradoras de periferias. Uma delas é, além de bibliotecária da rede, gestora de uma biblioteca. Dentre suas práticas nessa biblioteca, ela integra os moradores na compra de livros, como afirmou:

É como numa compra de livros e a leitora e eu fizemos a lista de compras juntas, pra mim ela era a melhor pessoa para indicar os livros que a Aninha Peixoto precisava. [...] Os mutirões que fizemos esse ano com os voluntários. O trabalho coletivo me dá muito prazer. Trabalhar em evento, organizar...(BIBLIOTECÁRIA 1)

A outra bibliotecária não citou comunidade, nem leitores no geral, a não ser quando falou sobre o aumento no número de empréstimos. São dois olhares diferentes.

Estamos olhando a questão dos empréstimos e direcionando ao melhor caminho para melhorar o contato com o leitor (BIBLIOTECÁRIA 2).

Outras duas bibliotecárias, que não são moradoras de periferias, possuíam um olhar atento e cuidadoso sobre o tempo de cada um, de cada comunidade e sobre apresentar propostas de organização do acervo e de ações culturais que fizessem sentido para todos (equipe e moradores).

Empatia é uma coisa muito importante de se ter, porque a gente tem um olhar sobre o outro, na delicadeza do olhar, nunca é preto no branco, então tem várias outras coisas, não é só isso ou aquilo. Então não pode faltar. É saber que cada biblioteca é diferente de cada comunidade, tem tempos diferentes, e isso precisa ser comunicado e dialogado (BIBLIOTECÁRIA 2).

Antes da pandemia eu ia 1x por mês em cada biblioteca, organizava o acervo, muito mais de orientação, eu sempre acho que a gente não tem que impor, tem uma coisa que é da comunidade, que é da biblioteca, que são das pessoas que estão ali, acho que a melhor forma é assim, mas isso também tem que ter algum significado para as pessoas, não é só catalogar e classificar e ficar bonito na estante (BIBLIOTECÁRIA 5).

Uma bibliotecária não citou nada sobre moradores, comunidade e leitores, o que nos chama atenção, visto serem termos estruturantes para as bibliotecas comunitárias. Todas as bibliotecárias citaram o quanto o trabalho em rede é valioso, a troca de informações, as

experiências, o compartilhamento enriquece o trabalho. Sobretudo os diálogos entre as áreas (pedagogia, biblioteconomia, ciências sociais).

Uma palavra que podemos extrair das falas das profissionais é: organização da informação. O trabalho de organizar as informações para as áreas das bibliotecas como produção cultural, mobilização de recursos, comunicação e incidência política é um ponto chave da visão de sua função. Seja na produção de planilhas, planejamento, resumo de leis, diálogo com fornecedores, a informação está presente em todas estas etapas, e consequentemente, o trabalho bibliotecário.

De acordo com as entrevistadas, a bibliotecária que atua em bibliotecas comunitárias precisa ter uma formação humanista, gostar de gente, ser flexível, ter uma visão da sociedade e da importância daquele trabalho. A bibliotecária precisa gostar de política, pois as articulações são estruturais nas BCs, mas também precisa ter sensibilidade no olhar e jogo de cintura, precisa compreender que é coletivamente que os processos são definidos e que o tempo do outro precisa ser respeitado.

É preciso ter jogo de cintura para saber que as BCs são múltiplas, cada uma tem seu perfil, tem BC que o acervo tá maravilhoso, humilha a biblioteca pública, biblioteca escolar...comparando com a biblioteca escolar que eu trabalho, o acervo da rede é mil vezes melhor, mas eu sei que tem BCs que tão começando, que tem um acervo menor, tem suas particularidades, estão dentro de uma casa, e tu tem que ter esse jogo de cintura, é a casa da pessoa (BIBLIOTECÁRIA 1).

Porém, o trabalho seria melhor feito caso mais bibliotecárias estivessem presentes, todas as profissionais relataram a sobrecarga e que não conseguem fazer o trabalho que queriam por conta das demandas. São 8, 12, até 16 bibliotecas, o que torna impossível realizar um acompanhamento tão de perto. Outro ponto identificado foi a falta de tecnologia de qualidade nas BCs, dificultando acesso à internet, computadores de qualidade e, por conseguinte, sistemas de gerenciamento de acervo que se mantêm com instabilidades.

Se conseguíssemos ter mais bibliotecários na rede seria menos complicado pro próprio bibliotecário, porque esse trabalho é pesado pra só uma pessoa, ter tantas bibliotecas para atender. Nós temos 7, e já é um número complicado. Temos três voluntários para além da bibliotecária (MEDIADORA DE LEITURA 3).

Duas bibliotecárias pontuaram que ainda há o entendimento, de algumas bibliotecas, que o papel do bibliotecário é apenas técnico, de organização dos livros, mas que buscam burlar essa ideia, realizando mediação de leitura para as crianças.

A clareza do que podemos fazer algumas pessoas acham que só fazemos o técnico e não sabem explorar toda a outra gama que temos. Eu falo muito da biblioteca x porque é uma biblioteca que sabe utilizar toda a gama do que eu posso fazer seja na mobilização de recursos, incidência (BIBLIOTECÁRIA 2).

Eu confesso que a gente tem uma ideia da área da biblioteconomia como pessoas que detém um saber muito inacessível, algo muito longe da gente acessar, mas na verdade toda essa imagem foi mudando quando passamos a atuar com uma bibliotecária. Então esse lance do sistema de catalogação, a gente utiliza o Biblivre, mas a gente foi acabando se apropriando de terminologias da biblioteconomia que a gente viu que não era um bicho de sete cabeças, ajudou a desconstruir uma imagem muito errada da profissão. Eu reconheço como uma verdadeira troca, os profissionais que passaram pela rede tanto deixaram saber quanto levaram saberes (MEDIADORA DE LEITURA 5).

O contexto de um espaço pouco rígido, permite que a bibliotecária explore suas habilidades, seus interesses. Veremos a seguir o perfil profissional das mediadoras de leitura (Quadro 3).

Quadro 3 - Perfil profissional das mediadoras de leitura

Media-dora	Escolaridade	Idade	Tempo de atuação na rede	Mora na periferia	Atua em outros lugares
1	Pós graduação completa	34	4 anos	Sim	Sim, aula particular
2	Superior completo	41	25 anos	Sim	Militante de cultura afro, trabalha em uma casa de umbanda
3	Pós graduação completa	49	13 anos	Morava	Sim, formação de jovens
4	Graduação incompleta	27	9 anos	Sim	Faz contribuição em outros espaços de leitura para além da releitura, em caráter de consultoria informal, como bibliotecas escolares públicas, professoras procuram, mas não é uma atividade oficial
5	Superior completo	23	5 anos	Sim	Assistente de comunicação na rede LEQT e companhia de teatro

Fonte: a autora

O que podemos empreender em relação ao perfil das mediadoras é de que a cultura, a literatura e a educação são tópicos entrelaçados na trajetória de formação. Todas as mediadoras têm ou estão finalizando o ensino superior, todas na área de educação. Novamente há diversidade na faixa etária, o que reflete na variação de experiências e olhares de forma positiva.

A média de tempo de atuação na rede é de 11 anos, muito devido a uma mediadora que já atua há 25 anos no espaço. Todas as mediadoras de leitura são pessoas que vêm da periferia, um ponto importante para constituição de identidade e fortalecimento da biblioteca.

Todas as mediadoras atuam em outros territórios, nem todos pagos, o que revela um comprometimento enquanto militantes da cultura. Em relação aos interesses, algumas mediadoras colocaram a biblioteconomia como um ponto relevante, mas há também cultura e

literatura. No quadro 4 apresentamos uma síntese do perfil de interesses e história com a rede das mediadoras.

Quadro 4 - Perfil de interesses das bibliotecárias e a conexão com a RNBC

Profissional	Outros interesses	História na rede
6	Biblioteconomia (fez curso técnico)	Eu fiz o curso técnico e meu primeiro emprego foi numa escola junto com a bibliotecária *** que foi da rede, foi ela que me deu todo o norte. Depois disso fiz Letras, e aquela bibliotecária me chamou pra trabalhar na biblioteca comunitária da rede. Eu lembro que eu amei, era perto de casa, mas aí eu me mudei, mas de começo foi um presente"
7	Biblioteconomia, é a próxima formação que quero fazer.	"Cheguei como voluntária, empréstimo e devolução de livros, estava entrando no ensino médio, Eu conheci porque eu estudava em outro bairro e procurava uma biblioteca pra fazer pesquisa e tinha que ir pro centro da cidade, na época era oneroso, fiquei sabendo [...] de uma BC e me levaram um dia. Entrei inicialmente pra pesquisas, aí eu gostei do espaço, do projeto. a biblioteca tinha um projeto, onde as crianças com defasagem escolar, eram atendidas, como um reforço escolar. Tinha um grupo artístico de teatro e dança e eu gostava muito, então entrei nos dois grupos. [...] E depois comecei a trabalhar ali".
8	Literatura, questões afro-brasileiras, raciais, que envolvem a comunidade preta!	"Sempre trabalhei em projeto social. E em 2009 surge uma formação numa biblioteca e depois passaram por um processo formativo durante 1 ano e no final de 2009 começam a implementar os espaços de leitura e aí na época a presidente da instituição perguntou se eu não queria entrar para ser a mediadora. [...] Primeira viagem pra fora do estado, primeiro encontro com o poder público, primeiros desafios com a universidade."
9	Literatura - contos tradicionais e contos africanos e afro-brasileiros. [...] Outro aspecto que eu acho muito importante enquanto profissional é o de enraizamento comunitário.	"Eu ingressei no movimento de bibliotecas comunitárias por volta de 2011 eu era muito novinho, estava com 17 anos. Era aluno do ensino médio e através de uma articulação entre professores, um professor de geografia se articulou com um professor de biologia e ele abriu uma seleção para alunos que se interessassem em fazer trabalho voluntário na constituição de uma biblioteca. [...] Meu primeiro contato então foi em 2011 e ao entrar nesse espaço eu me deparei com uma diversidade de livros, de obras literárias, me lembro que na época o espaço tinha muitos livros didáticos e o grande desafio era fazer o desapego desses livros, mas tinha muita coisa boa de literatura e eu estudante de ensino médio na época enxerguei naquele espaço uma espécie de forte, me sentia muito bem cercado por aquelas obras, fazia ótimas leituras. Aquele espaço foi essencial na minha formação leitora, me deparei com muita coisa boa, e conseqüentemente me tornei um rato de biblioteca, por pesquisar aquele acervo e fazer um garimpo, eu acabei pegando gosto e pesquisando na internet outras obras, e percebendo a qualidade de obras quando chegassem.
10	Teatro, arte em geral, direitos humanos, direito no geral, meio ambiente (direitos humanos), memória e ancestralidade	"Quando eu era mais nova eu participava de um programa, e lá tinha uma biblioteca e uma companhia de teatro. Fizemos uma trupe de teatro, tínhamos 12, 13 anos, apresentávamos várias histórias, cuidávamos da biblioteca. Nisso eu conheci a *** da rede e ela me chamou pra rede Eu tinha 17 anos na época e um trabalho na época com livros era incrível".

Fonte: a autora

As trajetórias de chegada nas bibliotecas comunitárias são diferentes, mas o que chama atenção é que em todas as histórias, há uma ponte, uma mão que leva o mediador até a biblioteca, em um primeiro momento. Um professor, um educador, um amigo. Essa rede de afetos que desemboca nas bibliotecas comunitárias é particular desses territórios, e não há tecnologia digital que dê conta.

Quando propostas a pensar sobre ações culturais, as mediadoras de leitura se sentiram falando sobre seu território. O diálogo fluía com muita facilidade, e a entrevista virava quase um diário, repleto de experiências a serem compartilhadas. Percebeu-se uma forte conexão entre a mediação de leitura e a ação cultural. Algumas mediadoras citaram as atividades que realizam após a leitura, o envolvimento do teatro na hora de contar histórias, brincadeiras populares e os eventos da rede. Todas as mediadoras citaram participar da organização de eventos nas bibliotecas comunitárias e na inserção das escolas como parceiras para a realização dos eventos.

O que chama atenção foi a fala de uma mediadora de leitura sobre o mediador como consumidor de cultura, para além da ideia do mediador como leitor:

É preciso ser um consumidor de cultura, frequentar espaços culturais, estabelecer pontes entre as linguagens artísticas, não ter uma relação pacífica com a arte, estar nessa relação conflituosa, é esse cabo de guerra e sempre ter a fome de informação. (MEDIADORA 5)

Neste trecho percebemos o compromisso e a seriedade com a profissão mediador de leitura, como também um artista e um produtor de cultura. Podemos dar os créditos às formações realizadas com as equipes, à valorização da leitura literária e o incentivo à formação acadêmica.

O impacto das BCs na vida profissional das mediadoras de leitura foi palpável no diálogo com as cinco entrevistadas.

Eu morava no interior do Maranhão e a minha perspectiva era terminar o ensino médio e pronto, quando eu comecei a trabalhar na biblioteca e fazer as formações (porque a biblioteca sempre fortaleceu a nossa aprendizagem, disseram que podíamos ser o que queríamos, incentivaram a gente a fazer a graduação) e é o que fazemos com as crianças hoje, tenho alunos fazendo biblioteconomia, pedagogia...e isso tudo é por meio da leitura” (MEDIADORA 4).

Destacamos uma mediadora de leitura que aprendeu algumas funções enquanto era ainda leitora da biblioteca, pois auxiliava a equipe na classificação dos livros. Esta é uma ação valiosa das bibliotecas comunitárias, a construção coletiva junto dos leitores, promovendo uma integração ainda maior deles com a biblioteca, o leitor se vê ali no espaço, “fui eu que fiz isso”. A equipe formativa do Instituto C&A foi citada pela maioria dos mediadores de leitura.

Destaque para uma mediadora de leitura com uma perspectiva mais custodial das funções da biblioteca, tendo ela passado pelo curso técnico de biblioteconomia. A rede de apoio das bibliotecas também são formativas, como as bibliotecas públicas, demais bibliotecas comunitárias e a universidade, citada fortemente pela equipe de uma rede local que tem parceria de uma década com a universidade local.

Todas as mediadoras de leitura entrevistadas são moradoras de bairros periféricos. Uma delas inclusive foi leitora de uma biblioteca comunitária e outras três começaram como voluntárias. As vivências comunitárias refletem mediadores que realizam suas práticas com uma reflexão teórica e sentido para cada ação.

Quando eu era mais nova eu participava do programa comunitário da mobilização e lá tinha uma BC, cuidávamos da biblioteca (MEDIADORA 1).

Outro ponto muito gostoso é andar na comunidade, é essencial vivenciar a comunidade, conhecer as pessoas, a feira, o comércio, aquelas figuras (MEDIADORA 5).

As articulações com as escolas, os movimentos sociais e a comunidade preta foram caminhos importantes a serem circulados na prática do que os mediadores chamam de enraizamento comunitário, que é estruturante para este profissional.

Em relação às vivências com as bibliotecárias, algumas experiências são positivas, outras nem tanto. Mediadoras de leitura relataram que aprenderam tudo com as bibliotecárias, outra acha que ter o bibliotecário todos os dias na biblioteca dificultaria, por conta da rigidez do profissional.

Eu tenho a experiência que eu fiz estágio em biblioteca especializada e infantil. Quando fiz o curso técnico na infantil, a bibliotecária não estava presente no dia a dia, ela tava a distância e ia 1x por semana. E eu acho bacana porque eu tenho uma experiência ruim de bibliotecária o tempo todo. Mas ela era muito tradicional e ela ficava em cima e eu sinto um pouco de liberdade quando ela não está todos os dias assim tu fica mais autônoma, se atina mais, tem que decidir rápido, mas sente tomando as decisões junto, não só obedecendo (MEDIADORA DE LEITURA 2).

O caráter gestor da profissão de bibliotecária é citada pelas mediadoras como algo muito positivo, pois veem a profissional como a pessoa que vai organizar os procedimentos e orientá-las, promovendo autonomia no dia a dia dessas mediadoras de leitura. Um destaque feito por um mediador foi o apoio da bibliotecária na organização de instrumentos de registro para coleta de dados como número de leitores, número de livros lidos na biblioteca, dentre outros. Novamente o bibliotecário aparece como gestor da informação.

Foram duas bibliotecárias fundamentais nesse processos e hoje a gente conta com o registro dos livros lidos dentro da biblioteca que também contabilizamos como empréstimo, são consultas feitas localmente, outro instrumento que eu posso dizer é o aplicado pela bibliotecário que é um instrumento de caráter avaliativo onde se registra quantos livros foram emprestados pela biblioteca, nos nossos cadernos de presença onde as crianças assinam o nome (MEDIADORA DE LEITURA, 5).

O ponto de melhoria novamente recai sobre a quantidade de profissionais ser insuficiente para as demandas, muitas vezes os mediadores ficam sozinhos e acabam tendo que refazer o trabalho por conta da demora na vinda do profissional.

A partir de agora serão apresentadas as categorias, tanto aquelas propostas por Yeoman (2010), quanto às propostas por essa pesquisa com análises relacionadas aos saberes teóricos apresentados anteriormente.

6.2 Busca ativa

A busca ativa é uma forma direta de procurar a informação. Diante da pergunta sobre as estratégias de busca, as bibliotecárias e mediadoras citaram majoritariamente profissionais próprios da RNBC, sejam eles mesmos ou documentos escritos por eles.

Por estar numa rede nacional eu tenho o privilégio de ter acesso a pessoas de diversos lugares do Brasil e oportunidade de dialogar com bibliotecárias de diversos lugares do Brasil também. Quando tínhamos encontros nacionais presenciais a gente sempre estava falando sobre práticas, mas hoje em dia estamos estabelecendo momentos formativos com outras redes de BCs. O que a gente faz é muito particular nosso, às vezes tem dificuldade de achar material sobre gestão compartilhada porque só a gente faz daquele jeito, então a gente olha pra nossa própria prática e escreve sobre ela (MEDIADOR 2)

As estratégias de busca citadas pelas bibliotecárias foram as seguintes: I) pares dentro da RNBC; II) RNBC como um todo; III) bibliografia acadêmica e; IV) bibliotecários de fora da RNBC. Os itens mais citados foram: pares dentro da RNBC e bibliografia acadêmica. Há, portanto, uma validação dos textos acadêmicos por parte das profissionais, que os buscam ativamente via Google e Google acadêmico. O que a academia pesquisa é utilizado, junto das práticas vistas no cotidiano. Ainda que escassa, a literatura sobre bibliotecas comunitárias teve um aumento exponencial com a RNBC, sobretudo nos últimos anos. A presença das bibliotecárias na escrita dos artigos auxilia na validação das BCs no universo da Biblioteconomia.

O que eu tenho dúvidas...a classificação por cores no quesito a teoria da literatura em si, a discussão das definições das literaturas, por mais que tenha prática, muitos anos que eu trabalho com isso, eu acho que é mais desafiador. A gente não tem na classificação por cores bibliografia, não temos o gênero cartas, então temos uma biblioteca específica que trabalha com cartas, e cartas é um gênero literário. Eu estou sempre em contato com a criadora do sistema [...] porque de fato não tivemos aulas sobre teoria da literatura e eu aprendi na prática (BIBLIOTECÁRIA 2).

Os métodos da Biblioteconomia, apesar de abundantes, ainda estão distantes dos métodos utilizados nas BCs. A classificação por cores é um método recorrente em bibliotecas escolares e infantis, porém os estudos teóricos sobre gêneros literários, apesar de tão utilizados no cotidiano da biblioteconomia, são pouco estudados na universidade. Essa necessidade informacional acontece entre as bibliotecárias que precisam recorrer a outras áreas para a compreensão da classificação e, portanto, para a realização de formações com as mediadoras de leitura.

Já as mediadoras citaram: I) pares da RNBC, II) RNBC como um todo, III) professores que atuam em escolas, IV) bibliografia da área, V) leitores, bibliotecária, VI) redes sociais, VII) livros do acervo da biblioteca. Os itens mais citados foram: pares da RNBC e bibliografia da área. As redes sociais foram citadas apenas por uma mediadora, a partir de páginas do Instagram.

Novamente citamos a importância da relação entre teoria e prática evidenciada pela pulsão de pesquisa acadêmica atrelada aos diálogos com a prática. Uma das mediadoras relatou a utilização de músicas e a leitura de livros para buscar as informações que precisa,

“gosto muito de pesquisar no Google e Google acadêmico, gosto de ler livros, músicas, revistas de atividades pedagógicas” (MEDIADORA 4).

O contexto em que essas profissionais estão inseridas é muito valioso para a conexão entre teoria e prática, pois há articulação com a universidade, há a presença de profissionais de graduação e pesquisadores, há o cotidiano do solo da biblioteca, mas sobretudo, há a valorização do conhecimento, se não houve isso, essa riqueza não seria possível.

Livros, pesquisadores, procuro pessoas especialistas, pesquisa na internet mas pergunto pra um colega que já sabe e peço indicação de sites e artigos por referência. A universidade é uma fonte de informação, professores, estudantes, da área da biblioteconomia. Procuro as fontes mais seguras possíveis, eu tenho esse medo assim de pesquisar via internet, procuro algo seguro. Temos muitos parceiros também como a Fundação Cultural, secretarias do município. (MEDIADORA 1)

É expressivo que a mediadora de leitura pontua a internet como um local não seguro para pesquisas, mas os sujeitos como fontes seguras. O peso dado às experiências dos atores da RNBC é muito maior do que a escrita científica, seja produção deles mesmos ou de outras pessoas. Há na troca com as pessoas uma segurança, uma amplitude muito maior do que as leituras. Os sujeitos como fonte serão descritos mais à frente. Podemos inferir que o cuidado com as fontes de informação na internet vêm da presença do profissional de biblioteconomia e o caráter formativo do trabalho que desenvolve junto aos mediadores.

A busca ativa entre as bibliotecárias e as mediadoras de leitura não foi tão citada como um recurso. Podemos inferir que as bibliotecárias, quando pensaram sobre as buscas para suas práticas, descreveram efetivamente as estratégias de formações com as mediadoras, ou seja, pensaram em caminhos voltados para pesquisas com outras bibliotecárias para a realização das tarefas.

Já as mediadoras, que não citaram as bibliotecárias, podem estar pensando nas práticas próprias de mediação de leitura, e não no processamento técnico, o que, de todo modo, carrega um certo equívoco e uma visão mais restrita sobre a prática da bibliotecária, ponto este citado pela bibliotecária 2?: “Algumas pessoas acham que só fazemos o técnico e não sabem explorar toda a outra gama que temos eu falo muito da biblioteca x porque é uma biblioteca que sabe utilizar toda a gama do que eu posso fazer seja na mobilização de recursos, incidência...”.

Há neste caso a presença do profissional de biblioteconomia ainda como um agente técnico de catalogação e classificação. Essa visão é antiga da área e recorrente em diversas tipologias de bibliotecas. O que vemos nas BCs é que essas profissionais vêm buscando se formar para evidenciar seu espaço enquanto gestoras de informação e, portanto, de cultura, de conhecimento, de educação e política.

O que vimos é que bibliotecárias e mediadoras não se viram enquanto fontes de informação para além das suas experiências específicas: bibliotecárias na atuação enquanto catalogadoras e classificadoras (algumas profissionais são vistas em uma perspectiva de gestão da informação como um todo, mas nem todas) e mediadoras na atuação de mediação de leitura. No próximo item falaremos sobre a varredura ativa.

6.3 Varredura Ativa

Como vimos a varredura ativa não é especificamente direta, ela ocorre a partir da presença em locais apropriados. As bibliotecárias e mediadoras de leitura atuam diariamente em locais citados como apropriados: uma biblioteca. Um local com informações das áreas em que atuam. As bibliotecas comunitárias da RNBC têm em seus acervos seus próprios livros, além de outros tantos com autores relevantes.

Às vezes vou em livros da escola (a gente recebeu material de uma biblioteca) com muitos materiais informativos então agora se tornou um lugar pra eu consultar (MEDIADORA 1)

Em primeiro lugar no grupo do Whatsapp das mediadoras de leitura, que é da rede. Sigo muitas hashtags no Instagram com o nome de mãe, bebês, sigo algumas influencers de educação respeitosa (MEDIADORA 2)

Esse processo (formação) é autodidata, porque a gente busca conhecer nosso próprio acervo, interagir com ele, ler, estudar...(MEDIADOR 3)

Eventos da FEBAB (BIBLIOTECÁRIA 4)

Não encontro em outro lugar a não ser em relatos de outras bibliotecárias (BIBLIOTECÁRIA 2)

Eu leio coisas sobre outras bibliotecas e aprimoro para as BCs (BIBLIOTECÁRIA 4)

A varredura ativa é um processo das práticas informacionais (a partir do olhar de Yeoman) que ocorre a todo momento nas bibliotecas. O que nos interessa são as possibilidades de varredura ativa que as equipes enxergam nos espaços. As mediadoras citaram as bibliotecas em que atuam, livros da biblioteca, da biblioteca escolar da região, grupo de Whatsapp de mediadoras de leitura da rede de bibliotecas, redes sociais, eventos e relatos de bibliotecárias.

Estes são os espaços que são fonte de informação das equipes, e são espaços públicos, de fácil acesso, locais em que há mediação de outras pessoas. O que indagamos é o espaço da rede social, pois deve ser usado com muito maior rigor do que os outros ambientes. Refletimos também que: quando estamos no nosso local de trabalho diário, nós percebemos, e sobretudo, observamos atentamente as possibilidades de busca de informação? Ou nosso olhar vicia?

Um contraponto de olhar para o nosso trabalho é o olhar sobre o trabalho de outras bibliotecas, como citou a bibliotecária 4. As experiências de outras bibliotecas (escolares, públicas) nos remete ao que Certeau (1994) falou sobre as táticas que o ser humano inventa no seu cotidiano, visto que há poucos estudos sobre BCs, então as bibliotecárias utilizam de táticas inventivas para a sua práxis.

As mediadoras de leitura comentaram sobre determinados espaços que consideramos varredura ativa: drive da rede, participação em grupos de Whatsapp da rede de bibliotecas; acervo da biblioteca; participação em espaços com professores, grupo de leitores da biblioteca, redes sociais, visita em outras bibliotecas. Os mais citados foram os grupos de Whatsapp da rede de bibliotecas, território este de intenso fluxo de informações.

A partir da fala das bibliotecárias foram identificados aspectos da varredura ativa, tais como: visitas nas bibliotecas, diálogos com a universidade, espaços de incidência política, produção cultural, formações e participação no grupo de Whatsapp e reuniões da Comissão de Bibliotecárias. Os elementos mais citados foram: a presença nas bibliotecas e a comissão de bibliotecárias. Neste ponto vemos o diálogo da prática com profissionais da área, a troca de experiências com pares. Sujeitos como fonte de informação.

De todo modo, as equipes das BCs realizam visitas em outras bibliotecas, seja para participação em reuniões, formações ou eventos dos colegas. E nestes momentos, nesses encontros, os olhares voltam-se para as estantes do colega, a forma como ele organiza, a

condução da mediação de leitura. É um momento rico de trocas, como afirma uma mediadora de leitura:

Por estar numa rede nacional eu tenho o privilégio de ter acesso a pessoas de diversos lugares do Brasil e oportunidade de dialogar com bibliotecárias de diversos lugares do Brasil também, quando tínhamos encontros nacionais presenciais a gente sempre tava falando sobre práticas, mas hoje em dia estamos estabelecendo momentos formativos com outras redes de BCs (MEDIADOR 3)

As falas de mediadoras e bibliotecárias remetem à uma perspectiva de que todas as experiências se tornam fontes de informação, não necessariamente uma biblioteca com mais anos de vivência ou a que faz mais atividade, mas sim, toda e qualquer pessoa ou espaço que mobiliza movimentos parecidos de democratização do acesso ao livro é um território que vale ter como fonte de informação.

O que Bourdieu, Araújo (2017) e Freire (1987) falaram sobre a práxis, sendo um movimento de agir sobre o mundo, mas também de refletir, é o que encontramos como um processo signficante para as equipes de BCs: é válido o que se faz com práxis, em práxis, ou seja, sem ação e reflexão, não é uma fonte válida.

6.4 Monitoramento não-direcionado

Nesta etapa, a busca pela informação ocorre acidentalmente em um lugar improvável, a partir de uma conexão por encontros casuais e interação por observação e escuta. Quando falamos no trabalho de educação e cultura é difícil pensarmos em espaços que não sejam suscetíveis para a reflexão de sua prática. Uma ida ao cinema, um show, uma conversa na faculdade, são todos espaços convidativos.

O que podemos pensar como monitoramento não-direcionado no sentido das BCs são as trocas despretensiosas com os moradores da comunidade, as conversas informais, as idas ao supermercado para comprar o café da biblioteca, a parada para o almoço no restaurante do bairro, o ônibus que pegamos, entre outros processos que as bibliotecas comunitárias chamam de enraizamento comunitário. O cotidiano como uma fonte de informação.

Um relato que remete ao monitoramento não-direcionado é o da Bibliotecária 1, quando ela cita:

O retorno que a gente recebe, nas visitas, a aproximação que tu tem com alguns leitores, mesmo que tu não veja eles na próxima visita, que tu tem a proximidade com eles, ver o olhar das pessoas da biblioteca, é como numa compra de livros e a leitora e eu fizemos a lista de compras juntas, pra mim ela era a melhor pessoa para indicar os livros que a Aninha Peixoto precisava. Os mutirões que fizemos esse ano com os voluntários (BIBLIOTECÁRIA 1)

Em uma perspectiva tradicional da biblioteconomia, uma leitora de uma comunidade periférica construir coletivamente uma lista de compra de livros é improvável, e por isso acreditamos que deve estar citada nesta etapa da prática informacional, porém, citamos as experiências de BCs que corroboram a importância desta estratégia.

O que é feito pelo povo e para o povo, compreendendo por isso sua efetiva participação (BADKE, 1984, p. 18).

O processo participativo, gerando articulação local e forte vínculo com a comunidade; (MACHADO, 2008, p. 60-61)

A fala de Alilian Gradela, gestora da biblioteca comunitária Sorriso da Criança, revelou-nos o quanto os espaços físicos das bibliotecas comunitárias estão ligados à vida da comunidade. Contou que muitas foram as reflexões do coletivo sobre como aproveitar, da melhor maneira possível, seus ambientes. Fosse grande, pequena ou minúscula, uma coisa era certa: “Se estamos dispostas a trabalhar com leitura e garantir esse direito, precisamos fazer com que a biblioteca seja realmente um espaço acolhedor. Não adianta fazer um espaço do jeito que eu gosto e do jeito que eu penso, precisamos ouvir a comunidade, deixar que as crianças, os adolescentes, os jovens e os adultos estejam juntos para que possamos tomar as decisões. Garantir a participação da comunidade nos processos de gestão dos espaços é fundamental pois, é exatamente a partir de suas demandas, que definimos os horários de funcionamento e as demais atividades”. Imagina que maravilha, uma biblioteca que escuta a opinião das crianças e as convida para tomar decisão junto com os adultos. E a melhor notícia é que isso não acontece só em Fortaleza, tem várias bibliotecas por aí valorizando as vozes dos pequenos (SOUZA; DAMASCENA; SOUSA, 2018, p. 40).

Araújo (2017) amplia a importância da participação ativa para a compreensão das práticas informacionais. As bibliotecas comunitárias ampliam o impacto que essa participação ativa tem na manutenção de uma biblioteca, seja ela escolar, pública, universitária. A inclusão ativa dos leitores nos procedimentos de gestão reforça o enraizamento comunitário, a sensação de pertencimento e, sobretudo, de identidade, pois é como uma das mediadoras citou:

Outro ponto muito gostoso é andar na comunidade, é essencial vivenciar a comunidade, conhecer as pessoas, a feira, o comércio, aquelas figuras (MEDIADORA DE LEITURA 5)

O que esta mediadora nos relata é que a informação circula na comunidade como um todo e a biblioteca, inserida neste espaço, precisa transitar, estar atenta, presente, ouvindo e vivendo a comunidade e seus leitores, fazendo com que espaços antes vistos como improváveis, se tornem prováveis.

6.5 Por procuração

A etapa por procuração, de acordo com McKenzie (2003) é uma fase onde outros atores utilizam-se das fases anteriores para compartilhar uma informação com o agente, mas também quando esse agente é visto como uma fonte de informação. Por conexão se caracteriza pela identificação dos buscadores de informação, e na interação pela escuta.

As bibliotecárias citaram como práticas informacionais por procuração as seguintes ações: referências de bibliotecárias de BCs anteriores, comissão de bibliotecárias, eventos da RNBC.

Minhas maiores referências foram as próprias mediadoras da rede, tanto quanto eu entrei, as bibliotecárias quando eu entrei que tinha **** e ***** , foi fundamental pra eu entender o funcionamento das coisas pra saber como me comportar, meus limites ...eu achava que se não fosse CDD as pessoas não iam encontrar os livros. E claro a comissão de bibliotecárias, esse ano atuei menos, mas nos outros anos todos os nossos encontros, conhecer o trabalho de outras colegas eu acho que foram inspirações. ***** era referência sobre ser mais flexível, sobre escutar o outro, querer entender aquela comunidade. **** era referência nos manuais, do monitoramento. ***** ela me ajudou muito a querer fazer coisas bonitas, post its, padlets, canvas, plano de trabalho. *** e ***** foram muito na importância da incidência política. *** ia muito em eventos nas bibliotecas. A aprendizagem vem da tua bagagem, mas 70% é a rede local e as bibliotecárias das outras redes (BIBLIOTECÁRIA 1)

No trecho acima identifica-se uma necessidade de formação profissional que vai além da teoria e da prática, mas que perpassa por questões de ética profissional, desenvolvidas no diálogo com outras profissionais. A troca de experiência entre as bibliotecárias na comissão de bibliotecárias mostrou-se recorrente entre as entrevistadas, apresentando um ambiente propício para diálogos e acolhimento.

As relações de trabalho passam a ser relações de afeto, de construção coletiva. Ser uma referência não é uma questão de hierarquia, mas de valorização e de encontro. O nível de intimidade e de companheirismo que percebemos na fala desta bibliotecária é um ponto

crucial para entender as práticas informacionais entre elas, pois, ao olhar a experiência do outro elas constroem as suas, tendo em vistas as diferenças locais.

Quando Petit (2012, p. 166) afirma que não é a biblioteca ou a escola que desperta o gosto por ler, por aprender, imaginar, descobrir. É um professor, um bibliotecário, que levado por sua paixão, a transmite através de uma relação individual, nós pensamos que, não é uma biblioteca ou uma comunidade que nos desperta o interesse, enquanto bibliotecários de atuar nesses espaços, são as crianças, os mediadores de leitura, e os bibliotecários (com suas presenças e ausências) que impulsionam a pensar e repensar suas práticas.

O que buscamos inferir é de que as bibliotecárias que atuam nas bibliotecas comunitárias vêm mostrar um lado da biblioteconomia que se distancia dos incansáveis diálogos internos e acadêmicos sobre a profissão, como mostra Silva (2011):

Entretanto, relevante destacar Souza (1990), já mencionado anteriormente, que afirma que a passividade dos bibliotecários pode não estar somente ligada ao enfoque tecnicista, mas ao fato dos mesmos não serem leitores assíduos, ou mesmo usuários de biblioteca e, por isso, não conseguem se identificar com os que são. Esta ideia também se vincula à afirmativa de Milanesi no Evento realizado recentemente quando ressalta a questão de que os bibliotecários fazem parte de uma formação com pouco diálogo com o mundo, vivem no isolamento. Diante desta linha de raciocínio, passividade, neutralidade, isolamento, falta de engajamento com políticas públicas e associativas, são características de um profissional, servidor público, que chocam com o esperado por indivíduos que precisam (por seus mais variados motivos) da biblioteca de caráter público (SILVA, 2011, p. 159).

As bibliotecárias de BCs são bibliotecárias que, primordialmente, valorizam os saberes que vieram antes delas, se escutam, se acolhem e avançam juntas. Em um mundo neoliberal e capitalista, em que a competição é bastante presente, isto é raridade. Podemos ver este ponto em outros relatos:

Em contato com *****, ela é um ponto de saída para nós. Não encontro em outro lugar a não ser em relatos de outras bibliotecárias (BIBLIOTECÁRIA 3)

Amigos bibliotecários, leitores (BIBLIOTECÁRIA 4)

Pensando o processo da prática informacional, a identificação do buscador de informação por parte do bibliotecário se deu através de outras bibliotecárias de bibliotecas comunitárias e de mediadoras de leitura da rede. E o momento de interação através da escuta, mas também diálogo com esses profissionais, como um momento de troca.

Em relação às mediadoras, elas citaram: pares da RNBC, RNBC como um todo, formações no geral da RNBC e rede local, visita em outras bibliotecas comunitárias e diálogos a partir destes encontros; diálogo com a universidade e professores. Nas conversas com as mediadoras, a primeira referência de contato para tirar dúvidas, dialogar sobre certos tópicos, procurar informação foram outras pessoas das redes (RNBC como um todo e as redes locais). Alguns trechos:

A convivência faz a gente aprender, a gente nunca sabe de tudo e sempre tem algo a aprender e algo a ensinar, na rede eu aprendi a trabalhar no coletivo. (MEDIADORA 3)

Pesquisei na internet mas pergunto pra um colega que já sabe e pede indicação de sites e artigos por referência. (MEDIADORA 2)

Em primeiro lugar no grupo do whatsapp das mediadoras de leitura (MEDIADORA 1)

O que a gente faz é muito particular nosso, às vezes tem dificuldade de achar materiais sobre gestão compartilhada pq só a gente faz daquele jeito, então a gente olha pra nossa própria prática e escreve sobre ela (MEDIADORA 4)

A estratégia por procuração é a principal prática informacional das mediadoras de leitura e bibliotecárias da RNBC. Se identificam as fontes de informação, principalmente àquelas que estão mais próximas de suas práticas, bibliotecárias procuram bibliotecárias e mediadoras procuram mediadoras, e portanto, a partir disso, realizam outras estratégias como busca ativa ou varredura ativa.

As formações realizadas pela RNBC são um espaço de práticas informacionais por procuração. A RNBC dá um valor factual às formações, as quais são realizadas durante todo o ano, como disse a mediadora:

Mas também a gente acaba mapeando formadoras e formadores locais, pessoas que trabalham com a perspectiva da mediação de leitura, muitas vezes recorremos a essas pessoas (MEDIADORA 2).

Portanto, a prática por procuração não finaliza na etapa de interação, a partir da escuta, ela vai além. É realizada uma etapa de diálogo (que vai além da escuta) e pode ou não finalizar com a etapa que podemos chamar de mapeamento, em que a partir da conexão e da interação se mapeia um agente que é procurador de uma determinada informação para outras pessoas a partir de suas experiências ou de seus estudos. Essa etapa é fundamental para que

outras pessoas realizem a conexão, interação e mapeamento, pois esse mapa de contato é uma presença forte nas bibliotecas comunitárias, por isso evidenciamos a etapa por procuração.

Esta etapa de mapeamento por procuração está ligada às formações realizadas pelas bibliotecas comunitárias. Como nos diz a própria RNBC:

Nas nossas primeiras conversas logo falaram sobre o papel das formações sistemáticas que tiveram, ao longo desses doze anos de trabalho, nas quais abordaram temas como: a importância da leitura, da literatura e sua diversidade, as diferentes concepções de bibliotecas e a necessidade de luta pela garantia do direito humano ao livro, à leitura e à literatura. Esse talvez seja um dos aspectos mais relevantes para o desenvolvimento das ações de mediação de leitura nas bibliotecas comunitárias brasileiras: criar espaços específicos de formação de mediadores de leitura. Até porque ninguém nasce mediador, como ninguém nasce leitor, não é mesmo? São práticas sociais que exigem tempo e dedicação (HONORATO...[et.al], 2018, p. 41-42)

Ser mediador de leitura como uma prática social que leva tempo e dedicação. E que leva práticas informacionais no meio. E que passam pela conexão, interação e mapeamento por procuração, ou seja, a partir de outros agentes. Sem esta etapa não há construção de formações e de perspectivas formativas. É intrínseco à atuação das bibliotecas comunitárias como um todo.

Uma das etapas por procuração é ser identificado como uma fonte de informação, portanto, salientamos o que as entrevistadas disseram sobre seres produtores de conteúdos. Das cinco bibliotecárias entrevistadas, todas elas citaram terem escritos livros ou artigos sobre sua atuação.

Produzi na época da RNBC e tinha um projeto chamado Entre redes - aí eu fui a pessoa da rede no Entre Redes e falei sobre articulação, incidência política, fizemos um livro. (BIBLIOTECÁRIA 2)

O relato da bibliotecária acima afirma que as bibliotecárias também podem atuar e escrever sobre outros pontos além do trabalho técnico, como articulação e incidência política. As mediadoras de leitura também são reconhecidas como autoras pelos seus pares:

Eu dou formação de catalogação na minha biblioteca, já escrevi um artigo de uma revista sobre direitos humanos. (MEDIADORA 5)

Formações de gestão compartilhada, mediação de leitura, enraizamento comunitário, incidência política. (MEDIADORA 3)

Particpei da publicação de um livro que faz essa coletânea de artigos sobre sequências didáticas com literatura que é uma publicação feita pela universidade, em 2014, e outra agora que é uma coletânea de textos sobre BCs que é o percurso formativo do Entre Redes da RNBC. (MEDIADOR 3)

Este reconhecimento pelos pares é estruturante para que as profissionais impulsionam suas formações acadêmicas, escrevam textos e artigos e sigam caminhando em uma formação formal, para além da formação prática que já possuem. A prática informacional por procuração é mobilizadora de toda a estrutura de uma sociedade que não valoriza os saberes práticos e realizados por pessoas que não tem determinada conceituação acadêmica.

6.6 Sujeitos como fonte de informação

A prática informacional de sujeitos como fonte de informação é a estratégia mais recorrente entre atores da RNBC, como vimos em relação à prática por procuração. São as experiências de atores, sobretudo, o diálogo que se dedicam entre si que referencia a prática informacional.

É uma prática informacional percebida de forma singular. A partir do momento em que o indivíduo atua em todos os modos e fases propostos pelo modelo, desenvolve a capacidade de atuar enquanto fonte de informação, uma vez que passou a compreender o tema de forma mais ampla e profunda, devido às práticas informacionais que adotou para superar as necessidades de informação observadas. Assim, enquanto fonte informativa, essa pessoa promove etapas de conexão e de interação com outros indivíduos, a fim de repassar informações, gerando uma rede colaborativa entre os envolvidos, permanecendo, portanto, enquanto uso de informação para repasse a outras pessoas (BARROS, 2016, p. 113).

Os sujeitos enquanto fontes de informação é onde nos debruçamos sobre o compartilhamento de informações. Item tão estudado e dito pelas bibliotecas comunitárias. Compartilhar é um verbo cotidiano. É uma peça chave da prática de bibliotecárias (e também de mediadoras) que atuam em bibliotecas comunitárias. Nas falas de Tressino (2019) e Macedo (2020) identificamos que a prática cotidiana das profissionais de biblioteconomia é voltada para o compartilhamento de seus saberes técnicos, teóricos e práticos com o restante da equipe, e são diversas as estratégias utilizadas por elas.

De acordo com o que foi citado por elas, o compartilhamento se dá através de: visitas nas bibliotecas, grupos de Whatsapp da rede de bibliotecas, formações em catalogação, classificação, organização do acervo, etc. Construção de manual de procedimentos, reuniões

mensais, produção de vídeos, etc. Já com as mediadoras nós vemos: publicação de textos do programa Entre Redes, visitas nas bibliotecas, grupo de whatsapp da rede de bibliotecas.

Os grupos de Whatsapp da rede de bibliotecas foram citados pela maioria das entrevistadas como uma forma de compartilhar informações, pela agilidade, porém, há também os pontos negativos:

Com a pandemia também virou muito Whatsapp e parecia que tu não podia se desligar e isso me prejudicou bastante, que podia ser um e-mail e com o tempo isso me deixava exausta a quantidade de reuniões, isso vem muito da gestão compartilhada e as vezes eu sentia que tinha coisas que não precisa de reunião (BIBLIOTECÁRIA 1).

Há uma diversidade nas formas de compartilhar as informações, buscando atender as demandas individuais, mas a quantidade de informações que circula é grandiosa. A gestão compartilhada é uma área analisada pelas BCs, como uma forma de se fazer gestão, horizontalmente, como afirma a mediadora:

O que a gente faz é muito particular nosso, às vezes tenho dificuldade de achar material sobre gestão compartilhada porque só a gente faz daquele jeito, então a gente olha pra nossa própria prática e escreve sobre ela. Trocamos artigos sobre gestão democrática, que é o que mais se aproxima sobre a gestão compartilhada. A gente traz essa temática para dialogar. Pro momento de escrita recorre a outras bibliotecárias e universidades, sou estudante de pedagogia, quando vou falar sobre gestão compartilhada de BC eu recorro aos professores da faculdade para buscar materiais que se aproximam disso dentro da pedagogia (MEDIADORA 5).

É possível perceber a preocupação em se estudar a teoria junto da prática realizada. A mediadora acima é uma leitora de uma biblioteca que se tornou mediadora de leitura e posteriormente entrou na universidade. E essa dificuldade trazida pela mediadora, de refletir sobre algo que é muito particular das experiências de BCs é que demonstra a necessidade de se escrever sobre elas, de analisá-las e, portanto, evidenciar os aspectos negativos dessa gestão que é tão coletiva:

As pessoas se metem muito no trabalho das outras e isso prejudica muito, porque perde um pouco o limite, do que a gente pode sugerir e daquilo que não cabe a nós sugerir, eu ouvia sobre o monitoramento, que era pequeno ou grande demais, ouvia todas, mas as vezes me prejudicava, porque eu duvidava do meu próprio trabalho, achava que eu não era capaz, eu tinha medo de ser mais firme nas minhas próprias decisões por medo de ferir a gestão compartilhada (BIBLIOTECÁRIA 1).

Os processos de gestão, vistos a partir dessa fala, nos parecem ainda desorganizados sobre tarefas, deveres e, sobretudo, limites de cada um. Quando pensamos no contexto em que estamos analisando as BCs, devemos lembrar que é um contexto muito fechado e exclusivo, de pessoas que trocam informações entre si majoritariamente e que não tem estruturas organizacionais rígidas.

Todas as entrevistadas citaram pessoas como fontes de informação, através de busca, compartilhamento, uso da informação, promoção de formação, etc. As pessoas citadas majoritariamente eram bibliotecárias e mediadoras de leitura, mas há citações para autoras da área como Michele Petit e Silvia Castrillon.

Em relação às bibliotecárias: bibliotecárias da RNBC, mediadoras de leitura da RNBC, bibliotecários no geral (fora da RNBC). As mediadoras citaram: bibliotecárias da RNBC, mediadoras de leitura da RNBC, Bibliotecárias, educadores da universidade. Tanto as bibliotecárias quanto as mediadoras de leitura veem umas nas outras como fontes de informação. Mas o que vemos na prática é que as bibliotecárias são procuradas mais para questões técnicas de biblioteconomia: catalogação e classificação.

[...] uma pessoa falou pra mim que a particularidade do bibliotecário é classificar e catalogar e não pode deixar ninguém fazer, eu acho que não é só isso nosso trabalho. Acho importante que as pessoas possam fazer, possam ter conhecimento para trabalhar nessas bibliotecas. As pessoas precisam se apropriar dos conhecimentos, não pode ser só nossa. Tem uma área de conhecimento deles que é muito importante também, é compartilhar conhecimento (BIBLIOTECÁRIA 5)

Nós analisamos no capítulo sobre bibliotecas comunitárias, todos os eixos que refletem o trabalho das bibliotecas que integram a RNBC e como as bibliotecárias participam delas. Percebemos, a partir dos textos de Tressino (2019) e Macedo (2020) que a atuação da bibliotecária pode ser muito diversa, mas que ela varia de acordo com os interesses profissionais de cada profissional.

Das cinco entrevistadas mediadoras de leituras, três afirmaram como interesses a literatura e duas a biblioteconomia, já as bibliotecárias, três citaram interesses relacionados à literatura. Portanto, percebemos o impacto que a percepção sobre literatura tem nas profissionais que atuam nas BCs, o que nos leva a gerar perguntas como: por que bibliotecárias que atuam em BCs tem na literatura um espaço mobilizador tão grande?

Provavelmente porque, como vimos, mais de 70% dos acervos das bibliotecas são de literatura e suas formações majoritariamente voltadas à elas.

Uma fala das mediadoras de leitura nos chama atenção para o diálogo:

Eu escuto muito que as pessoas dizem que eu deveria ser bibliotecária, não desqualifico o trabalho da profissional nem o meu, por isso é bom ter uma profissional na rede (MEDIADORA 5)

A formação realizada pelas bibliotecárias com essa mediadora de leitura são tão impactantes que essa profissional é vista como uma bibliotecária e ainda realiza formações internas. Ou seja, o compartilhamento e a identificação dos sujeitos como fonte de informação são estruturantes para as práticas informacionais dessas profissionais.

6.7 Uso da informação

O uso da informação é um item específico de Yeoman (2010) e no campo em que se situa esta pesquisa, há uma gama de ações de usos da informação. Para as bibliotecárias citamos: diálogos com a universidade, incidência política, escrita de projetos para captação de recursos, produção cultural, comunicação, formação em catalogação, formação em classificação por cores, gestão de bibliotecas, planejamento estratégico de bibliotecas, monitoramento e avaliação de dados e gestão compartilhada.

Já as mediadoras citaram mediação de leitura com crianças, jovens, adultos e idosos, planejamento de ações culturais/eventos, desenvolvimento de formações, mobilização da comunicação da rede/biblioteca, incidência política, mobilização de recursos, atividades voltadas a garantia de direitos humanos nas comunidades, desenvolvimento da gestão compartilhada.

Não compartilharia espontaneamente, mas já pensei em criar uma página no Instagram (MEDIADORA 3)

Aprendi foi dentro da biblioteca, porque eu entrei com 15 anos e eu não tinha esse costume de ler, eu comecei a ter mais contato com a literatura quando eu entrei, porque tínhamos círculos de leitura para adolescentes e não era como organizamos agora, era como um clube de leitura. (MEDIADORA 2)

As relações das mediadoras de leitura com a literatura são heterogêneas, assim como a relação dos leitores com elas, e deve ser diversa, pois é nessa brincadeira de ler, de escrever, de ouvir, de contar que a gente vai se formando leitor e leitora. Neste ponto, foi citada a importância do compartilhamento das experiências e da literatura em si.

As bibliotecárias e mediadoras de leitura realizam, portanto, atividades que mesclam tanto a parte técnica, quanto teórica, as formações em catalogação e classificação, mas também a gestão das bibliotecas e da rede. Trata-se de uma gama de ações que se baseiam na gestão da informação e ela, portanto, como forma de gestão e compreensão da realidade.

É visível que as mediadoras de leitura estão mais ativas nas ações diretas com os leitores, e as bibliotecárias nas ações de formação de mediadores. Entretanto, percebemos que há diversidade nas experiências, portanto, há também acolhimento sobre essas diversas:

Depois com o tempo foquei na articulação com a universidade, pois tínhamos uma carência de base de dados, e o PHL que usávamos não dava muito certo, na época um professor tava desenvolvendo um software, então acabei me articulando, levando as necessidades da rede e ele conseguiu montar a partir das nossas necessidades, pensando na forma mais lúdica possível, porque quem faz a catalogação mesmo são as mediadoras que estão nas bibliotecas, então precisávamos de algo simples. Fiz incidência política, fiz parte do colegiado setorial do livro, me fez entender os editais, pude escrever editais por meio de emendas parlamentares junto de pessoas da área do livro. Não é só ser bibliotecária, é ser produtora cultural também, tu faz incidência política, tu tá mobilizando recursos, a parte de comunicação nunca me envolvi muito, esses que citei foram os eixos que eu mais trabalhei. (BIBLIOTECÁRIA 1)

O que vemos é que o uso se modifica ao longo das necessidades, sejam elas tecnológicas, terminológicas, etc. As bibliotecárias traçam planos e estratégias para atender estas demandas.

6.8 Produção de conhecimento

Quando Yeoman organizou seu modelo, em 2010, ela salientou que o modelo de McKenzie não tinha espaço para sujeitos que eram fontes de informação, e que este processo de interação era fundamental para o grupo de pesquisa que ela estava estudando, mulheres na menopausa. A autora afirma que a partir do momento que as mulheres na menopausa iam se apropriando das informações sobre o assunto, elas se tornavam fontes de informação.

Este é um ponto muito importante para compreender as PIs das bibliotecas comunitárias, sobretudo quando analisando a formação das profissionais, todas elas citam pessoas como fonte de informação que as formaram enquanto bibliotecárias e mediadoras de leitura. Porém, a compreensão de fonte é bastante ampla. Olharemos para isso por um momento. Fonte de informação é:

[...] tudo o que gera ou veicula informação. Pode ser descrita como qualquer meio que responda a uma necessidade de informação por parte de quem necessita” [...] produtos e serviços de informação, pessoas ou redes de pessoas, programas de computador, meios digitais, sites e portais (RODRIGUES; BLATTMANN, 2014, p. 10).

Rodrigues e Blattmann reforçam que uma fonte pode ser de diversos suportes, pois ela é qualquer coisa que gera/veicula informação. Elas podem ser classificadas de diferentes formas, como internas e externas à uma organização, documentais ou informais. As fontes documentais envolvem documentos, como livros, artigos, filmes, etc. As fontes informais referem-se às pessoas (CHALAÇA, FREIRE E MIRANDA, 2007).

Burke (2003) pontua que quem define o que é uma fonte de informação são as práticas informacionais de quem as vive. Morigi e Bonnotto (2004) afirmam que cada vez mais as fontes informais de informação vem sendo aceitas e não sendo mais classificadas como de segunda categoria.

Ou seja, as pessoas como fontes de informação envolvem a comunicação entre os sujeitos, através de diálogos, da leitura ou a produção de um vídeo de um relato. Entretanto, o que encontramos nas bibliotecas comunitárias vai além disso. O que ocorre envolve não só o sujeito como uma fonte a se falar e ser ouvida, não é somente um conhecimento tácito, mas também como um produtor de conhecimento, um autor/autora.

O entendimento que temos sobre os sujeitos como fontes de informação é de que são sujeitos que comunicam uns com os outros ou compartilham em locais apropriados suas experiências. Ser um produtor de conhecimento vai além disso, perpassa a construção de um conhecimento sobre o assunto, do alinhamento com pares (outras bibliotecárias e outras mediadoras de leitura), da reflexão da práxis, da leitura de textos e da escrita de processos. Para ser um produtor de conhecimento é preciso ser também um indivíduo como fonte de informação. Propomos como uma etapa seguinte a ela, em que o sujeito a partir das experiências como fonte de informação pessoal, passa para a produção de conhecimentos.

E lembramos do que falamos sobre o que é informação para este trabalho: um processo, com um contexto cultural, social, político e histórico, é um verbo, uma ação. Portanto, informação varia de pessoa para pessoa, a partir das suas experiências e visões de mundo. Já o conhecimento “está associado com a pragmática, isto é, relaciona-se com alguma coisa existente no ‘mundo real’ do qual se tem uma experiência direta” (SETZER, 1999, p. 3).

O que descrevemos caracteriza-se como competência. Os sujeitos aqui não só possuem informações e conhecimentos sobre bibliotecas comunitárias, mas competência, pois possuem a “capacidade do aprendiz de mobilizar o próprio conhecimento que o ajuda a agir em determinada situação” (GASQUE, 2013, p. 5). Setzer (2014) pontua em um exemplo de um matemático:

Um matemático competente não é apenas alguém capaz de resolver problemas matemáticos e eventualmente criar novos conceitos matemáticos – que podem ser atividades puramente mentais, interiores (e, assim, por uma de minhas hipóteses de trabalho, não-físicas). Ele deve também poder transmitir seus conceitos matemáticos a outros escrevendo artigos ou livros, dando aulas, etc., isto é, através de ações físicas (exteriores) (SETZER, 1999, p. 4).

Setzer ainda empreende outras características como criatividade, conhecimento e habilidades pessoais, para o alcance das competências. Para ele, o conhecimento não pode ser passado sem que haja interação social entre os indivíduos, já a competência envolve o educando “colocando a mão na massa” e experienciado na prática os saberes.

A compreensão dessa etapa foi levantada por alguns autores no Brasil, como: a competência em informação e o lazer levado a sério (SERAFIM, 2016); a resiliência informacional atrelada às práticas informacionais colaborativas (BRASILEIRO, 2017); e as práticas informacionais das feministas negras (MELO, 2019); As práticas informacionais e os estudos contemporâneos sobre competência em informação (MELO...*et al.*, 2021); estudos de comportamento informacional e de práticas informacionais para o desenvolvimento da competência em informação (MATA, 2022); as contribuições da competência crítica em informação nas práticas informacionais de estudantes quilombolas no ensino superior: relato de pesquisa (COSTA; FURTADO, 2021).

Fazendo uma síntese das conclusões, percebemos com esses estudos, que estudam as práticas informacionais dos sujeitos se tornou uma forma de compreender a competência informacional deles.

A análise identificou que as Práticas Informacionais dos estudantes quilombolas têm uma relação com a Competência Crítica em Informação, pois as necessidades informacionais, o acesso, o uso da informação e a interação em diferentes contextos de vivência demonstra um posicionamento crítico (COSTA; FURTADO, 2021, p. 11)

Constatou-se que os estudos contemporâneos relacionados com as competências em informação utilizam a abordagem das práticas informacionais como uma alternativa frente às abordagens tradicionais que se restringem tanto à dimensão dos padrões comportamentais quanto à dimensão das estruturas construtivistas no processo de desenvolvimento de competências em informação. A relação interdependente entre práticas informacionais e competência em informação se configura como uma perspectiva promissora para os trabalhos que se voltam às questões da autonomia informacional em contextos – sociais, culturais, políticos, econômicos – complexos. Além disso, as pesquisas empíricas apresentadas demonstram como as competências em informação podem ser construídas em contextos de vida e situações cotidianas que não se restringem aos contextos formais ou comuns da experiência humana – destacados por grande parte dos estudos informacionais (MELO...*et al.*, 2021, p.13).

Apesar de não ter sido um objetivo desta pesquisa, mas sim um resultado, o estudo das competências informacionais se dá como algo estruturante na análise das práticas de bibliotecas comunitárias, sobretudo em relação às práticas não teóricas e acadêmicas, pois elas são abraçadas pelas PIs. O que vimos é que os sujeitos passaram de fontes de informação de um conhecimento tácito, para um conhecimento explícito, gerando assim um registro, uma memória de suas práticas.

Nesse mundo de trabalho, esses atores constroem um determinado conhecimento que só se materializa socialmente através do intercâmbio ou de rede de relações sociais e é comunicado através da linguagem. Assim, eles vão buscar no conhecimento gerado pelo trabalho acumulado no passado (memória) informações para produção de novos conhecimentos e assim sucessivamente. Essa dinâmica aponta para um processo na qual a informação — de uma perspectiva epistemológica da pragmática da Ciência da Informação e da práxis da comunicação científica (RIBEIRO; PRADO, 2006) — não é transferida mecanicamente e pode ser utilizada como instrumentos de produção de todo e qualquer conhecimento. Isso se deve ao fato de toda e qualquer sociedade ter como base sólida a necessidade de produzir algo que seja material ou imaterial, e fazer isto depende de instrumentos específicos de produção e também da relação, mesmo que antagônica, entre a produção local e a produção geral. Historicamente, essa relação foi determinante e continuará existindo, não apenas no Brasil, mas em todos os países em processo de industrialização, visto que nos países altamente industrializados a tendência da produção local é de desaparecer totalmente (PRADO; MACHADO, 2008, p. 7).

Prado e Machado já falavam em 2008 sobre esse lugar da BC de memória de saberes populares, da produção local e que tem tendência a desaparecer. O que percebemos com essa

pesquisa é que as BCs não são “somente” produtoras de saberes sobre bibliotecas comunitárias, mas que são, sobretudo, produtoras de conhecimento sobre gestão compartilhada, mobilização de recursos, mediação de leitura literária, biblioteconomia, incidência política. Suas práticas informacionais horizontalizadas e criativas incentivam este ciclo do conhecimento.

Não queremos dizer que, para se ter competência informacional é preciso produzir conhecimento, mas que essa prática nas BCs reflete uma competência informacional. Das cinco bibliotecárias entrevistadas, todas elas citaram terem escritos livros ou artigos sobre sua atuação.

Produzi na época da RNBC e tinha um projeto chamado Entre redes - aí eu fui a pessoa da rede no Entre Redes e falei sobre articulação, incidência política, fizemos um livro. (BIBLIOTECÁRIA 2)

O relato da bibliotecária afirma que as bibliotecárias também podem produzir conhecimentos sobre outros pontos além do trabalho técnico, como articulação, mediação de leitura e incidência política. Pois essas profissionais vivenciam outras práticas nas BCs, para além do aparato técnico.

As mediadoras de leitura também são reconhecidas como autoras pelos seus pares como vimos no item sobre prática por procuração. As produções de conhecimento citadas pelas entrevistadas referem-se à: mediação de leitura, incidência política, literatura, gestão compartilhada, entre outros. Os canais de produção de conteúdo são canais formais como revistas, livros e artigos científicos.

Já escrevi um artigo de uma revista sobre direitos humanos (MEDIADORA 1)

No momento, só lembrei de um texto para a campanha "Livro importa", que fiz com outros dois mediadores. E alguns textos para a coluna na rede social, que fiz junto aos colegas do GT de Incidência Política, em que falamos de assuntos atuais que requerem algum posicionamento e pautas do livros, leitura, literatura e bibliotecas, que sempre tentávamos fazer link com a rotina das bibliotecas, nossa forma de trabalhar (MEDIADORA 2)

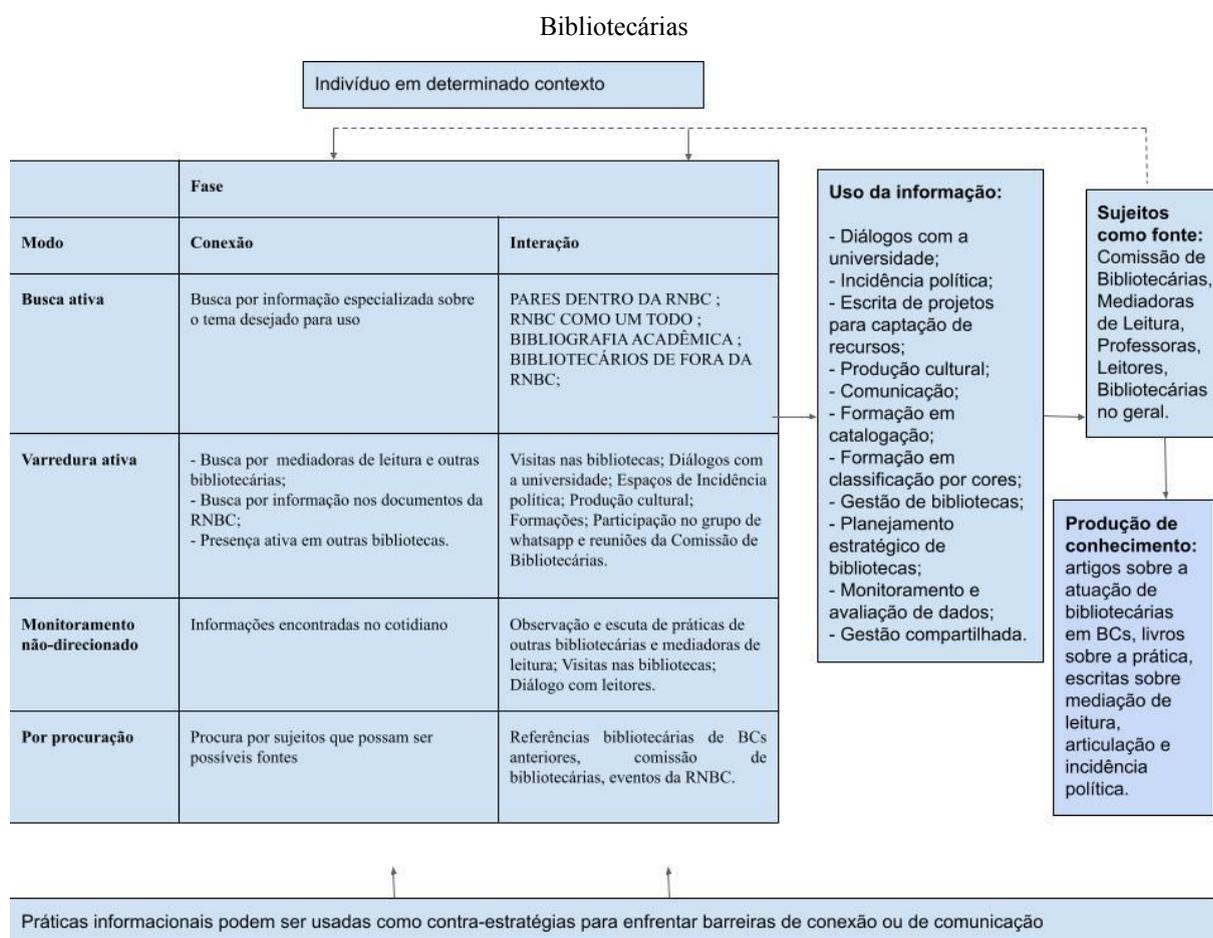
Já dei formações de gestão compartilhada, mediação de leitura, enraizamento comunitário e incidência política. A formação é um momento que a gente revisita os saberes da nossa prática, eu considero trocas formativas. Artigo científico - participei da publicação de um livro que faz essa coletânea de artigos sobre sequências didáticas com literatura, em 2014, e outra agora que é uma coletânea de textos sobre BCs que é o percurso formativo do Entre Redes da RNBC (MEDIADORA 5).

A produção de conhecimento no sentido de conexão se dá pelo reconhecimento das pessoas enquanto autoras, do reconhecimento de espaços de comunicação e dos encontros com pares para as escritas, e a interação é no momento da escrita e publicação. E assim as equipes são validadas, seja pelos seus pares, pela academia ou pelo leitor da biblioteca. Validações diversas, mas com valores simbólicos importantes para todas as bibliotecas.

6.9 Categorias de análise a partir do modelo de Yeoman (2010)

A fim de evidenciar os resultados e sintetizá-los, apresentamos a Figura 8 das categorias de análise a partir do modelo de Yeoman (2010) com as respostas das bibliotecárias. Posteriormente, apresentaremos a síntese dos resultados referentes às mediadoras.

Figura 8 - Categorias de análise apresentadas de acordo com o modelo de Yeoman (2010) do grupo de



Fonte: adaptado de Yeoman (2010).

A busca ativa mostrou-se um recurso utilizado pelas bibliotecárias, principalmente através do diálogo com outras pessoas como fonte de informação. Essas fontes mostram-se bastante delimitadas: pessoas da RNBC ou bibliotecárias com experiências na área estudada.

A varredura ativa é realizada cotidianamente nas visitas, sendo um recurso inerente à atuação do bibliotecário em bibliotecas comunitárias, devido à necessidade do profissional estar atento às necessidades e às informações que podem surgir, mesmo sem que o mediador ou o leitor infira.

O monitoramento não-direcionado também mostrou uma prática recorrente por conta da participação ativa dos profissionais em espaços formativos, políticos e educativos, o que pode gerar acidentalmente o contato com fontes de informação. O modo por procuração é o mais utilizado pelas bibliotecárias, pois as fontes são prioritariamente pessoas, mesmo que elas não tenham formação acadêmica na área.

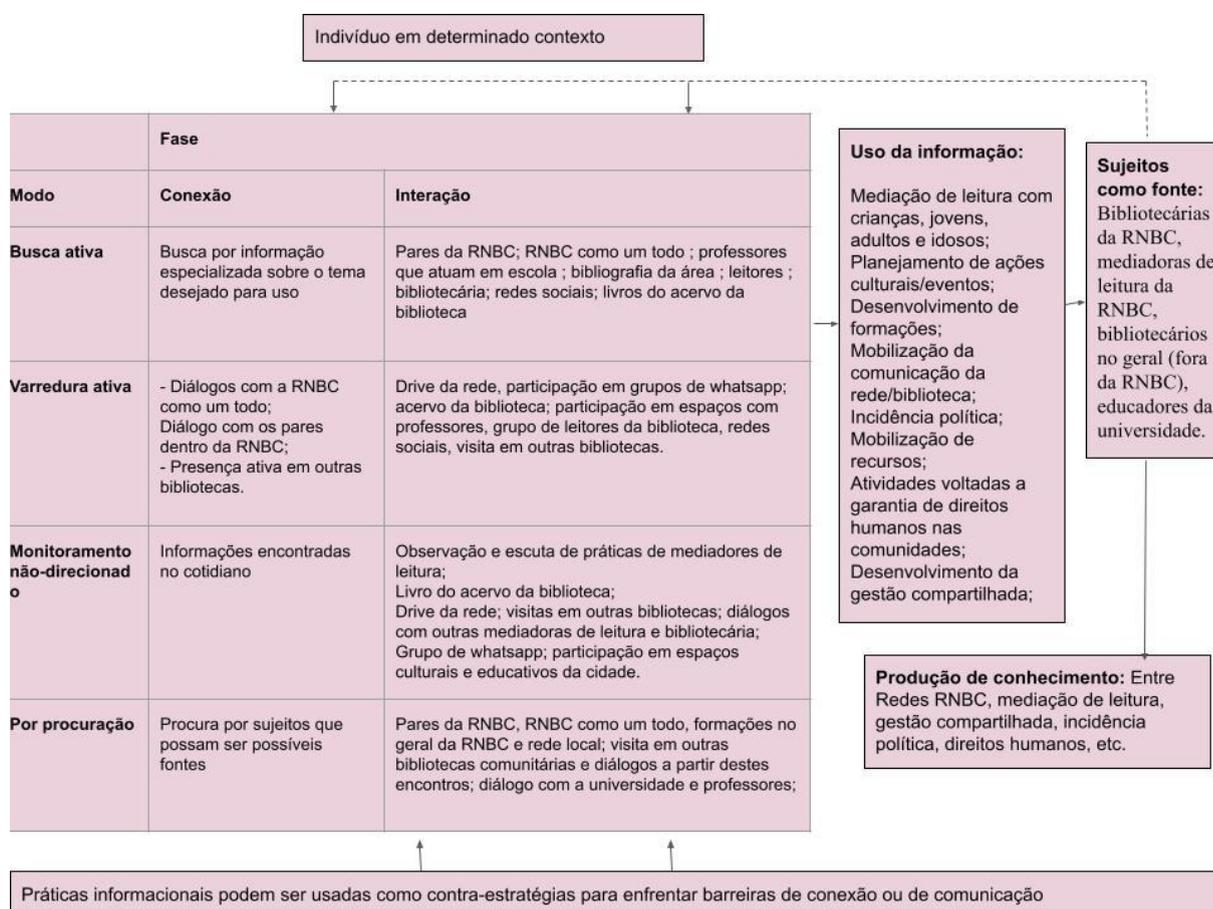
O quadro demonstra uma prática informacional muito voltada para a prática do cotidiano, uma valorização das experiências individuais e coletivas, experiências dos que vieram antes na RNBC e de pessoas mais velhas. O uso da informação pelas bibliotecárias é vasto e muito voltado para as práticas de gestão de bibliotecas, como formações, ação cultural, gestão compartilhada e comunicação e planejamento de ações coletivas, como incidência política e captação de recursos.

Os sujeitos como fonte de informação citados pelas bibliotecárias foram majoritariamente pessoas da RNBC, sendo bibliotecárias e mediadoras de leitura em um nível de fonte muito próximo. As hierarquias entre elas não foram gritantes, muito pelo contrário, um mútuo encontro entre saberes foi visualizado nas entrevistas e práticas que são muito parecidas.

Por fim, acrescentamos ao modelo a etapa de produção de conhecimento, que é uma etapa posterior aos sujeitos como fonte de informação, os quais tornam-se escritores de conhecimento explícito a partir da publicação de livros, artigos e demais conteúdos sobre suas práticas. Esta etapa está intrinsecamente ligada à competência informacional que esses sujeitos encontram para se tornarem escritores sobre os temas, os quais são validados pelos pares da rede local e RNBC.

O que inferimos do que vemos na figura com o aparato teórico é a postura ativa do profissional no diálogo com as fontes de informação, relação esta trazida por Araújo (2017) e também por Nunes e Carneiro (2018) ao citarem a informação como um processo. As profissionais em BCs estão a todo momento em espaços de informação especializada, em diálogo com outras profissionais, na leitura de textos, portanto, há um caráter ativo de seu trabalho, de desenvolvimento do mesmo. Vejamos o quadro das mediadoras de leitura a seguir (Figura 9).

Figura 9 - Categorias de análise apresentadas de acordo com a versão estendida do modelo de Yeoman do grupo de Mediadoras de Leitura



Fonte: adaptado de Yeoman (2010).

As práticas informacionais apresentadas pelas mediadoras de leitura revelam uma busca ativa primordialmente realizada junto às pessoas como fontes de informação. A rede de diálogo é ampliada, em comparação com as bibliotecárias, e as mediadoras dialogam também

com a comunidade em que a biblioteca está inserida, como a escola, leitores e o acervo da biblioteca. Apesar de ser uma atividade profissional em que não há a necessidade de formação acadêmica, as mediadoras relataram realizar pesquisas em bibliografia da área, principalmente a bibliografia produzida pela RNBC.

As experiências de varredura ativa apresentam que as mediadoras estão em espaços privilegiados para a conexão com a informação, assim como o monitoramento não-direcionado, que, acontecendo sem a intenção, e de forma improvável, pode ser visto nas observações e diálogos com os leitores. Quando há intenção na prática, todas as ações do profissional podem resultar em conexão com informações que antes poderiam ser improváveis. O contato direto dos mediadores na comunidade é um diferencial para isso.

As experiências por procuração, assim como para bibliotecárias, é primordial para a prática informacional das mediadoras. A construção do conhecimento, da bagagem, das histórias, é apresentado por elas por meio do contato com outros sujeitos que são fonte de informação. O uso da informação por mediadoras de leitura volta-se para práticas de leitura e cultura, porém há também usos para gestão da biblioteca, como comunicação, incidência política e mobilização de recursos.

O sentido de contexto apresentado pelos autores como Savolainen (1995), Araújo (2017) e Alves (2018) fica evidenciado como um contexto relacional a partir do que vimos pelas entrevistas. As profissionais foram sendo moldadas por esse contexto e junto disso moldando-o. Há uma práxis visível quando, mesmo em cargos diferentes, as práticas informacionais entre bibliotecárias e mediadoras de leitura estão muito alinhadas.

Por fim, Tressino (2019) e Macedo (2020) evidenciaram o caráter formativo das bibliotecárias, e o que vemos é que este caráter é também das mediadoras de leitura, quando percebemos que elas são sujeitos como fontes de informação, elas produzem conteúdos e dialogam sobre elas.

Esse conhecimento produzido reflete experiências de mediação de leitura, incidência política, gestão compartilhada, direitos humanos, dentre outras, uma gama enorme de saberes práticos, populares, mas também teóricos que refletem as experiências que viveram. Um rico acervo produzido a partir da prática em BCs.

7 MINHA CIRANDA NÃO É MINHA SÓ, ELA É DE TODOS NÓS: considerações finais

[...] uma pessoa falou pra mim que a particularidade do bibliotecário é classificar e catalogar e não pode deixar ninguém fazer, eu acho que não é só isso nosso trabalho. Acho importante que as pessoas possam fazer, possam ter conhecimento para trabalhar nessas bibliotecas. As pessoas precisam se apropriar dos conhecimentos, não pode ser só nossa. Tem uma área de conhecimento deles que é muito importante também, é compartilhar conhecimento (BIBLIOTECÁRIA 5)

Por estar numa rede nacional eu tenho o privilégio de ter acesso a pessoas de diversos lugares do Brasil e oportunidade de dialogar com bibliotecárias de diversos lugares do Brasil também. Quando tínhamos encontros nacionais presenciais a gente sempre estava falando sobre práticas, mas hoje em dia estamos estabelecendo momentos formativos com outras redes de BCs. O que a gente faz é muito particular nosso, às vezes tem dificuldade de achar material sobre gestão compartilhada porque só a gente faz daquele jeito, então a gente olha pra nossa própria prática e escreve sobre ela (MEDIADORA 2)

O título do capítulo de considerações finais é do trecho inicial da música “Minha Ciranda” de Lia de Itamaracá, que contém todos os seus trechos citados neste trabalho. A escolha pela música de Lia vem, inicialmente, como uma homenagem à Releitura - Rede de Bibliotecas Comunitárias de Pernambuco, a qual a pesquisadora deste trabalho integrou por alguns anos. As músicas da cirandeira pernambucana faziam parte de nossos encontros e retratam este encontro esperançoso que é o trabalho com bibliotecas comunitárias, um trabalho que junta mão com mão e que não é minha só, é de todos nós.

As falas acima dão um pontapé inicial importante para iniciarmos a conclusão deste trabalho, pois expressam as práticas informacionais que vimos ao longo deste estudo. Práticas essas analisadas a partir de uma metodologia que buscou valorizar o contexto dessas profissionais e o conteúdo falado por elas, tendo em vista o paradigma social da informação.

Esta dissertação buscou compreender as práticas informacionais das bibliotecárias e mediadoras de leitura da RNBC, e de maneira específica, estudar as PIs e suas correntes históricas e sociais, caracterizar o trabalho das profissionais citadas, identificar as práticas e apontar a contribuição delas para os sujeitos nas bibliotecas. Entendemos que os objetivos foram alcançados quando apresentamos as práticas das profissionais e fazemos pontuações junto aos teóricos citados no início deste trabalho e que as contribuições das PIs para essas profissionais serão descritas com mais afinco nestas considerações finais.

Em relação à teoria, na área de PIs buscamos compreender o contexto histórico dos estudos de usuários, as influências teóricas que constroem o conceito de práticas, a perspectiva atual, tendo base nos estudos de Araújo, e por fim analisamos os modelos de PIs que contribuem no entendimento do conceito, pois compreende-se as nuances que envolvem as conexões e interações, os contextos e as convergências das práticas.

Contudo, a compreensão dos contextos dos sujeitos deve ser colocada em evidência, pois sem ele o estudo das PIs se descaracteriza, e o que vemos é que os modelos levam pouco em conta os contextos, deixamos como sugestão futura que sejam acrescentadas etapas de análise de contexto no modelo de Yeoman (2010) que utilizamos. O que vimos nos estudos de práticas é um reflexo do campo social da informação atual e que sua análise deve ser levada como um caminho a ser seguido no futuro da CI.

Já no âmbito da teoria sobre bibliotecas comunitárias, utilizando-se de arcabouço majoritariamente escrito pela RNBC, buscamos realizar um aparato histórico das bibliotecas comunitárias, desde o século 19, até chegar nas dimensões teóricas identificadas pelas equipes da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias.

As bibliotecárias e mediadoras de leitura propõem metodologias que envolvem a pedagogia, as ciências sociais, o estudo da cultura, da administração e da comunicação. E, portanto, avançam na compreensão de gestão de bibliotecas para além da administração e planejamento, tendo um olhar horizontalizado, bastante próximo do que as bibliotecas têm de impacto social. Ou seja, mesmo as bibliotecas sendo espaços democratizadores da informação, de acesso de todos, de pesquisa e de diálogo, as experiências administrativas de gestão de bibliotecas não levam tão em conta experiências horizontalizadas. As bibliotecas comunitárias vieram para trazerem essas práticas inovadoras para um lugar que se diz tão democrático, mas que ainda esbarra em gestões centralizadas e verticalizadas.

Sentimos então a necessidade de adentrar nas teorias de mediação, visto que as práticas informacionais e a mediação da informação, leitura e cultura andam juntas na análise de BCs. As relações entre informação, leitura e cultura são de grande proximidade na prática dessas bibliotecas e as práticas informacionais alcançam essas mediações para terem êxito, pois as profissionais utilizam da mediação de literatura e de cultura para informar e promover conhecimento e, por conseguinte, competência.

A prática de mediar é quase que intrínseca das bibliotecas comunitárias, o que relaciona-se com as experiências horizontais de gestão. As ações são de acolhimento, de

escuta e de espaço do outro, como vimos nas falas das bibliotecárias, que sempre pontuam o quanto precisa surgir das mediadoras de leitura as necessidades e os entendimentos e não delas.

As teorias apresentadas pela RNBC são rebuscadas e apresentam autores consagrados da educação, como Paulo Freire, Michele Petit, entre outros. O que reflete em uma teoria que não é somente de um conhecimento tácito, mas que vêm de um lugar também dele, mas se transforma em conhecimento explícito e produz um novo produto, que perpassa as experiências coletivas que vimos serem relatadas. A Ciência da Informação trabalha muito na perspectiva das práticas em bibliotecas, mas ainda precisa dialogar mais com outras áreas do conhecimento para inflar suas percepções.

Os contextos das entrevistadas são diversos, tanto bibliotecárias quanto mediadoras de leitura apresentam experiências de longa data com as bibliotecas comunitárias, e que se modificam ao longo do tempo, passando por cargos diversos nas bibliotecas, o que reflete em um compromisso com as bibliotecas comunitárias, para além de posições profissionais. Todavia, a necessidade de ampliação de renda foi percebido, refletindo em cargas horárias em outros espaços.

A realidade desses sujeitos é de trabalhadores assalariados, muitos vindos das periferias, com cargas de trabalho intensas, e que precisam de dois empregos para o seu sustento. Há, portanto, a precarização do trabalho, por serem bibliotecas de movimentos sociais, não havendo condições de serem profissionais com carteira assinada. Isto impacta no trabalho, pois as profissionais não têm dedicação exclusiva àquelas atividades, não podendo assim ampliar as ações ou fazê-las com maior tempo.

Em relação ao contexto profissional das bibliotecárias foi analisado que são profissionais com grande relação com a cultura, a arte e a educação, sendo assim bibliotecárias que já se relacionam com práticas não somente voltadas à custódia de materiais. Mas que vão além e procuram encontrar em outras áreas a complementação de sua formação. São profissionais educadoras, fortemente criativas em pensar novas estratégias para a sua prática, que precisam ter flexibilidade e pouca rigidez.

De um modo geral, é um contexto que favorece as pessoas que já tem um pé em espaços de cultura e educação, mas que se relaciona pouco com a formação acadêmica de biblioteconomia. Sabemos que uma graduação não prepara um profissional para todas as áreas em que ele pode atuar, e que uma formação generalista é o caminho que geralmente as

universidades seguem e conseguem dar conta, porém, acreditamos que textos e debates sobre literatura, educação e cultura são intrínsecos a qualquer profissional de biblioteconomia e são temas que não devem ser deixados de lado. Além disso, as experiências de gestão horizontalizadas também poderiam ser inseridas nos debates sobre administração de bibliotecas nas universidades. Pois há novos caminhos a serem trilhados, novas experiências de vivência de biblioteca, que a biblioteconomia precisa acompanhar.

Em relação ao contexto das mediadoras de leitura, o que vimos são pessoas que foram transformadas por esses espaços, principalmente no sentido formativo. Jovens que encontraram um caminho profissional, voluntários que encontraram um emprego, pessoas que foram chamadas em lugares que sempre sonharam em trabalhar. Os pés que vêm da comunidade trilham um caminho que conhece o solo, então fortalecem aspectos como identidade, pertencimento, enraizamento comunitário. Esse encontro se dá por um amigo que levou até lá, um professor, uma ponte, uma mediação.

E por falar nisso, o encontro das bibliotecárias com as bibliotecas comunitárias também se dá de maneira parecida. É um amigo, um professor, uma ação que participou. Essa rede que atua junto, também puxa outras pessoas para perto. É como a música de Lia citada acima, é uma grande ciranda, em que algumas pessoas entram e outras saem.

O contexto das mediadoras é, novamente, de um trabalho precarizado, em que é preciso procurar um segundo emprego para o sustento necessário. Mas não deixam de atuar nas bibliotecas comunitárias, pois são militantes, ali não é somente um espaço de trabalho, é um espaço de luta, de resistência. Percebemos nas mediadoras que as bibliotecas são como suas casas, são territórios de ser, de estar, de existir. Um quintal. Ou uma extensão de si mesmas. Seus interesses relacionam-se com todo esse universo: literatura, teatro, biblioteconomia, questões afro centradas.

Há no contexto dessas mediadoras a mediação de leitura no centro. O livro é o protagonista, mas a mediação é sua prática, sua voz. O convite para falar sobre mediação é muito bem recebido, mas há também espaço aberto para a biblioteconomia no coração dessas mulheres. Vimos a bibliotecária como um apoio para essas mediadoras de leitura, uma “mãozinha” muito bem capacitada e que tem uma fala muito respeitada.

São contextos que se diferenciam um pouco nas trajetórias, a das bibliotecárias ainda um pouco de fora do território, das mediadoras é totalmente de dentro. A universidade é fundamental no encontro das bibliotecárias com as bibliotecas comunitárias, e deve ser

convidada a sempre ser. A vida das mediadoras de leitura se transforma com a chegada nas BCs e isso reflete na formação acadêmica, na construção de um projeto de vida profissional e na sua luta enquanto agentes transformadores da sociedade.

A criatividade é um tópico que percebemos como fundamental nas práticas informacionais. O que vemos são profissionais que tem uma variedade de estratégias de fontes de informação, sejam elas pessoais ou documentais; variedade de formas de buscar a informação; a relação intensa com diversos espaços que promovem o monitoramento-não direcionado e a varredura ativa; os usos vastos da informação e, por fim, a produção de um conhecimento que registra tudo isso.

Profissionais criativos são aqueles que buscam novas formas de se fazer as coisas, inventam novos combinados, novos olhares, mudam as coisas e as roupas de lugar. Quando vemos a variedade de classificações dos livros, a variedade de estratégias de apresentar classificação e catalogação para as mediadoras de leitura e a variedade de estratégias de mediação, percebemos profissionais que se reinventaram e muito nos seus espaços. Mesmo sendo espaços em que não há pressões de produção, de quantidade de números, etc.

Essa criatividade é uma contra-estratégia de enfrentamento às barreiras que as bibliotecas comunitárias enfrentam: a falta de recurso financeiro. Porque a compreensão da valorização deste espaço é de todos. Não há profissionais na CI que acreditem serem espaços que não devam existir. A questão é muito mais voltada às fontes de renda desses espaços, pois sabemos que são espaços culturalmente efervescentes, mas principalmente, subversivos, como toda biblioteca deveria ser.

Além da criatividade, outro ponto de destaque são as experiências de gestão. No caso da relação de trabalho entre bibliotecárias e mediadoras de leitura, o que vemos é algo diferente das outras experiências de biblioteca. O caráter horizontalizado permite que as profissionais exponham seus olhares, sem que haja um autoritarismo. Na fala das bibliotecárias percebemos um cuidado e um respeito com as experiências das mediadoras de leituras, experiências essas que não são vividas pelas bibliotecárias, como o dia a dia da comunidade, o diálogo com parceiros, sobretudo os leitores e suas vivências.

Neste sentido, a prática fica em primeiro lugar como argumento na tomada de decisões, em segundo plano, a prática de outras profissionais e, por fim, a teoria. O debate entre esses três espaços (prática, prática do outro e teoria) é bastante interessante, pois

evidencia um objetivo dessas profissionais, que é: as ações não vão funcionar, se não forem decisões coletivas.

Aliado a este respeito, vêm a autoridade, que é diferente do autoritarismo. Nas falas das bibliotecárias ficou evidente o quanto elas valorizam as mediadoras de leitura em seus saberes de mediação de leitura, e na fala das mediadoras o quanto valorizam as bibliotecárias nos saberes de biblioteconomia. Percebemos, junto desses saberes mais gerais, que cada profissional encontra seus interesses, como vimos, bibliotecárias que se vêem como produtoras culturais, mobilizadoras de incidência política, gestoras e mediadoras de leitura. E mediadoras de leitura que se colocam como atuantes nos saberes da biblioteconomia, teatro, gestão e incidência política.

O que encontramos é que as bibliotecas comunitárias são espaços fazedores de cultura em que os mobilizadores são agentes culturais com formações diversas em literatura, gestão compartilhada, incidência política, mobilização de recursos. Esse é um espaço que forma profissionais para trabalhar em outras bibliotecas públicas e escolares, escolas, centros de cultura, secretarias de cultura e educação, organizações não governamentais, coletivos, entre outros. É uma pulsão de vida e de educação, que foi mobilizada por pessoas organizadas coletivamente. Tudo isso, infelizmente, com quase nenhum apoio governamental e ainda pouco apoio da academia.

A função da bibliotecária em bibliotecas comunitárias, a partir do olhar para as suas práticas, é de uma profissional que precisa ter foco na gestão. Mas não é qualquer gestão, é uma gestão compartilhada, atenta às necessidades de cada comunidade. Acolhendo o que cada biblioteca vê como organização, e não pegar algo pronto e entregar. A gestão é documental, pois precisa que as profissionais organizem as informações de uma grande quantidade de bibliotecas, portanto, é necessário que utilize ferramentas, como as citadas por elas, Google docs, agenda, Trello, Padlet, Canva. A gestão é de pessoas, pois a bibliotecária, em suas visitas, orienta uma gama de ações, como o diálogo com instituições e as relações com os leitores.

Apesar de consideravelmente rica a atuação das bibliotecárias, percebemos as dificuldades que enfrentam pela escassez de pessoas atuando na função. Todas as entrevistadas citaram a sobrecarga de trabalho, além da necessidade de ter um segundo emprego. Pensamos o que as bibliotecas comunitárias fariam se tivessem recursos financeiros adequados, a partir de políticas públicas, que já orientam que as bibliotecas comunitárias

devem receber recursos, desde 2006, como o PNLL, que orienta recursos para mediadores de leitura (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2018).

Uma das bibliotecárias citou que algumas bibliotecas ainda a vêem como apenas técnica, e no diálogo com outras duas bibliotecárias, a partir de sua fala, percebemos que ela se vê dessa forma. O que concluímos deste ponto é que durante décadas e séculos o profissional de biblioteconomia foi visto como um agente de trabalho voltado à custodial dos materiais. É importante frisar que a técnica é fundamental para o desenvolvimento da Biblioteconomia, e ela não deve ser negligenciada ou questionada, mas dentro da área, muitos profissionais ainda vêem o espaço a partir de um olhar voltado à custódia dos livros. E é esse olhar que precisamos questionar. Não devemos crer que em todas as bibliotecas comunitárias, de uma hora pra outra, o profissional será visto a partir de todas as suas possibilidades de atuação. Há, portanto, algumas pessoas no movimento de bibliotecas comunitárias que enxergam a bibliotecária como uma agente de custódia apenas, e há bibliotecárias que se vêem assim, e que tem essa expertise e esse foco.

Consideramos que parte do profissional de biblioteconomia se enxergar para além da área custodial, como vimos as demais bibliotecárias se colocando em outros espaços de interesse: incidência política, produção cultural, gestão compartilhada, literatura. E cabe também que as equipes das bibliotecas comunitárias acolham esses interesses das bibliotecárias, pois parte também dos mediadores outros encontros, inclusive com a biblioteconomia. É, como muito do que vimos nas bibliotecas comunitárias, uma tarefa coletiva. Um encontro, uma via de mão dupla. O que as bibliotecárias têm a oferecer para as bibliotecas comunitárias além de seus saberes de classificação e catalogação? Como as bibliotecas comunitárias podem abrir as portas para as bibliotecárias para além da classificação e catalogação?

Pontuamos também as experiências positivas de articulação das bibliotecas comunitárias com as universidades. Duas bibliotecárias citaram experiências diversas. A bibliotecária 1 citou o apoio técnico organizado junto com a universidade para construção de um sistema específico para as bibliotecas comunitárias. Essa experiência é rica em apresentar o quanto a academia pode e deve estar a serviço da comunidade, e o quanto a comunidade pode contar com ela. A segunda experiência revelou-se através do programa de extensão que aproximou e trouxe pela primeira vez uma bibliotecária para a rede local, como contou a bibliotecária 2. A experiência dessa profissional revelou uma articulação de uma década com

a universidade local, para além das práticas de biblioteconomia, mas também de pedagogia e letras.

A articulação com a universidade apresentou-se como uma interação intensa com fontes de informação novas, como professores, estudantes, e pessoas da área de biblioteconomia, pedagogia e letras. E para a universidade é também uma forma de realizar o seu papel com a comunidade e com a formação de futuros profissionais com a sensibilidade para as bibliotecas comunitárias, a mediação de leitura e a literatura.

E isso nos remete a pensar sobre as fontes de informação utilizadas pelas bibliotecárias e mediadoras de leitura, as quais descrevemos em uma listagem:

1. Fontes pessoais são as principais e as mais valorizadas: profissionais que atuam na rede, ou que já atuaram, formadores que atuam no Programa Prazer em Ler, profissionais das universidades parceiras, professores das escolas ao entorno das bibliotecas;
2. Fontes documentais: textos produzidos pela RNBC: Expedição Leituras, O Brasil que Lê, além de autores como Silvia Castrillon, Michele Petit, Antonio Candido, Paulo Freire, e demais textos que envolvem biblioteconomia, educação, comunicação popular e direitos humanos.
3. Fontes institucionais: Centro de Cultura Luiz Freire, universidades, Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário (IBEAC), entre outras instituições que integram ou são parceiras das redes.

Percebemos que existe uma vasta exploração de fontes de informação, apesar das fontes pessoais serem as mais utilizadas, o que reflete no que descobrimos neste estudo: as profissionais passam de fontes de informação a produtoras de conhecimento, através dos convites internos, e das articulações que são realizadas nas bibliotecas. Se tornando autoras, as profissionais apresentam suas experiências ao mundo, são validadas por outros campos, convidadas a palestrar e, assim, ampliando ainda mais as articulações para si e para as instituições.

Vimos que a competência informacional acontece quando as pessoas experienciam os saberes teóricos e refletem sobre aquilo, a práxis. Quando a mediadora de leitura 5 apresenta seu olhar sobre a mediadora como uma consumidora da cultura, vemos ali uma relação ativa

com a reflexão de seu trabalho, percebendo que para que sua prática ocorra, é preciso o consumo de cultura e como ela mesmo disse “fome de informação” (MEDIADORA 5).

A competência é encontrada quando utilizamos como fonte de informação para a escrita do capítulo teórico deste trabalho, profissionais que entrevistamos. Vejamos, há a escrita teórica, a publicação de artigos, e há falas profundamente práticas sobre visitas nas bibliotecas, o cheiro das comidas que as equipes preparam, os diálogos com os leitores. E que leva, muitas delas, a ingressarem na pós-graduação, assim como a pesquisadora desta dissertação.

O que as bibliotecárias e mediadoras de leitura de bibliotecas comunitárias vêm fazendo é, apropriadas dos saberes de biblioteconomia, transformar o olhar para as bibliotecas e a mediação de leitura como um todo. Apresentando teorias, experiências e práticas que impactam outras bibliotecas, sobretudo, àquelas bibliotecas escolares do entorno das bibliotecas comunitárias. E que simbólico, infelizmente não é o governo que atua nas bibliotecas escolares das periferias, nem as universidades, mas as bibliotecas comunitárias, a partir das experiências que vimos, que realizam formações, entrega de livros e ações culturais. Com tão pouco recurso, o que fariam com o apoio necessário?

Para os estudos futuros propomos as análises sobre as articulações com as bibliotecas escolares, as experiências de produção técnica realizadas pelas bibliotecárias, pois ainda são bastante internas, como as formações que realizam, o monitoramento de dados, ou seja, todo o aparato técnico e tecnológico que acontece nesses espaços e ainda é pouco visualizado pelos bibliotecários de fora. Análises sobre os textos escritos pelas bibliotecárias e mediadoras também serão frutos importantes para a compreensão de que tipo de competência informacional ocorre nesses espaços e como acontece.

Concluimos que as práticas informacionais de bibliotecárias e mediadoras de leitura da RNBC contribuem para a construção de um ambiente informacional de valorização dos saberes individuais e coletivos, de construção coletiva dos saberes, dos diálogos entre os saberes, da valorização do conhecimento tácito, mas também da produção de um conhecimento explícito. Compreendemos também uma prática informacional de grande interação entre os sujeitos e com uma grande quantidade de usos de informação.

Contudo, analisamos que ainda é preciso avançar na produção dos conhecimentos das bibliotecas comunitárias, principalmente nas experiências técnicas que empreendem. Indicamos que as bibliotecas comunitárias precisam de mais bibliotecários atuando nesses

espaços para que as práticas informacionais sejam ainda mais empreendidas, e que para isso, não é somente da universidade que precisa vir uma articulação, mas principalmente, dos fazedores de políticas públicas e daqueles que destinam recursos financeiros para a garantia delas. Sem recursos financeiros, as bibliotecas comunitárias desaparecerão e o que ocorrerá será a perda irracional de um saber desenvolvido há décadas.

Em relação ao uso do modelo de Yeoman (2010), compreendemos que ele só pode ser utilizado sendo realizadas análises de contexto previamente e que essa etapa poderia constar no modelo, assim como a etapa de produção de conhecimento, conforme sugerimos. O uso do modelo foi importante para organização da informação e compreensão funcional das práticas. Acreditamos que as bibliotecas comunitárias são um espaço necessário para as pesquisas de práticas informacionais, visto que utilizam-se de bases teóricas parecidas.

Por fim, salientamos que a participação da pesquisadora nesta dissertação no campo da pesquisa foi indispensável para as análises, e que o fato da profissional ter saído das bibliotecas comunitárias nos últimos meses de pesquisa, dificultou a realização das análises. Acreditamos em uma pesquisa acadêmica de bibliotecas comunitária que só pode ocorrer com os pés fincados no solo, e que sem isso, torna-se algo muito distante, quase que inalcançável e puramente teórico, o que não deixa de ser válido, mas que a tradução para a linguagem prática carece de ser feita.

O que vimos nessa ciranda é um grupo de, em sua maioria, mulheres, que a duras penas constroem um saber inovador para a Ciência da Informação, unindo diálogos com outros campos, valorizando as fontes pessoais, dialogando com as teorias e ampliando visões de uma biblioteca que é um centro de cultura em lugares pouco vividos pelas universidades e políticas públicas. Essas mulheres estão, de mãos dadas, mostrando que sozinhas elas andam bem, mas que juntas, andam melhor. Cabe às políticas públicas brasileiras, ou melhor, as pessoas que as fazem, contribuir para essa ciranda rodar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. **Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas**. Londrina : Editora UEL, 1997.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação da Informação: um conceito atualizado. In: BORTOLIN, S. *et al.* (Org.). **Mediação Oral da informação e da leitura**. Londrina: Abecin, 2015.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, J.P. (Org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2007. p. 33-45.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação da Informação e Múltiplas Linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 2, p. 89-103, 2009

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de; BORTOLIN, S. Mediação da informação e da leitura. In: SILVA, T. E. (Org.). **Interdisciplinaridade e transversalidade em Ciência da Informação**. Nectar, Recife, v. 1, p. 67- 86, 2008

ALVES, M. S.; CORREIA, A. E. G. C; SALCEDO, D. A. Práticas leitoras e informacionais nas bibliotecas comunitárias em rede da releitura - PE. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, v. 16, n. 1, 2018. Disponível em: . Acesso em: 26 mar. 2020.

ANDRADE, R.; SOUZA, J.; ROCHA, V. Comunicação: clareza e criatividade. In: HONORATO, C. *et al.* **Expedição leituras: tesouros das bibliotecas comunitárias no Brasil**. Brasil: RNBC; São Paulo: Instituto C&A: Itaú Social, 2018.

ARAÚJO, C. A. A.. O conceito de informação na Ciência da Informação. **Informação & Sociedade**, v. 20, n. 3, 2010. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2011/01/pdf_d877584296_0014353.pdf. Acesso em: 10 abr. 2022.

ARAÚJO, C. A. A.. O QUE SÃO “PRÁTICAS INFORMACIONAIS”? **Informação em Pauta**, v. 2, n. especial, p. 217-236, 2 nov. 2017. Disponível em <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20655>. Acesso em: 07 abr. 2022

ARAÚJO, C. A. Á.. **Estudos em Práticas Informacionais e Cultura**. 1. ed. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora - Selo Nyota, 2021. Acesso em 01 mar. 2022

BADKE, T. Meninos de Laranjeiras: aprendendo a viver com livros. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, 17(3/4), p. 43-60, jul./dez. 1984. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2018/04/pdf_24ceb2fe25_0000002792.pdf. Acesso

em: 09 jul. 2022.

BAPTISTA, S. G.; CUNHA, M. B.. Estudo de usuários: visão global dos métodos de coleta de dados. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 2, p. 168-184, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/905>. Acesso em 11 abr. 2022

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, F. M. M. **Protagonismo nas práticas informacionais de mães de crianças alérgicas**. 2016. 186f. 2016. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

BASTOS, G. G.; ALMEIDA, M. A. de; ROMÃO, L. M. S. Bibliotecas comunitárias: mapeando conceitos e analisando discursos. **Informação & Sociedade: Estudos**, [S. l.], v. 21, n. 3, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/10822>. Acesso em: 9 jul. 2021.

BASTOS, G. G.; GALLI, F. C. S.; ROMÃO, L. M. S. Discursividade sobre o Bibliotecário. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 2-14, jan./mar. 2013.

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Zahar, Rio de Janeiro, 2003.

BLANK, C. K.; SARMENTO, P. S. Bibliotecas comunitárias: uma revisão de literatura. **Biblionline**, v. 6, n. 1, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/16341>. Acesso em: 09 jul. 2022.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n. 1 (3), janeiro-julho, 2005, p. 68-80.

BOURDIEU, P. **Entrevista a Yvette Delsault**: sobre o espírito da pesquisa. *Tempo Social*, v. 17, n. 1, p. 175-210, jul. 2005.

BRASILEIRO, F. S. et al. **Resiliência informacional**: modelo baseado em práticas informacionais colaborativas em redes sociais virtuais. 2017.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento**: de Gutemberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

CALVINO, I. **Ser um viajante numa noite de inverno**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.12, n.1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54/47>. Acesso em: 03 mar. 2021

CASTILLO ATIENZA, M. J.. **Un análisis del papel actual de la Biblioteca Popular en Argentina como agente promotor de transformación social**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidad Politécnica de Valencia. Disponível em <https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/library?a=d&c=tesis&d=Jte642>. Acesso em 15 mar. de 2022

CAVALCANTE, M. *et al.* Enraizamento comunitário: pertencimento e participação. In: HONORATO, C. *et al.* **Expedição leituras: tesouros das bibliotecas comunitárias no Brasil**. Brasil: RNBC; São Paulo: Instituto C&A: Itáú Social, 2018.

CERTEAU, M. A. **Invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHALAÇA, A. M.; FREIRE, I. M.; MIRANDA, M. L. C. de. O tesouro de conhecimento de um bairro chamado Maré: pessoas como fontes de informação. **Encontros Bibli: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 24, p. 92-110, jul./dez. 2007.

CHAU, M. A UNIVERSIDADE OPERACIONAL. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, [S. l.], v. 4, n. 3, 1999. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/avaliacao/article/view/1063>. Acesso em: 9 jul. 2022.

COELHO, C. D.; BORTOLIN, S. A mediação da leitura literária na rede leitora terra das palmeiras de São Luís-MA. **Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação**, n. XIX ENANCIB, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102847>. Acesso em: 09 jul. 2021.

COLOMBIA. **Iberbibliotecas**. [s.d.] Disponível em: <https://www.iberbibliotecas.org/por/miembros-del-programa/colombia/>. Acesso em 12 de jun. 2022

COSTA, L. F.; RAMALHO, F. A. Comportamento infocomunicacional: perspectivas sobre definição, práticas e modelos de estudos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 133-158, 2019. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1162>. Acesso em: 05 set. 2021.

COSTA, M. I. M.; FURTADO, R. L. As contribuições da competência crítica em informação nas práticas informacionais de estudantes quilombolas no ensino superior: relato de pesquisa. **Informação & Informação**, v. 26, n. 4, p. 393-423, 2021. DOI: 10.5433/1981-8920.2021v26n4p393 Acesso em: 17 ago. 2022.

URTRIGHT, C. Context in information behavior research. **Annual review of information science and technology**, v. 41, n. 1, p. 273-306, 2007.

D'ANDREA, T. P. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.8.2013.tde-18062013-095304. Acesso em: 09 jul. 2022.

DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo? **Prisma - Revista de Ciências da Informação e da Comunicação** n.4/jun 2003. Disponível em: Acesso em: 25 jan. 2013.

DERVIN, B.; NILAN, M. Information need sand uses. **Annual Review of Information Science and Technology**, Williams, M.E., Ed.; Knowledge industry, Inc.: White Plains, 1986; Vol. 21, 3–33.

ELIAS JÚNIOR, A. C.; MACHADO, E. C.; KLEIN, G. F. Biblioteconomia pública: experiência de ensino-aprendizagem. **Revista Cajueiro**, v. 1 n. 1, n. 1, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/139353>. Acesso em: 09 jul. 2021.

FERNANDEZ, C.; FINGER, Y. W. BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS EM REDE: UMA EXPERIÊNCIA DE RESSIGNIFICAÇÃO DE TERRITÓRIOS In: **23o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação**, 2019, Vitória. Anais do CBBB, 2019. v. 28.

FERNANDEZ, C.; MACHADO, E.; ROSA, E. **O Brasil que lê: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores**. Olinda: CCLF, Brasil: RNBC, 2019.

FERREIRA, C. N. de C.. Biblioteca pública é biblioteca escolar? **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 11, n. 1/2, p. 9-16, jan./jun. 1978. Disponível em: <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/18175>. Acesso em 30 jun. 2022

FIGUEIREDO, N. M.. **Estudos de uso e usuários da informação**. Brasília: IBICT, 1994.

FINGER, Y. W. **Formação de leitores e bibliotecas comunitárias: um olhar à práxis emancipatória**. 2018. 101 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/182020>. Acesso em: 15 nov. 2020.

FRANCO, M. L. P. B.. **Análise de conteúdo**. Autores Associados, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da Tolerância**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 4. ed Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Competência em informação: conceitos, características e desafios. **AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento**, v. 2, n. 1, p.

5-9, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/41315>. Acesso em: 25 ago. 2022.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GOMES, C. C.; DA ROSA, D. A. D. Um estudo de caso sobre a Biblioteca Comunitária do Engenho do Mato (BEM) e seus benefícios para a comunidade. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 24, n. 1, p. 578-591, 2019.

GONÇALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

GUARALDO, T. S. B. **Práticas de informação e leitura: a mediação leitor e jornal na leitura diária**. 2012. 240f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2012.

GUARILHA, J. et. al. Gestão compartilhada: coletividade e transparência. In: HONORATO, C. et al. **Expedição leituras: tesouros das bibliotecas comunitárias no Brasil**. Brasil: RNBC; São Paulo: Instituto C&A: Itaú Social, 2018

HALL, S. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HARLAN, M. A.. **Information practices of teen content creators: the intersection of action and experiences. A Grounded Theory study**. 2012. Thesis (Doctor of Philosophy) - School of Information Systems, Science and Engineering Faculty, Queensland University of Technology, Queensland, Austrália, 2012. Disponível em: . Acesso em: 16 fev. 2022.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HONORATO, C.; CAVALCANTE, M.; DASCENA, T. Mediação: intencionalidade e pluralidade. In: HONORATO, C. *et al.* **Expedição leituras: tesouros das bibliotecas comunitárias no Brasil**. Brasil: RNBC; São Paulo: Instituto C&A: Itaú Social, 2018.

HORTA, N. M. Bibliotecas comunitárias: organização sociocultural e instrumento para a democratização do acesso à informação e para a valorização cultural.. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, p. 1781-1797, dez. 2017. ISSN 1980-6949. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/891>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

INFORMAÇÕES. **Mapa da Leitura**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.mapadaleitura.com.br/rnbc>. Acesso em: 14 abr. 2021

INSTITUCIONAL. **Conabip**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.conabip.gob.ar/node/35#overlay-context=node/13>. Acesso em: 10 de jun. 2022

ISAH, E. E. **Physicians' information practices: a case study of a medical team at a Teaching Hospital**. 2009. Thesis (Doctor of Philosophy in Library and Information Science)

– Swedish School of Library and Information Science, University of Borås, Borås, Suécia, 2009. Disponível em: . Acesso em: 16 ago. 2021.

KALMS, B. Household information practices: how and why householders process and manage information. **Information Research**, v. 13, n. 1, 2008.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAUDINO, B. G. L.; LOURENÇO, G. C. Biblioteca comunitária: um universo dentro de uma tipologia . **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 8 No. 2, n. 2, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/136737>. Acesso em: 09 jul. 2022.

LEMOS, C.K.de. **Bibliotecas dos Centros Educacionais Unificados (CEUs): a construção de uma cultura comum**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/184619>. Acesso em 09 maio 2022.

LIMA, A. **Aproximação crítica à teoria dos estudos de usuários de bibliotecas**. Londrina: Embrapa, 1994. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/handle/doc/449300>.

LIMA, C. de B.; PERROTTI, E. **Bibliotecário: um mediador cultural para a apropriação cultural**. *Informação@Profissões*, Londrina, v. 5, n. 2, p. 161-180, jul.-dez. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.5433/2317-4390.2016v5n2p161>. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/28319>. Acesso em: 19 nov. 2022.

MACEDO, P. Q. *et al.* Bibliotecária em bibliotecas comunitárias. In: Fabiano Couto Corrêa da Silva. (Org.). **O perfil das novas competências na atuação bibliotecária**. 1ed. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2020, v. , p. 465-497.

MACHADO, E. C. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**. 2008. Tese (Doutorado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. doi:10.11606/T.27.2008.tde-07012009-172507. Acesso em: 09 ago. 2020

MACHADO, E. C. Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 1, p.80-94, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1976/2097>. Acesso em: 09 ago. 2020.

MARQUES, H. A. P.; PEREIRA, P. M. S. Impacto social de telecentro próximo à biblioteca comunitária sob a ótica do beneficiário: o caso chico mendes. **Em Questão**, v. 20, n. 2, p. 146-165, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/10202>. Acesso em: 12 jul. 2022.

MARQUES NETO, J. C. Livro e biblioteca em tempos sombrios. In: FERREIRA, M. M. (Org.). Livro, leitura e bibliotecas em tempos sombrios. São Luís: EDUFMA, 2017. p. 31-54.

MARTELETO, R. M. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da Informação**, [S. l.], v. 24, n. 1, 1995. DOI: 10.18225/ci.inf.v24i1.613. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/613>. Acesso em: 14 abr. 2022

MARTINS, A. M. L. **Mediação**: reflexões no campo da Ciência da Informação. 2010. 253 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte

MASSOLA, G.. Reinventar a leitura: um olhar para as práticas de uma biblioteca comunitária. *Ensino Em Re-Vista*, v. 18, n. 1, jan./jun. 2011.

MATA, L. M. Estudos De Comportamento Informacional E De Práticas Informacionais Para O Desenvolvimento Da Competência Em Informação. **Perspectivas Em Ciência Da Informação**, vol. 27, nº 2, junho de 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/40062>.

McKENZIE, P. A model of information practices in accounts of everyday-life information seeking. **Journal of Documentation**, v. 59. n. 1, p. 19-40, 2003. Disponível em: . Acesso em: 1 jun. 2021.

MELO, D. A.; ALVES, E. C.; BRASILEIRO, F. S. Práticas informacionais das mulheres negras. **Revista Folha de Rosto**, v. 5 n. Especial, n. Especial, p. 5-23, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/136573>. Acesso em: 17 ago. 2022.

MELO, D. A.; ROCHA, P. M. da S.; ALVES, E. C.; BRASILEIRO, F. S. As práticas informacionais e os estudos contemporâneos sobre competência em informação. **Revista ACB**, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 1–19, 2021. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1755>. Acesso em: 17 ago. 2023.

MILANESI, L. **A casa da invenção**: biblioteca, centro de cultura. 3. ed. rev. e aum. São Caetano do Sul: Ateliê, 1997.

MILANESI, L. **A casa da invenção**: bibliotecas, centro de cultura. . São Paulo: Ateliê, 2003.

MILANESI, L. **O que é biblioteca**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Col. Primeiros Passos).

MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

MORAES, J. O.; FURTADO, L. N. M.; MORAES, L. C. O. Biblioteca comunitária "o fantástico mundo da leitura": uma alternativa para a socialização do conhecimento na comunidade do coroadinho em são luís- ma. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 3, n. 2, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/81188>. Acesso em: 12 jun. 2022.

MORIGI, V. J.; BONOTTO, M. E. K. K. A narrativa musical, memória e fonte de informação afetiva. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 143-161, jan./jun. 2004. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/88>> Acesso em: 20 nov. 2021.

MOURA, C. [Sem título]. [Entrevista concedida a] ROCHA, V.; HORONATO, C.; CAVALCANTE, M. Acervo: organização e diversidade. In: In: HONORATO, C. *et al.* **Expedição leituras: tesouros das bibliotecas comunitárias no Brasil**. Brasil: RNBC; São Paulo: Instituto C&A: Itáu Social, 2018.

NASCIMENTO, D. M. A abordagem sociocultural da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.16, n.2, p.25-35, jul./dez. 2006

NUNES, J. V.; CARNEIRO, B. L. F. Dos estudos de usuários à noção de práticas informacionais: contribuições da Teoria da Prática. InCID: **Revista de Ciência da Informação e Documentação**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 150-168, 2018. DOI: 10.11606/issn.2178-2075.v9i2p150-168. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/134406>. Acesso em: 11 abr. 2022

OLIVEIRA, K. Um corpo-livro enraizado na diversidade. In: HONORATO, C. *et al.* **Expedição leituras: tesouros das bibliotecas comunitárias no Brasil**. Brasil: RNBC; São Paulo: Instituto C&A: Itáu Social, 2018.

OLIVEIRA, M.; COSTA, K. Dinamizando o atendimento da biblioteca comunitária de Petrópolis socorro chaves. **Biblionline**, n. esp., 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/100207>. Acesso em: 12 jun. 2022.

OLIVEIRA, W. C. de. **Bibliotecas populares, territórios em disputa**: suas flutuações semânticas, epistêmicas e político culturais. 2021. Dissertação (Mestrado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. doi:10.11606/D.27.2021.tde-27082021-210506. Acesso em: 01 de fevereiro de 2022

OLIVEIRA, Z.C.P. de. **A biblioteca "fora do tempo"**: políticas governamentais de bibliotecas públicas no Brasil: 1937-1989. 1994. Tese. (Doutorado em Ciência da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

PAJEÚ, H. M.; SANTOS, W. A. L. Mediação cultural e de leitura na formação do bibliotecário biblioterapeuta. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 15, n. 3, 2021. DOI: 10.29397/reciis.v15i3.2134 Acesso em: 10 maio 2023.

PASSOS, S. De biblioteca erudita a biblioteca popular? As práticas de Leitura Pública na Biblioteca Pública Municipal de Porto (1833-1926). In: **Porto Romântico**, Porto, n. 29-30, abr. 2011. Disponível em: http://eprints.rclis.org/17851/1/Porto_Romantico.pdf. Acesso em 12 abr. 2022

PEREIRA, R. A biblioteca comunitária Caranguejo Tabaiães semeia canteiros de leitura, tece redes de parceiros e aprofunda as raízes comunitárias. **Literatura & arte no ciclo de alfabetização**, n. especial, p. 35-41, 2017.

PETIT, M.. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. 2 ed. São Paulo: Boldrini, 2012.

PIAGET, J. **A construção do real na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PINTO, L. P. Bibliotecas comunitárias: dispositivos de ação. In: PINTO, F. A. **Dispositivos culturais e espaços de memória**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013, p. 24-39.

PINTO, F. V. M.; ARAÚJO, C. A. V. Estudos de usuários: quais as diferenças entre os conceitos comportamento informacional e práticas informacionais?. **Ciência da Informação em Revista**, v. 6, n. 3, p. 15-33, 2019. DOI: 10.28998/cirev.2019v6n3b
Acesso em: 09 jul. 2022.

PORTO ALEGRE. **Lei nº 11.226, de 5 de março de 2012**. Institui o Plano Municipal do Livro e da Leitura (PMLL) no Município de Porto Alegre, cria o Conselho Municipal do Livro e da Leitura (CMLL) e dá outras providências. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/pmll/>. Acesso em: 01 de ago. 2020.

POUPART, J. *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 95124.

PRADO, G. M. A biblioteca comunitária como agente de inclusão/ integração do cidadão na sociedade da informação. **Inclusão Social**, 3(2). Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1638>. Acesso em 15 de set. 2021

PRADO, G. M. Bibliotecas comunitárias como território de memória interagindo práticas da aprendizagem e mudanças. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 6, dez. 2009.

PRADO, G. M.; MACHADO, E. C. **Território de memória: fundamento para a caracterização da biblioteca comunitária**. 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/179342>. Acesso em: 17 ago. 2022.

PRADO, G. M.; PRADO, J. A. M. Da ordem presente à razão futura da biblioteca comunitária no Brasil. **Revista Cajueiro**, v. 1 n. 1, n. 1, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/135403>. Acesso em: 17 ago. 2022.

PRIMAVERA. [Compositor e intérprete]: Don. L. [S. l.]: Caro Vapor Vidas, 2021. 1 Vinil

(49 min).

RABELLO, O. C. P. Da biblioteca pública a biblioteca popular: análise das contradições de uma trajetória. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 16, n. 1, 1987. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/71354>. Acesso em: 09 jul. 2022.

ROCHA, J. A. P.; DUARTE, A. B. S.; PAULA, C. P. A. Modelos de práticas informacionais. **Em Questão**, v. 23, n. 1, p. 36-61, 2017. DOI: 10.19132/1808-5245231.36-61. Acesso em: 26 abr. 2022

ROCHA, V.; HONORATO, C.; CAVALCANTE, M. Acervo: organização e diversidade. In: HONORATO, C. *et al.* **Expedição leituras: tesouros das bibliotecas comunitárias no Brasil**. Brasil: RNBC; São Paulo: Instituto C&A: Itaú Social, 2018.

RODRIGUES, C.; BLATTMANN, U.. Gestão da informação e a importância do uso de fontes de informação para geração de conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 19, n. 3, p. 4–29, jul. 2014.

SANTOS, A. R. dos. Caracterização da pesquisa. In: _____. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999, p. 25-31.

SANTOS NETO, J. A.; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; BORTOLIN, Sueli (Org.). **Perspectivas em mediação no âmbito da Ciência da Informação**. São Paulo: Abecin Editora, 2020.

SARTI, R. M.; GUIRALDELI, Imalda; VICENTINI, Luiz Atilio. PIMPLE: projetos de implantação de pontos de leitura – bibliotecas públicas e comunitárias. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, n. 3/4, p. 7-23, jul./dez. 1984. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/index.php/article/view/0000002794/d557589901c4cf095aa2adcdbf2a51c>. Acesso em: 11 jun. 2022.

SAVOLAINEN, R. Everyday life information seeking: approaching information seeking in the context of “way of life”. **Library & Information Science Research**, Amsterdam, v. 17, n. 3, p. 259-294, 1995

SAVOLAINEN, R. Information behavior and information practice: reviewing the “umbrella concepts” of information-seeking studies. **Library Quarterly**, Chicago, v. 77, n. 2, p. 109-132, 2007.

SAVOLAINEN, R. Spatial factors as contextual qualifiers of information seeking. **Information Research**, Lund, v. 11, n. 4, 2006. Disponível em: . Acesso em: 14 fev. 2022.

SERAFIM, L. A.; FREIRE, G. H. A. Competências em informação e lazer levado a sério: um novo espaço de interlocução. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**

e **Biblioteconomia**, n. 1, v. 10, 2015

SETZER, V. W. **Dado, Informação, Conhecimento e Competência**. DataGramZero, Rio de Janeiro, n. zero, 1999.

SILVA, A. C. P. de O. da. **É preciso estar atento: a ética no pensamento expresso dos líderes de bibliotecas comunitárias**. 2011. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Disponível: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/95684>. Acesso em 14 fev. 2022

SILVA, A. P. C.; CAVALCANTE, L. E. Expressões da memória, cultura e mediação na biblioteca comunitária. **Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação**, n. XIX ENANCIB, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/103408>. Acesso em: 17 ago. 2022.

SILVA, A. P. C.; CAVALCANTE, L. E.; COSTA, M. F. O. O diálogo entre biblioteca e comunidade: um estudo de caso acerca do perfil e das percepções dos usuários das bibliotecas comunitárias de Itaitinga, Ceará.. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 23, n. 1, p. 39- 54, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/36847>. Acesso em: 12 jul. 2022.

SILVA, C. *et al.* Articulação: parceria e estratégia. In: HONORATO, C. *et al.* **Expedição leituras: tesouros das bibliotecas comunitárias no Brasil**. Brasil: RNBC; São Paulo: Instituto C&A: Itaú Social, 2018.

SILVA, M. B. *et al.* Incidência política: ocupação e resistência. In: HONORATO, C. *et al.* **Expedição leituras: tesouros das bibliotecas comunitárias no Brasil**. Brasil: RNBC; São Paulo: Instituto C&A: Itaú Social, 2018.

SILVA, R. A. da. **As Práticas Informacionais das Profissionais do Sexo da zona Boêmia de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: UFMG, 2008. 171 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SILVA SOBRINHO, T. S.; COIMBRA, C. S. Biblioteca comunitária bruno fenzl: um estudo de caso de seu papel educativo no contexto da comunidade de caruará, marahú e paraíso na ilha de mosqueiro. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 33, n. 2, p. 148-162, 2019. DOI: 10.14295/biblos.v33i2.9434 Acesso em: 12 jan. 2022.

SOUSA, L. L. A contribuição do “espaço cultural nossa biblioteca” para o desenvolvimento sociocultural da comunidade do Guamá em Belém do Pará. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 1696-1711, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/4503>. Acesso em: 12 jun. 2022.

SOUZA, J.; DAMASCENA, T.; SOUSA, V. Espaço: aconchego e acolhimento. In: HONORATO, C.; *et al.* **Expedição leituras: tesouros das bibliotecas comunitárias no Brasil**. Brasil: RNBC; São Paulo: Instituto C&A: Itaú Social, 2018.

TARGINO, M. D. G. Mediação cultural e da leitura como estratégia de inclusão social: bibliotecas comunitárias. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 16, p. 1-17, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/141204>. Acesso em: 12 jul. 2022.

TEIXEIRA COELHO. **Dicionário crítico de política cultural**: cultura e imaginário. 2 ed. São Paulo: Iluminuras, 1999.

THIBES, M. M.; NETTO, L. M. MOBILIZAÇÃO DE RECURSOS NAS ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL: UM ESTUDO DE CASO. **Pretexto**. Belo Horizonte, v. 12, n. 64, p. 133-155, out-dez. 2011. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/pretexto/issue/view/110>. Acesso em: 09 ago. 2021.

TRESSINO, C. S. *et al.* As bibliotecárias da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias: um relato de experiência. In: **23o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação**, 2019, Vitória. Anais do CBBB, 2019. v. 28.

TUOMINEN, K.; SAVOLAINEN, R. A social constructionist approach to the study of information use as discursive action. In: VAKKARI, Práticas informacionais 73 p.; SAVOLAINEN, R.; DERVIN, B. (Orgs.). **Information seeking in context**. Londres: Taylor Graham, 1997, p. 81-96.

VERRI, G. M. W. **Templários da ausência em bibliotecas populares**. Recife: UFPE, 1996.

WILSON, T. D. On user studies and information needs. **Journal of Documentation**, v. 37, n.1, p. 3-15, 1981

YEOMAN, A. Applying McKenzie's model of information practices in everyday life information seeking in the context of the menopause transition. **Information Research**, Lund, v. 15, n. 4, 2010. Acesso em: 20 abr. 2022

APÊNDICE A
ROTEIRO DE ENTREVISTAS
BIBLIOTECÁRIAS

BLOCO 1 - CARACTERIZAÇÃO

- 1 - Nome
- 2 - Escolaridade
- 3 - Idade
- 4 - Tempo de atuação na rede
- 5 - Mora na periferia?
- 6 - Atua em outros lugares para além da rede?
- 7 - História de quando começou a trabalhar na rede
- 8 - Quais assuntos se interessa?

BLOCO 2 - ROTINA

- 9 - Descreva sua rotina diária na biblioteca.
- 10 - Qual trabalho desenvolve na rede?
- 11 - Quais os desafios que identifica no trabalho no dia a dia?
- 12 - O que mais sente prazer em realizar no dia a dia?
- 13 - Quem são as pessoas que auxiliam no trabalho do dia a dia? Quem são essas pessoas?

BLOCO 3 - PRÁTICAS

- 14 - O que é importante uma bibliotecária que atua em bibliotecas comunitárias ter?
- 15 - As atividades que você desenvolve na sua rotina você aprendeu onde? Na faculdade?
- 16 - Quem foram as pessoas que lhe ensinaram essas atividades?
- 17 - Onde você busca informação para a sua prática?
- 18 - Como você compartilha a informação que você possui com as mediadoras de leitura?
- 19 - Quais são os pontos do seu trabalho que você mais tem necessidades de informação (dúvidas)?
- 20 - Quem você recorre quando tem dúvidas?
- 21 - Você realiza pesquisas sobre sua prática do trabalho? Com quem?

- 22 - Como os mediadores de leitura se apropriam das técnicas da biblioteconomia?
- 23 - Como é realizado o acompanhamento dos mediadores de leitura?
- 24 - Como os mediadores recebem as orientações dadas por você?
- 25 - Quando há discordância entre você e a equipe da biblioteca, o que acontece?
- 26 - Quem define os procedimentos da biblioteca? E quais são eles?
- 27 - As mediadoras de leitura buscam você de que forma? Quais os maiores tópicos que fazem as mediadoras lhe procurarem?
- 28 - Você acha que funciona o trabalho de bibliotecária desenvolvido neste formato? Explique
- 29 - Quais os pontos positivos e negativos do formato de trabalho que você desenvolve?
- 30 - Quais são os canais de comunicação que você utiliza? Eles funcionam? Quais funcionam mais e quais funcionam menos?
- 31 - No último ano, quantas vezes você visitou a biblioteca da mediadora de leitura entrevistada? E quantas vezes você prestou auxílio quando ela teve dúvidas? Quantas vezes você a procurou?
- 32 - Você já escreveu artigos ou publicou documentos sobre seu trabalho na rede?

APÊNDICE B
ROTEIRO DE ENTREVISTAS
MEDIADORAS DE LEITURA

BLOCO 1 - CARACTERIZAÇÃO

- 1 - Nome
- 2 - Escolaridade
- 3 - Idade
- 4 - Tempo de atuação na rede
- 5 - Mora na periferia?
- 6 - Atua em outros lugares para além da rede?
- 7 - História de quando começou a trabalhar na rede
- 8 - Quais assuntos se interessa?

BLOCO 2 - ROTINA

- 9 - Descreva sua rotina diária na biblioteca?
- 10 - Qual trabalho desenvolve na rede?
- 11 - Quais os desafios que identifica no trabalho no dia a dia?
- 12 - O que mais sente prazer em realizar no dia a dia?
- 13 - Quem são as pessoas que auxiliam no trabalho do dia a dia? Quem são essas pessoas?

BLOCO 3 - PRÁTICAS

- 14 - O que é importante que tenha uma mediadora de leitura?
- 15 - As atividades que você desenvolve na sua rotina você aprendeu onde?
- 16 - Quem foram as pessoas que lhe ensinaram essas atividades?
- 17 - Onde você busca informação para a sua prática?
- 18 - Como você compartilha a informação que você possui?
- 19 - Quais são os pontos do seu trabalho que você mais tem necessidades de informação (dúvidas)?
- 20 - Quem você recorre quando tem dúvidas?
- 21 - Você realiza pesquisas sobre sua prática do trabalho? Com quem?

- 22 - Como você realiza os trabalhos técnicos de biblioteconomia? O que é catalogação e classificação para você?
- 23 - Como é realizado o acompanhamento do seu trabalho?
- 24 - O que acontece quando você recebe orientações sobre o seu trabalho?
- 25 - Quando há discordância entre você e a bibliotecária, o que acontece?
- 26 - Quem define os procedimentos da biblioteca? E quais são eles?
- 27 - A bibliotecária lhe procura por quais motivos?
- 28 - Você acha que funciona o trabalho da bibliotecária neste formato? Explique 29 - Quais os pontos positivos e negativos do formato de trabalho que a bibliotecária desenvolve?
- 30 - No último ano, quantas vezes ela visitou a sua biblioteca? E quantas vezes ela lhe prestou auxílio quando você teve dúvidas? Quantas vezes ela lhe procurou?
- 31 - Quais são os canais de comunicação que você utiliza? Eles funcionam? Quais funcionam mais e quais funcionam menos?
- 32 - Como você usa as informações que a bibliotecária lhe passa nos encontros?
- 32 - Você já escreveu artigos ou publicou documentos sobre seu trabalho na rede?

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - COLETA DE DADOS VIRTUAL PARA BIBLIOTECÁRIAS

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa SOZINHA EU ANDO BEM, MAS COM VOCÊ ANDO MELHOR: as práticas informacionais de bibliotecárias e mediadoras de leitura da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC), que está sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) Yasmin Wink Finger, *****

Sob a orientação de: Edilene Maria Silva Telefone: *****, e-mail *****. Todas as suas dúvidas podem ser esclarecidas com o responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde em participar desse estudo, pedimos que assinale a opção de “Aceito participar da pesquisa” no final desse termo.

O (a) senhor (a) estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Descrição da pesquisa e esclarecimento da participação: A pesquisa está sendo realizada a partir da atuação da pesquisadora enquanto bibliotecária de bibliotecas comunitárias, e tem como objetivo geral compreender as práticas informacionais de bibliotecárias e mediadoras de leitura da rede nacional de bibliotecas comunitárias. Como objetivos específicos possui: caracterizar o trabalho das bibliotecárias e mediadoras de leitura da RNBC; identificar as práticas informacionais das bibliotecárias da RNBC; identificar as práticas informacionais das mediadoras de leitura da RNBC; entender as relações entre as práticas informacionais de bibliotecárias e mediadoras de leitura. O procedimento de coleta de dados será a entrevista semiestruturada através de reunião no Google Meet. A entrevista seguirá este roteiro: 1) primeiramente será entrevistada a bibliotecária com duração prevista de 30 minutos; 2) depois será entrevistada a mediadora com previsão de 30 minutos; 3) reunir bibliotecária e mediadora para responder as perguntas referentes ao seu trabalho em equipe com expectativa de 30 minutos. Estas entrevistas serão realizadas no mesmo dia, em caso de acontecer algo que impeça a conclusão das 3 etapas, se acordará com as entrevistas outro momento para continuar a entrevista também no mesmo formato online. No total a previsão é de conclusão em 1 hora e 30 minutos. Será solicitada a permissão para gravação da entrevista. Os nomes solicitados na entrevista serão trocados por nomes fictícios para manter a integridade dos mesmos.

RISCOS: Os riscos existem, como eventual constrangimento frente às perguntas que, porventura, não sejam de conhecimento destes atores. Há, portanto, apenas perguntas que envolvam o trabalho profissional cotidiano desses atores, e não apresentamos perguntas sobre a vida pessoal dos participantes. Para minimizar os riscos, a pesquisadora deixará evidente e registrado que os participantes não têm obrigação de responder as perguntas e a todo momento irá reafirmar isto. Outro risco apontado é o de sentir cansaço ao longo das entrevistas, visto que a entrevista é dividida em três etapas (30 minutos com a bibliotecária, 30 minutos com a mediadora e 30 minutos com bibliotecária e mediadora de leitura, ao total fechando 1 hora e 30 minutos). Para minimizar este risco, a pesquisadora reduziu as perguntas ao número suficiente à pesquisa e para não provocar cansaço aos respondentes. Os voluntários têm o direito de não querer participar ou de sair deste estudo a qualquer momento, sem nenhuma penalidade.

BENEFÍCIOS diretos/indiretos para os voluntários: Prevemos benefícios diretos à bibliotecárias e mediadoras de leitura por se tratar de um assunto que infere sobre a rotina do dia a dia desses profissionais, sobretudo nas práticas informacionais do trabalho junto à biblioteca. A entrevista

estruturada com perguntas sobre práticas informacionais ajudará as bibliotecárias a refletirem sobre prática informacional, e por conseguinte, compreender estas práticas pode contribuir no andamento do trabalho e consequentemente na informação que é entregue aos leitores. Para as bibliotecárias, os benefícios diretos envolvem maior compreensão sobre suas práticas, provocando assim um acompanhamento mais aperfeiçoado. Como benefícios indiretos, prevemos que a pesquisa entregará saberes relevantes para o campo teórico prático da biblioteconomia e ciência da informação, será mais uma contribuição para reflexões e trará mais visibilidade para as bibliotecas comunitárias na academia.

Esclarecemos que os participantes dessa pesquisa têm plena liberdade de se recusar a participar do estudo e que esta decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa, as entrevistas, ficarão armazenados em pastas de arquivo, sob a responsabilidade do pesquisador, no endereço acima informado, pelo período de mínimo 5 anos após o término da pesquisa.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, o (a) senhor (a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cephumanos.ufpe@ufpe.br.**

(Assinatura do Pesquisador)

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, _____, CPF: _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo SOZINHA EU ANDO BEM, MAS COM VOCÊ ANDO MELHOR: as práticas informacionais de bibliotecárias e mediadoras de leitura da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC), como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo(a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento para participar da pesquisa.

Aceito Participar da pesquisa

Não aceito participar da pesquisa

APÊNDICE D

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - COLETA DE DADOS VIRTUAL - MEDIADORAS DE LEITURA

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa SOZINHA EU ANDO BEM, MAS COM VOCÊ ANDO MELHOR: as práticas informacionais de bibliotecárias e mediadoras de leitura da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC), que está sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) Yasmin Wink Finger, *****.

Sob a orientação de: Edilene Maria Silva Telefone:*****, e-mail *****. Todas as suas dúvidas podem ser esclarecidas com o responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde em participar desse estudo, pedimos que assinale a opção de “Aceito participar da pesquisa” no final desse termo.

O (a) senhor (a) estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Descrição da pesquisa e esclarecimento da participação: A pesquisa está sendo realizada a partir da atuação da

pesquisadora enquanto bibliotecária de bibliotecas comunitárias, e tem como objetivo geral compreender as práticas informacionais de bibliotecárias e mediadoras de leitura da rede nacional de bibliotecas comunitárias. Como objetivos específicos possui: caracterizar o trabalho das bibliotecárias e mediadoras de leitura da RNBC; identificar as práticas informacionais das bibliotecárias da RNBC; identificar as práticas informacionais das mediadoras de leitura da RNBC; entender as relações entre as práticas informacionais de bibliotecárias e mediadoras de leitura. O procedimento de coleta de dados será a entrevista semiestruturada através de reunião no Google Meet. A entrevista seguirá este roteiro: 1) primeiramente será entrevistada a bibliotecária com duração prevista de 30 minutos; 2) depois será entrevistada a mediadora com previsão de 30 minutos; 3) reunir bibliotecária e mediadora para responder as perguntas referentes ao seu trabalho em equipe com expectativa de 30 minutos. Estas entrevistas serão realizadas no mesmo dia, em caso de acontecer algo que impeça a conclusão das 3 etapas, se acordará com as entrevistas outro momento para continuar a entrevista também no mesmo formato online. No total a previsão é de conclusão em 1 hora e 30 minutos. Será solicitada a permissão para gravação da entrevista. Os nomes solicitados na entrevista serão trocados por nomes fictícios para manter a integridade dos mesmos.

RISCOS: Os riscos existem, como eventual constrangimento frente às perguntas que, porventura, não sejam de conhecimento destes atores. Há, portanto, apenas perguntas que envolvam o trabalho profissional cotidiano desses atores, e não apresentamos perguntas sobre a vida pessoal dos participantes. Para minimizar os riscos, a pesquisadora deixará evidente e registrado que os participantes não tem obrigação de responder as perguntas e a todo momento irá reafirmar isto. Os voluntários têm o direito de não querer participar ou de sair deste estudo a qualquer momento, sem nenhuma penalidade.

BENEFÍCIOS diretos/indiretos para os voluntários: Prevemos benefícios diretos à bibliotecárias e mediadoras de leitura por se tratar de um assunto que infere sobre a rotina do dia a dia desses profissionais, sobretudo nas práticas informacionais do trabalho junto à biblioteca. Compreender estas práticas pode contribuir no andamento do trabalho e conseqüentemente na informação que é entregue

aos leitores. Para as mediadoras de leitura, os benefícios diretos envolvem maior compreensão sobre suas práticas, o conhecimento sobre informação e gestão da informação, o que auxiliará no dia a dia junto à bibliotecária. Como benefícios indiretos, prevemos que a pesquisa entregará saberes relevantes para o campo teórico-prático da biblioteconomia e ciência da informação, será mais uma contribuição para reflexões e trará mais visibilidade para as bibliotecas comunitárias na academia.

Esclarecemos que os participantes dessa pesquisa têm plena liberdade de se recusar a participar do estudo e que esta decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa, as entrevistas, ficarão armazenados em pastas de arquivo, sob a responsabilidade do pesquisador, no endereço acima informado, pelo período de mínimo 5 anos após o término da pesquisa.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, o (a) senhor (a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cephumanos.ufpe@ufpe.br.**

(Assinatura do Pesquisador)

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo **SOZINHA EU ANDO BEM, MAS COM VOCÊ ANDO MELHOR**: as práticas informacionais de bibliotecárias e mediadoras de leitura da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC), como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo(a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento para participar da pesquisa.

Aceito Participar da pesquisa

Não aceito participar da pesquisa

APÊNDICE E - CONTATO COM ENTREVISTADAS

Prezada companheira bibliotecária *****!

Envio este e-mail para convidá-la a participar, como entrevistada, da pesquisa de mestrado Sozinha eu ando bem, mas com você ando melhor, da qual sou a pesquisadora principal. A pesquisa terá como entrevistadas bibliotecárias e mediadoras de leitura da RNBC. Como critério de escolha para decisão de chamá-la, levamos em consideração:

Critério de inclusão – atuar enquanto bibliotecária de uma rede local que integra a RNBC; o tempo de atuação na RNBC; possuir experiências com formação de mediadoras de leitura e o interesse em participar da pesquisa.

Critérios de exclusão – atuar há menos de três anos na RNBC.

Para a seleção da mediadora de leitura, deixamos que seja a sua escolha, a partir das experiências que tem com as profissionais, todavia, sugerindo alguns critérios:

Critério de inclusão – atuar enquanto mediadora de leitura de uma rede local que integra a RNBC; o tempo de atuação na biblioteca comunitária; a participação ativa junto à bibliotecária; o interesse em participar da pesquisa.

Critérios de exclusão – atuar há menos de três anos na RNBC; não atuar junto da bibliotecária.

Algumas informações abaixo sobre a pesquisa e a entrevista:

A pesquisa está sendo realizada a partir da atuação da pesquisadora enquanto bibliotecária de bibliotecas comunitárias, e tem como objetivo geral compreender as práticas informacionais de bibliotecárias e mediadoras de leitura da rede nacional de bibliotecas comunitárias.

O procedimento de coleta de dados será a entrevista semiestruturada através de reunião no Google Meet.

A entrevista seguirá este roteiro:

- 1) primeiramente será entrevistada a bibliotecária com duração prevista de 30 minutos;
- 2) depois será entrevistada a mediadora com previsão de 30 minutos;

Estas entrevistas serão realizadas no mesmo dia, em caso de acontecer algo que impeça a conclusão das 3 etapas, se acordará com as entrevistas outro momento para continuar a entrevista também no mesmo formato online. No total a previsão é de conclusão em 1 hora e 30 minutos. Será solicitada a permissão para gravação da entrevista. Os nomes solicitados na entrevista serão trocados por nomes fictícios para manter a integridade dos mesmos.

Caso aceite participar, peço que sinalize positivamente via e-mail e envie o nome completo e e-mail da mediadora de leitura.

Gostaria de sugerir que as entrevistas fossem realizadas no período da noite, entre 19h e 20h30, ou no sábado, no horário que acharem mais adequado. Fico à disposição para a sua escolha de data e horário.

Envio, caso tenha interesse em ler, a dissertação de mestrado e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Meu telefone de contato segue sendo *****.

Um abraço,
Yasmin Wink